

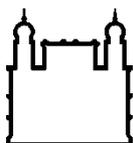
MINISTÉRIO DA SAÚDE  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde

OS MEDIADORES DA CASA DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO E SEUS DESAFIOS DIANTE DA  
PANDEMIA (SARS-COV-2)

ALINE MARIA ANDRADE DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro  
2022



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

## **INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

**Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde**

*ALINE MARIA ANDRADE DE OLIVEIRA*

Os mediadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)

**Orientador (es):** Prof. Dra. Isabela Cabral Félix de Sousa  
Prof. Dra. Livia Mascarenhas de Paula Cunha

**RIO DE JANEIRO**

Outubro de 2022

Oliveira, Aline Maria Andrade .

OS MEDIADORES DA CASA DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE  
FEDERALDO RIO DE JANEIRO E SEUS DESAFIOS DIANTE DA  
PANDEMIA (SARS-  
CoV-2) / Aline Maria Andrade Oliveira. - Rio de Janeiro, 2022.

CXXXVII,137ff.; il.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em  
Ensino em Biociências e Saúde, 2022.

Orientadora: Isabela Cabral Félix Sousa.

Co-orientadora: Lívia Mascarenhas de Paula Cunha.



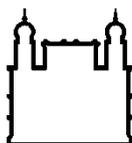
Ministério da Saúde

Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Oswaldo Cruz

Ata da defesa de dissertação de mestrado acadêmico em Ensino em Biociências e Saúde de **Aline Maria Andrade de oliveira**, sob orientação da Dr<sup>a</sup>. Isabela Cabral Félix de Sousa e coorientada pela Dr<sup>a</sup>. Livia Mascarenhas de Paula. Ao décimo dia do mês de outubro de dois mil e vinte e dois, realizou-se às treze horas e trinta minutos, de forma síncrona remota, o exame da dissertação de mestrado acadêmico intitulada: **“Os mediadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro e seus desafios diante da pandemia (SARS-COV-2)”**, no programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências - área de concentração: Ensino Não Formal em Biociências e Saúde, na linha de pesquisa: Divulgação, Popularização e Jornalismo Científico (NF). A banca examinadora foi constituída pelos Professores: Dr. Robson Coutinho Silva – UFRJ/RJ (Presidente), Dr<sup>a</sup>. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento – IFRJ/RJ, Dr. Chrystian Carletti – IFRJ/RJ, e como suplentes: Dr<sup>a</sup>. Lucia de La Rocque Rodriguez - UERJ/RJ e Dr<sup>a</sup>. Grazielle Rodrigues Pereira - IFRJ/RJ. Após arguir a candidata e considerando que a mesma demonstrou capacidade no trato do tema escolhido e sistematização da apresentação dos dados, a banca examinadora pronunciou-se pela aprovação da defesa da dissertação de mestrado acadêmico. De acordo com o regulamento do Curso de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, a outorga do título de Mestre em Ciências está condicionada à emissão de documento comprobatório de conclusão do curso. Uma vez encerrado o exame, o Presidente da Banca atesta a decisão e a participação da aluna e de todos os membros da banca de forma síncrona remota. A Coordenadora do Programa Dr<sup>a</sup>. Clelia Christina Mello Silva Almeida da Costa, assinou a presente ata tomando ciência da decisão dos membros da banca examinadora. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2022.

  
Dr. Robson Coutinho Silva (Presidente da Banca):

  
Dr<sup>a</sup>. Clelia Christina Mello Silva Almeida da Costa (Coordenadora do Programa):



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

## **INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

### **Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociência e Saúde**

AUTORA: ALINE MARIA ANDRADE DE OLIVEIRA

### **OS MEDIADORES DA CASA DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO E SEUS DESAFIOS DIANTE DA PANDEMIA (SARS-CoV-2)**

**ORIENTADOR (ES): Prof. Dra. Isabela Cabral Félix de Sousa**

**Prof. Dra. Livia Mascarenhas de Paula Cunha**

**Aprovada em: 10/10/2022**

#### **EXAMINADORES:**

**Prof. Dr. Robson Coutinho Silva - Presidente (UFRJ)**

**Prof. Dra. Gabriela Ventura do Nascimento (IFRJ/RJ)**

**Prof. Dr. Chrystian Carlétti (IFRJ/RJ)**

**Prof. Dr. Gustavo Henrique Varela Saturnino Alves (Suplente) (MAST/RJ)**

**Prof. Dra. Grazielle Rodrigues Pereira (Suplente) (IFRJ/RJ)**

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2022

*O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem  
Guimarães Rosa*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade que me deu, de vencer dias de escuridão vivenciados pelo mundo em decorrer de uma pandemia, por cumprir mais uma etapa de minha formação acadêmica.

À Dra. Isabela Cabral Felix de Souza e à Dra. Livia Mascarenhas de Paula Cunha por sua paciência e dedicação no meu auxílio.

Ao Conselho Nacional de Pesquisas e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por financiar este estudo, permitindo sua realização.

Aos professores e funcionários da Pós-Graduação em Ensino em Biociência e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, por me proporcionarem a oportunidade de cursar o Mestrado.

A Casa da Ciência que me deu todo o auxílio necessário para a pesquisa, a todos os seus servidores sempre muito solícitos e amigáveis me fazendo sentir em Casa, e contribuindo para que este trabalho fosse realizado.

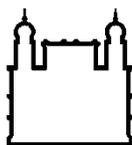
A todos os mediadores, que, pacientemente, dispuseram de seu tempo para a realização das entrevistas para que esta pesquisa se realizasse.

À Dra. Lucia de La Rocque Rodriguez, ao Dr. Robson Coutinho Silva, à Dra. Valéria da Silva Trajano, por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação, para a qualificação desta dissertação, e por suas valiosas contribuições. À Dra. Lucia de La Rocque Rodriguez por aceitar o convite para revisar esta dissertação.

Ao Dr. Robson Coutinho Silva, à Dra. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento, ao Dr. Chrystian Carlétti, Dr. Gustavo Henrique Varela Saturnino Alves e a Dra. Grazielle Rodrigues Pereira, por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação deste trabalho.

A meu esposo Antonio Soares por toda sua compreensão, companheirismo, amor, e por seu meu porto seguro nos momentos difíceis nestes dois anos que perdemos parentes, amigos e conhecidos durante a pandemia. Por me amparar nos momentos de dificuldade e desanimo. Obrigado por iluminar meu caminho com sua alegria e leveza.

Aos meus amigos de curso que sempre estavam dispostos a ajudar. Em especial a Mirna Pacheco, Gabryella Ferreira e Beatriz Coelho, por me acompanharem mesmo que remotamente trocando informações, incentivos e carinho. Por fim à toda minha família e à família do meu esposo, por sempre me incentivarem a dar o meu melhor neste trabalho.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

## INSTITUTO OSWALDO CRUZ

### OS MEDIADORES DA CASA DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO E SEUS DESAFIOS DIANTE DA PANDEMIA (SARS-CoV-2)

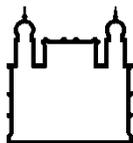
#### RESUMO

#### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Aline Maria Andrade de Oliveira

O uso da mediação humana em Museus e centros de ciência e tecnologia, tem se tornado cada dia mais comum e diversos estudos apontam a mediação humana como sendo de extrema importância no cotidiano destes espaços. O mediador pode ser considerado, portanto, a humanização dos espaços em que atua, apresentando-se como vínculo direto entre a instituição e o público visitante. No entanto, esta estratégia tão cara aos espaços, pode ser bastante afetada pelas regras de distanciamento social e sanitárias, vigentes em um contexto pandêmico, o que foi o caso de museus em todo o mundo, com o surgimento da pandemia de COVID-19. Tendo em vista que a mediação humana nos museus e centros de ciência e tecnologia mostra-se muito central e, considerando as mudanças impostas por uma pandemia, o presente estudo buscou compreender, a partir da visão dos atores sociais envolvidos neste contexto, as dificuldades enfrentadas e perspectivas da mediação humana na Casa da Ciência — Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a partir das demandas impostas pela pandemia causada pelo vírus (SARS-CoV-2). Esta pesquisa tem como base uma investigação orientada pelos padrões da pesquisa qualitativa e, à luz de análise documental e da análise de conteúdo de Bardin, debruçou-se sobre entrevistas semiestruturadas com os mediadores e servidores da Casa da Ciência da UFRJ; e de documentos disponibilizados pela instituição. Assim, buscando compreender como se estrutura a mediação na Casa da Ciência, as atividades desenvolvidas no período da pandemia entre 2020 e 2021 e, as percepções da equipe de mediadores e servidores que lidam diretamente com eles sobre os efeitos da pandemia na mediação. Os dados obtidos descortinaram a situação complexa onde todos estavam inseridos, especialmente os mediadores, por conta dos reflexos da pandemia em suas vidas pessoal, acadêmica e nas perspectivas quanto à própria atuação como mediadores. Aspectos como a saúde mental dos estudantes, a dificuldade nos estudos e conclusão do curso, os impactos financeiros na família e a saudade do contato com o público ficaram evidentes nas falas. As perspectivas quanto ao futuro da mediação em museus e centros de ciência foram abordadas tanto pelos mediadores quanto pelas servidoras entrevistadas e, além disso, muitos relatos dos impactos positivos da atuação como mediador no cotidiano dos estudantes foram apresentados. Por fim, acreditamos que este trabalho poderá contribuir com uma visão ampliada sobre a mediação em um museu de ciência durante a pandemia, bem como os desafios enfrentados pela equipe no processo de luta pela permanência da instituição, mesmo em situações tão adversas.

**Palavras-chave:** Museus de Ciência; Mediadores; Pandemia.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

**INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

**THE MEDIATORS OF CASA DA CIÊNCIA - FEDERAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO - AND THEIR CHALLENGES BEFORE THE PANDEMIC (SARS-CoV-2)**

**ABSTRACT**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE**

Aline Maria Andrade de Oliveira

The use of human mediation in museums and science and technology centers has become increasingly common and several studies point to human mediation as being extremely important in the daily life of these spaces. The mediator can be considered, therefore, the humanization of the spaces in which he works, presenting himself as a direct link between the institution and the visiting public. However, this strategy, so prized to spaces, can be greatly affected by the rules of social and health distance, in force due to the pandemic context, which was the case for museums around the world, with the emergence of the COVID-19 pandemic. Considering that human mediation in museums and science and technology centers is very central and considering the changes imposed by a pandemic, the present study sought to understand, from the point of view of the social actors involved in this context, the difficulties faced and the perspectives of human mediation at Casa da Ciência — Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) based on the demands imposed by the pandemic caused by the virus (SARS-CoV-2). This research is based on an investigation guided by the standards of qualitative research and, in the light of documents analysis and Bardin's content analysis, it focused on semi-structured interviews with the mediators and servants of the Casa da Ciência at UFRJ; and documents made available by the institution. Thus, seeking to understand how mediation is structured in the Casa da Ciência, the activities carried out during the pandemic period between 2020 and 2021, and the perceptions of the team of mediators and servants who deal directly with them about the effects of the pandemic on mediation. The obtained data revealed the complex situation in which everyone was inserted, especially the mediators, due to the consequences of the pandemic in their personal and academic lives and in the perspectives regarding their own performance as mediators. Aspects such as the students' mental health, the difficulty in studying and completing the course, the financial impacts on the family and the longing for contact with the public were evident in the speeches. The prospects for the future of mediation in museums and science centers were addressed by both mediators and civil servants interviewed and, in addition, many reports of the positive impacts of acting as a mediator on students' daily lives were presented. Finally, we believe that this work can contribute to an expanded view of mediation in a science museum during the pandemic, as well as the challenges faced by the team in the process of fighting for the permanence of the institution, even in such adverse situations.

**Keywords:** Science Museums; mediators; Pandemic.

## Sumário

<b>RESUMO</b> .....	9
<b>ABSTRACT</b> .....	10
<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	1
<b>2 INTRODUÇÃO</b> .....	3
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	5
3.1 <b>Museus e Centros de Ciência e Tecnologia Interativos</b> .....	5
3.2 <b>A mediação humana em espaços culturais</b> .....	12
3.2.1 O uso da mediação em Museus e Centros de Ciência e Tecnologia .....	13
3.2.2 Os mediadores de Museus e Centros de Ciência do Brasil .....	18
3.3 <b>Os Museus e a pandemia de SARS-COV -2</b> .....	20
<b>4 OBJETIVOS</b> .....	26
4.1 <b>Objetivo Geral</b> .....	26
4.2 <b>Objetivos Específicos</b> .....	26
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	27
5.1 <b>Ferramentas de coleta e análise de dados</b> .....	27
5.2 <b>Local de realização da pesquisa</b> .....	29
<b>6 RESULTADOS</b> .....	35
6.1 <b>A mediação na Casa da Ciência da UFRJ</b> .....	35
6.1.1 Histórico e estrutura .....	35
6.1.2 Ações desenvolvidas durante o período da pandemia .....	42
6.2 <b>Os mediadores da Casa da Ciência da UFRJ</b> .....	47
6.2.1 Perfil dos entrevistados .....	47
6.2.2 As percepções dos mediadores .....	49
6.3 <b>Entrevistas de retorno</b> .....	69
<b>7 DISCUSSÃO</b> .....	72
7.1 <b>Sobre a Casa da Ciência da UFRJ</b> .....	72

7.1.1	História e estrutura.....	72
7.1.2	Ações desenvolvidas durante o período da pandemia.....	79
7.2	<b>Sobre os mediadores da Casa</b> .....	81
7.2.1	Perfil dos entrevistados .....	81
7.2.2	Impactos na vida acadêmica e pessoal dos mediadores da Casa da Ciência UFRJ. ....	83
7.2.3	Vivência sobre a mediação em museus .....	85
7.2.4	Expectativas quanto ao trabalho de mediação no mundo pós pandemia.....	87
7.3	<b>Entrevista de retorno</b> .....	90
8	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	99
	<b>APÊNDICES</b> .....	107
	<b>APÊNDICE I - Roteiro da entrevista com os mediadores</b> .....	108
	<b>APÊNDICE II – Termo de consentimento livre e esclarecido para os mediadores</b> ....	110
	<b>APÊNDICE III - Roteiro da entrevista com as servidoras</b> .....	115
	<b>APÊNDICE IV – Termo de consentimento livre e esclarecido para as servidoras entrevistadas</b> .....	116
	<b>APÊNDICE V - Roteiro da entrevista de retorno com os mediadores</b> .....	121
	<b>APÊNDICE VI – TCLE da entrevista de retorno com os mediadores</b> .....	122

# 1 APRESENTAÇÃO

Nesta apresentação realizo um breve relato dos caminhos que percorri até chegar aqui no mestrado que sempre sonhei. Mais que elaborar relatos sobre o meu currículo, tenho como propósito expor minhas experiências e reflexões para que fizesse a escolha dos mediadores como objeto de estudo desta dissertação.

Minha escolha pela Biologia teve início na escola estadual João Rezende, no interior de Minas Gerais, na cidade de Uberlândia onde nasci. Fiz toda minha formação na mesma escola e no ensino médio, fiz aulas no turno da noite, pois trabalhava no período diurno o que às vezes era bem exaustivo. No entanto, apesar do cansaço, eu mal podia esperar pelas aulas de Biologia da professora Audália Ribeiro, pois ela era incrível e sempre trazia coisas diferentes e prendia a nossa atenção: mesmo cansados ela conseguia trazer o brilho do aprendizado aos nossos olhos e me fez querer ser como ela. Só consegui ingressar na graduação em Ciências Biológicas com licenciatura plena com 26 anos, já casada e morando em Niterói, RJ. Minha graduação foi realizada nas Faculdades Integradas Maria Thereza na mesma cidade, tendo sido concluída em 2014. Ainda na faculdade somos direcionados a estágios docentes e ali eu já constatava as dificuldades para me tornar uma professora e me expressar como a mestra em que eu me espelhava.

Após formada, consegui lecionar em uma escola niteroiense que tinha como direcionamento metodológico o preparo de seus alunos para concursos militares. Por conta disso, lecionar sobre apostilas e sem liberdade de expressão ou formulação das aulas, por metodologias antigas, me frustrou muito. Eu não consegui seguir na docência e desisti deste sonho por um tempo. Trabalhei em outras áreas, e na minha segunda paixão: a culinária. Assim, por 7 anos fiquei longe do meu sonho de ensinar.

Foi então que um dia, indo fazer um passeio num shopping, conheci a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fiquei encantada e vi em suas redes sociais que eles estavam buscando voluntários para trabalhar em uma exposição sobre o corpo humano. Me cadastrei no ano de 2019, fui aceita, fiz a capacitação e então trabalhei três dias na semana como mediadora por três meses de forma voluntária.

Eu não sabia o que era ser mediadora até me tornar uma, e eu não sabia que isso mudaria minha vida. Esta exposição em que trabalhei foi muito procurada, tinha como nome: Aventura pelo corpo humano, e já nos primeiros dias as filas eram imensas na porta da Casa da Ciência. Em minha primeira mediação, peguei um grupo com dez crianças que tinham

entre cinco e nove anos. Com ajuda de um mediador mais experiente me auxiliando, passamos por todo o circuito da exposição, e ver aquelas crianças com os olhos brilhando sobre as novas descobertas me despertou a vontade de me desenvolver em uma área em que eu acabara de descobrir: a educação não formal em Museus.

Então, após trabalhar nesta exposição, vieram outras nas quais também atuei, eu comecei a ler e me interessar por Museus e mediação, e a entender a importância deste trabalho nestes locais, resolvi me aprofundar no assunto, por meio do mestrado. Embora a maioria dos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia tenham os mediadores como peças importantes para o funcionamento destas instituições no nosso país, ainda existem poucos estudos relacionados a estes profissionais e suas percepções sobre o próprio trabalho.

Portanto, buscando dar uma contribuição às pesquisas desta área, elaboramos um projeto direcionado a entender como se dava a capacitação dos mediadores dentro dessas instituições no início do mestrado. No entanto, com a chegada da pandemia de SARS-CoV-2 em março do ano 2020, e o fechamento dos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia, esse projeto ficou inviabilizado.

Impactadas pela Pandemia como outras profissionais (LIMA e CORDEIRO, 2021) mudamos a direção da pesquisa e voltamo-nos a um novo tema, tendo como objetivo avaliar os possíveis impactos que a pandemia pode ter causado na vida social, acadêmica e profissional dos mediadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## 2 INTRODUÇÃO

A comunicação eficaz e de qualidade no âmbito da ciência e tecnologia se torna cada dia mais necessária, nos tempos de obscurantismo e negação da ciência em que vivemos, principalmente nos aspectos diretamente relacionados ao desenvolvimento socioeconômico e cultural da população. Neste sentido, a divulgação científica apresenta-se como ferramenta importante, pois direciona a informação ao público, relacionando-a ao seu cotidiano e vivência, e aproximando o público não especializado da ciência.

Muitas são as ferramentas utilizadas para divulgar e popularizar a ciência, e dentre elas, os Museus e Centros de Ciência e Tecnologia, vêm sendo apontados como espaços privilegiados para que a divulgação científica seja realizada (VALENTE, 2004). Ainda segundo Valente (2004, p.3): “É tendência mundial utilizar cada vez mais os Museus e Centros de Ciência e Tecnologia não só como instrumento de divulgação do conhecimento científico e tecnológico, mas também de democratização do acesso a esse conhecimento”.

Na busca por integração e diálogo ampliado com o público, o artifício da mediação humana vem sendo usado para comunicação, com importância significativa entre o público e a instituição visitada. Os mediadores destes espaços atendem a diferentes públicos e, por isso, têm que se adaptar aos mesmos, no intuito de comunicar a ciência de forma clara e objetiva, mantendo a atenção, o foco e a qualidade da informação aos visitantes, o que torna o trabalho de mediação um tanto quanto complexo e desafiador.

Neste sentido, Gomes (2013, p.32), aponta que “(...) no contexto dos Museus, a mediação facilita a relação do público com o objeto cultural. Permite a apropriação do segundo pelo primeiro, gerando novas e diversas significações, conforme a interpretação de cada sujeito”. Visualizamos então, a atuação do mediador como sujeito capaz de humanizar a exposição, trazendo o tema tratado para implicações cotidianas do visitante, fazendo com que ele se sinta integrado ao espaço, trazendo mais possibilidades de sua participação e interação com o meio. Conduzindo esta conexão, o mediador se torna o elo entre o público e a exposição, trazendo para si a responsabilidade de ser uma das peças mais importantes dessas instituições. Diversos são os autores a discorrer sobre a importância dos mediadores nos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia. Segundo Rodari e Merzagora (2007, p.10):

Mediadores são o único “artifício museológico” realmente bidirecional e interativo. De fato, nenhuma exposição interativa ou ferramenta multimídia pode realmente ouvir os visitantes e responder às suas reações. Tais reações podem variar entre perguntas estritamente informativas, do tipo “como isso funciona?”, a comentários

emocionais, como “isso me preocupa”. Mediadores podem adaptar suas apresentações e seus tipos de respostas não apenas a parâmetros gerais, como grupos de idade, mas também a aspectos mais sutis, o que caracteriza o desenvolvimento de uma boa conversa. Isso pode ser extremamente recompensador, mas também é uma tarefa muito difícil.

Respalhada pela afirmação desses autores, de que os mediadores têm deveras importância nessas instituições e que sua atuação além de desafiadora e complexa, tem como característica principal o contato direto com o público nestes locais, podemos então questionar se, com o avanço da pandemia, as medidas de distanciamento social e restrições sanitárias, comprometeram o uso deste artifício tão importante que é mediação humana, e se este trabalho ainda será considerado possível em um mundo pós pandêmico?

Com as restrições e medidas de prevenção quanto à disseminação do vírus e o fechamento das instituições por tempo indeterminado, a presença dos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia nas mídias sociais teve um acentuado crescimento, trazendo novas formas de interação e contato com o público, as possibilidades se multiplicaram e esses locais aproveitaram a oportunidade para se abrirem a novas experiências, vislumbrando outras possibilidades de integração social e sobrevivência, trazendo incertezas aos colaboradores que portavam atividades diretamente ligadas aos públicos, como os mediadores.

Portanto, este trabalho, diante desta realidade, tem como problema de investigação: verificar quais os impactos na vida cotidiana e acadêmica dos mediadores da Casa da Ciência — Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) bem como suas implicações e perspectivas com relação ao trabalho como mediador nas ações museológicas durante a pandemia de SAR-CoV-2.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 Museus e Centros de Ciência e Tecnologia Interativos**

Os Museus e Centros de Ciência e Tecnologia passaram por profundas modificações e reformulações, tanto no aspecto de sua estrutura quanto no seu relacionamento com a sociedade. Tais espaços caracterizam-se como espaços não formais de educação que visam a divulgação e popularização da ciência, relacionando-a com seu cotidiano de forma participativa e lúdica.

Diversos autores citam características históricas destas instituições (GASPAR, 1993; CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003; VALENTE, 2004; GRUZMAN e SIQUEIRA, 2007, CARLÉTTI, 2016, PAULA, 2017) e suas modificações com o passar do tempo.

No princípio, um dos primeiros tipos de Museus de Ciência de que se tem conhecimento foi criado por nobres europeus do século XVII que tinham o costume de acumular objetos como: fósseis, animais empalhados, aparatos científicos, moedas etc. E a este se dava o nome de “Gabinete de curiosidades” (CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003). Esses estabelecimentos ainda não priorizavam a divulgação de ciências ou informação e eram extremamente restritos a uma pequena parcela seleta de nobres da sociedade.

Esses espaços começaram a modificar seus objetivos no final do século XVII ao utilizar como suporte de estudos, demonstração e difusão as suas coleções (CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003), sendo mais que uma sala de exposição de objetos curiosos, utilizando essas peças como fonte de contribuição para o crescimento e aprimoramento de estudos científicos. Assim, os gabinetes de curiosidades dão lugar aos Museus científicos. Os Museus de Ciência, segundo autores como McManus (1992) e Friedmam (2007), foram concretizados em diferentes vertentes, o que possibilita classificar os Museus dentro do que se chama gerações, observada na proposta desses dois autores, gerações distintas de Museus, os de primeira geração. Advindos dos Museus de história natural com foco na exposição de suas coleções e acervos onde o público é passivo e contemplador. É no final do século XVIII, que esses configuram-se como definição pública do museu (GRUZMAN e SIQUEIRA, 2007).

Já os Museus de segunda geração são concretizados a partir de ideias científicas e industriais, com uma maior preocupação com a exposição exibida. Para Cazelli, Marandino e Studart (2003, p.85) “A função educativa/comunicativa ganha força no museu, enquanto a

função de pesquisa<sup>1</sup> — ainda que importante — não é mais visível para o público.” Nesta geração, os Museus eram muito tecnicistas e suas exposições eram voltadas diretamente para a indústria focada na aplicação da tecnologia nos trabalhos em geral. E nesta geração no século XX surge o *Deutsches Museum* (Alemanha, 1903), considerado um marco na história dos Museus de Ciência, pois trazia um novo formato de comunicação com os visitantes (CAZELLI, MARANDINO e STUDART, 2003), aos quais se possibilita o acesso aos instrumentos interativos físicos, exibidos por acionamento de botões ou manivelas, conhecidos como *push-button* (MCMANUS, 1992; FRIEDMAN, 2007).

Com o advento da II Guerra Mundial os Museus de Ciência sofrem mudanças significativas, tendo uma preocupação com a sua relação com o seu público, se atentando a vertentes educacionais e procurando maior participação dos visitantes para poderem ter maior envolvimento com o que era apresentado nos espaços (GRUZMAN e SIQUEIRA, 2007). Vão surgindo anos mais tarde os Museus de terceira geração, que primordialmente prezam a interação com o público e são mais conhecidos como Centros de Ciência e Tecnologia. Para Cazelli, Marandino e Studart (2003, p.87): “Os Museus de Ciência de terceira geração vão se diferenciar radicalmente dos outros por realizarem exposições que não se baseavam em coleções de objetos históricos: apresentavam ideias no lugar de objetos.” Neste arquétipo a mediação humana entre a exposição e o público se mostra como forte característica (CAZELLI, MARANDINO e STUDART, 2003). O grande acontecimento do nascimento dos Centros de Ciência e Tecnologia foi a criação do museu “*Exploratorium*” em 1969, inaugurado na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos (EUA), que teve como fundador o físico e professor de ciências Frank Oppenheimer. Esse espaço tinha como missão disseminar a fascinação pela ciência, fazendo o público experimentar o processo científico na totalidade e não só o produto (CAZELLI, MARANDINO e STUDART, 2003).

Há ainda alguns autores que defendem haver uma quarta geração de Museus de Ciência como Jorge Padilla (2001), onde essas instituições provocam uma interação criativa do visitante, oferecendo uma imersão nas exposições e deixando uma incógnita em sua finalização, fazendo com que o público visitante redefina a exposição de acordo com sua experiência e vivência. Ainda segundo o autor é esperado que a quarta geração de Museus construa pontes para a união da tecnologia de ponta e o cotidiano do público, proporcionando vivenciar a ciência de maneira constante. Muitos Museus de Ciências considerados na

---

<sup>1</sup> A função de pesquisa a que o texto se refere é a do uso do espaço museal para o desenvolvimento de pesquisas com o acervo, função essa não acessível ao grande público.

categoria de terceira geração já promovem interações que podem ser vistas como Museus de quarta geração, segundo a definição de Padilla (2001).

Cabe evidenciar que apesar de apresentar de forma cronológica o surgimento de Museus e suas diferentes gerações, elas não são gradativas e os Museus de diferentes gerações coexistem até os dias atuais ampliando a probabilidade de distintas formas de divulgação da ciência e das tecnologias. Conforme expresso por Cazelli, Marandino e Studart (2003, p.02): “Hoje, as características dessas distintas gerações coexistem em um mesmo museu. Vale destacar que essas gerações possuem trajetórias independentes e paralelas, pois a origem de uma não depende da outra”.

No Brasil, os Museus e Centros de Ciência e Tecnologia também passaram por diversas transformações, conforme apontado por Paula (2017, p. 20): “Assim como no restante do mundo, os Museus de Ciência brasileiros passaram por diversas transformações. No entanto, ainda que o surgimento de um número maior destes espaços tenha se dado nos últimos 30 anos, o movimento tem sido constante”. Este movimento recente se deu na busca de mais interação e aproximação da ciência com a sociedade, criando mais instituições e aproximando-as do público.

O primeiro museu de ciência no Brasil foi o chamado Museu Real, criado por um decreto de Dom João VI em 1818 hoje denominado como Museu Nacional, sofreu um incêndio de grandes proporções no mês de setembro de 2018 que levou à perda considerável de seu acervo. O Museu Nacional, no seu início, buscava disseminar conhecimentos científicos das Ciências Naturais do Reino do Brasil, e tinha por finalidade a formação de naturalistas e a promoção de expedições científicas (GASPAR, 1993; VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005).

Em 1866 foi criado outro museu muito importante: o Museu Paraense, na cidade de Belém, tendo como finalidade a divulgação de produtos naturais locais para o incentivo da agricultura e da diversificação das exportações (SANJAD, 2005). Após passar por dificuldades financeiras em 1889, chegou até mesmo a ser considerado extinto. No ano seguinte, no entanto, após mudanças políticas locais passou por reforma, o zoólogo suíço Emílio Goeldi tendo sido contratado no ano de 1894, trazendo a essa instituição ações de divulgação de ciências, o que pôde aproximá-la da população. No ano de 1931 o Museu passou a se chamar Museu Paraense Emílio Goeldi em sua homenagem, pois o zoólogo proporcionou uma atuação divulgadora, promovendo a interação e o compartilhamento do acervo com a população. (GASPAR, 1993).

Também no ano de 1884, por determinação da Princesa Isabel, é criado o Museu Botânico do Amazonas que tinha como atribuição o estudo botânico amazonense, bem como a exibição de artefatos indígenas, mantendo sob sua guarda produtos naturais e industriais e uma seção etnográfica (LOPES, 2009). Este era aberto ao público aos domingos, mas podia ser visitado por naturalistas a qualquer dia, oferecendo cursos teóricos e práticos de agricultura e agrimensura (LOPES, 2009).

No ano de 1894, findando o século XIX, é inaugurado o Museu Paulista coordenado pelo zoólogo Herman von Ihering, instituição semelhante a instituições europeias e dos Estados Unidos (EUA) (LOPES, 2009), em que este zoólogo fazia a recomendação aos professores que visitassem o museu com antecedência, para serem instruídos sobre as coleções ou exposições e assim poderem passar informações claras aos seus alunos. Atualmente o Museu Paulista dedica-se à Etnografia, à Numismática Nacional e à História.

Outros três espaços científicos e culturais muito importantes foram inaugurados no começo do século XX: o Horto Florestal Dois Irmãos da cidade de Recife no estado de Pernambuco em 1916, o Museu de Anchieta de Ciências Naturais da cidade de Porto Alegre no estado do Rio grande do Sul em 1917, e o Instituto Vital Brasil da cidade de Niterói no estado Rio de Janeiro em 1919 (MASSARANI et al., 2015). Já no ano de 1920 aconteceram movimentações político-sociais para a reforma educacional no Brasil e isso foi primordial para a divulgação científica no país, pois deu força para as atividades de divulgação científica (ABRANTES; AZEVEDO, 2010; MOREIRA; MASSARANI, 2001).

A divulgação científica e a reforma da educação obtiveram sustentação em duas instituições criadas por intervenções de intelectuais e cientistas da cidade do Rio de Janeiro: a Sociedade Brasileira de Ciência criada no ano de 1916 e que em 1921 se tornou a Academia Brasileira de Ciências (ABC), tendo como umas das suas missões institucionais “Promover a mobilização da comunidade científica para que ela atue junto aos poderes constituídos, visando o avanço científico e tecnológico nacional e o incentivo à inovação” (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2013 p.6). Também a Associação Brasileira de Educação (ABE) foi criada no ano de 1924 e “surgiu para enfrentar os graves problemas que obstruíam o desenvolvimento da educação brasileira” (PAULINY,1981, p.64). Nessa mesma década três importantes Museus de Ciência do Brasil foram inaugurados: O Museu Histórico Nacional (1922), O Museu Republicano, em Itu, São Paulo (1923) e o Jardim Botânico de São Paulo (1928) (CARLÉTTI, 2016).

No ano de 1946 foi criado o Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (IBECC) vinculado à Universidade de São Paulo (USP) e à Organização das Nações Unidas

para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e no ano de 1948 foi criada a Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência (SBPC), essas instituições tiveram um papel primordial para o crescimento da cultura científica em nosso país. O IBECC desenvolveu “kits” de baixo custo e promoveu apresentações de equipamentos de indústrias de modo que essas ações chamassem a atenção de jovens buscando despertar interesse deles por ciências e tecnologias. Eram realizados em seus espaços, publicações, cursos e produção de equipamentos laboratoriais para universidades. Entretanto, é bom salientar que tais práticas para o desenvolvimento no ensino de ciências estavam distanciadas do ambiente escolar, sendo desenvolvidas apenas no ensino superior (CAZELLI et al., 2003). Em 1951, é criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) que tem desde então por finalidade “promover e estimular o desenvolvimento da investigação científica e tecnológica em qualquer domínio do conhecimento” (BRASIL, 1951.A) e a Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior atual (CAPES) que objetiva até hoje “assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país” (BRASIL, 1951B). De acordo com Valente:

Ainda que acanhadamente, direta ou indiretamente, parece ser a partir daí que se faz sentir, no país, um esforço na direção da idealização dos Museus de Ciência como ferramenta de educação e de divulgação científica. E, proporcionar uma perspectiva de melhorar o acesso dos indivíduos ao conhecimento sobre as ciências (VALENTE, 2008, p. 130).

A partir dos anos de 1960 com o aprimoramento de tecnologias espaciais soviéticas e em plena Guerra Fria os Estados Unidos, pressionados pelo pioneirismo dos soviéticos, se sentiram “(...) defasados nos mais diversos aspectos, sentimento esse que impulsionou o encaminhamento da reforma curricular na área do ensino das ciências e na tentativa de tornar esta área um dos pilares do ensino no âmbito escolar” (TEIXEIRA, 2013, p. 802). Fato que influenciou diretamente o nosso país tendo os autores Moreira e Massarani afirmado que:

(...) Sob o influxo de transformações ocorridas na educação em ciências nos EUA, iniciou-se no Brasil um movimento educacional renovador, escorado na importância da experimentação para o ensino de ciências. Esse movimento, entre outras consequências, levou ao surgimento de centros de ciência espalhados pelo país que, embora ligados mais diretamente ao ensino formal, contribuíram em certa escala para as atividades de popularização da ciência (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 59).

No ano de 1965, foram criados espaços denominados Centros de Ensino de Ciências (CECIs) com o auxílio do governo brasileiro proporcionando debates nestes centros, que visavam a formação continuada docente com o auxílio de cursos, especializações e seminários, e esses CECIs foram difundidos em vários estados do país, como o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. (VALENTE et al., 2005). Essas instituições surgiram como apoio ao ensino formal e foram criadas num momento de ascensão dos Museus no Brasil. Conforme o autor Gaspar (1993) o Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ) talvez possa ser considerado um dos CECIs com maior atuação. De fato, o CECIERJ é vinculado até os dias de hoje com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e é responsável por diversos projetos de divulgação científica como o Museu Ciência e Vida da cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro e o Museu Itinerante chamado Caravana da Ciência (CARLÉTTI, 2016).

O surgimento dos Museus interativos de ciências brasileiros se dá na década de 1980, período de grande criação destes Museus nas décadas até 2000. Um marco nos aparecimentos desses tipos de museu no Brasil é o Espaço Ciência Viva (ECV) situado no bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro, inaugurado no ano de 1987 que está ativo até os dias de hoje e que tem como missão difundir a ciência para todos os tipos de público de maneira participativa (CONSTANTIN, 2001; RUBINI et al., 2008). Em 1990, o Ministério da Ciência Tecnologia, Inovações e Comunicações cria o Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, utilizado para a ampliação da rede de Museus de Ciência em todo país, onde contemplou quatro projetos entre os anos de 1998 e 1999: o Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontífice Católica do Rio Grande do Sul, o Espaço Ciência em Pernambuco, e o Museu do Universo estabelecido nas dependências do já existente Planetário na cidade do Rio de Janeiro (MARANDINO, 2001).

Em 1999 e tendo como inspiração a rede de Popularização da Ciência e Tecnologia da América Latina e Caribe (RedPOP), foi criada a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (HAMBURGER, 2001), que tem como finalidade:

[...] surgiu para unir ideias, compartilhar experiências, projetos e possibilitar um grande intercâmbio de recursos e informações entre Centros e Museus de Ciência de todo o Brasil. Bem como identificar, fortalecer e difundir áreas e atividades de

cooperação, apoiando programas de divulgação científica e articulando uma Política Nacional de Popularização da Ciência. (ABCMC,2010. p.1)

O surgimento da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABMC), deixa explícito a relevância adquirida pelos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia no campo educacional e científico no Brasil, com o progressivo estímulo do ensino de ciências e da divulgação científica conduzido tanto pela sociedade acadêmica e científicas, como pelo governo desde a metade do século XX. Conforme o levantamento efetuado no ano de 2005 que originou o Guia de Centros e Museus de Ciência do Brasil, houve um expressivo crescimento de espaços científicos-culturais passando do número de 110 espaços científicos-culturais (MASSARANI; FERREIRA; BRITO, 2005). No guia publicado em 2009 este número foi ampliado por cerca de 243%, pois são apontadas 190 instituições (MASSARANI; FERREIRA; BRITO, 2009). E em sua versão de 2015 foram registradas 268 instituições no Brasil (MASSARANI et al., 2015).

Apesar de as informações trazidas por este guia serem de extrema importância, esses números não indicam necessariamente que houve a criação de novos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia neste período, já que em determinados casos esses espaços já existiam, mas não haviam enviado suas informações para serem oficializadas na publicação do Guia Centros e Museus de Ciência do Brasil (SOUZA, 2019). Outra informação muito importante contida no Guia é a distribuição geográfica dos centros e Museus de Ciência do Brasil, pois dos 268 Museus mencionados no guia 155 estão na região Sudeste; 44, na região Sul; 43, na região Nordeste; 15, na região Centro-Oeste; e 11, na região Norte (ABCMC, 2015). Embora haja visível concentração de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia na região Sudeste, o capital investido em melhoramento da educação científica em todo território nacional tem frutificado e proporcionado o aumento das visitas na última década aos espaços culturais e científicos, o que se pode visualizar nas pesquisas de percepção públicas realizadas em 2015 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, bem como na maior participação em eventos que visam a popularização da ciência e tecnologia.

Com o número de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia e o público crescentes, o aumento da importância dos mediadores nesses espaços também é notado, e na atualidade, a maior parte dos centros e Museus de Ciência do Brasil possui mediadores em sua equipe de trabalho, como citado na pesquisa dos autores Carlétti e Massarani (2016) já que, dentre as

212 instituições que são identificadas em seu trabalho como científico-culturais em nosso país, em 95% desses locais os mediadores se fazem presentes nas equipes museais.

### 3.2 A mediação humana em espaços culturais

Neste capítulo abordaremos os conceitos conferidos à palavra mediação, bem como acerca da mediação humana realizada nos espaços culturais e científicos, focando no uso deste termo nestes espaços.

O vocábulo mediação tem como língua mãe o latim: METIATOR, “mediador”, de MEDIARI, intervir, colocar-se entre duas partes “e de MEDIUS, “MEIO”. É o ato de servir como intermediário entre grupos, nações e partidos etc. O objetivo é extinguir disputas ou divergências. (MICHAELIS, 2021). Claramente, tais termos fazem parte do entendimento ordinário, e não possuem debates acadêmicos diante do conceito atribuído à mediação, porém servem de exemplo de que o termo é polissêmico, logo “[...] é um conceito que permeia diferentes abordagens teóricas” (PEIXOTO, 2016, p. 369), conseguindo assim ser atribuído a vários sentidos, conforme a área em que é aplicada.

O uso mais recorrente do termo é adotado na mediação de conflitos, quando duas partes têm uma discordância e uma terceira parte objetiva mediar, buscando por conciliar ambas as partes por um acordo. O outro uso da palavra seria intermediário, o que tem a pretensão de transmitir conhecimento previamente concedido a terceiros, tendo como exemplo o Jornalismo, um campo de mediação, que tenta a promoção de interação entre diferentes ambientes públicos, transmitindo informações à população, que sem essa mediação não teria acesso a elas (SILVA, 2005). A autora Maria Azevedo acredita que a mediação é “[...] um processo inevitavelmente incontornável e sempre em aberto, um processo de negociação e mudança que reforça a coesão social atuando como um mecanismo de regulação social, dando por isso origem a novas dinâmicas culturais e sociais” (AZEVEDO, 2003, p. 52).

As designações dos autores citados já nos dão um parâmetro sobre as muitas utilizações da palavra mediação, e essa poder variar seu significado conforme a situação e o contexto em que é usada. É notado que a mediação tem um papel significativo nas relações humanas, e devido a este papel Jean Davallon afirma que a mediação cultural careceria ser determinada a partir de seu aspecto funcional, onde “[...] visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos

estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro” (DAVALLON, 2007, p. 4).

Davallon traz a afirmação de que a mediação usada como instrumentação da comunicação se dá através de três definições e das áreas onde o termo é empregado: “mediação midiática”, “mediação pedagógica” e “mediação cultural”. Para Davallon, a mediação midiática seria a abordada pelo jornalismo científico, que tem o jornalista como terceiro componente na comunicação entre os cientistas e o público não especializado. A “mediação pedagógica” é a que também tem como peça-chave o terceiro componente no caso o professor ou tutor fica entre o conteúdo e o aluno. A “mediação cultural” é mais holística e possui enfoque teórico, e pode ser aplicada em múltiplas áreas como, artes, saberes e culturas assumindo papel intermediador das interações educacionais, efetivando a relação entre aprendiz e saber “a mediação dos saberes constitui um domínio quase específico, que reenvia, por um lado, à mediação da informação e, por outro, aos aspectos sociais ou semióticos da comunicação” (DAVALLON, 2007, p. 8)

Outros autores abordam a mediação cultural como Martín-Barbero (1987), que afirma que a mediação é algo além do recebimento de saberes, ela deve ser elaborada em um princípio de debates entre as diversas áreas e necessidades sociais. Para Coelho (1989), a mediação cultural é entendida como a proximidade entre dois espaços culturais diferentes, objetivando a mudança sem substituir ou sobrepor culturalmente uma em prejuízo a outra. Já para Almeida (2008), a mediação está diretamente ligada a práticas sociais, ela está associada a múltiplos contextos e à disponibilização das informações.

Portanto, na mediação cultural existem múltiplas possibilidades de entendimento e atuação; a que usaremos neste trabalho será a descrita por Nascimento e Almeida (2009, p. 4), que expõe a mediação pelo ponto de vista da prática utilizada em Museus da seguinte maneira:

1 — Ligação de uma forma estática entre os sujeitos e os objetos; 2. Negociação de significados atribuídos pelos sujeitos a objetos em hierarquias diferentes e 3. Transformação de significados a partir de ações do sujeito sócio-histórico sobre os objetos (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2009. p. 4)

### 3.2.1 O uso da mediação em Museus e Centros de Ciência e Tecnologia

Trabalhar a popularização da ciência é contribuir para a facilitação e a apropriação das tecnologias e das informações científicas, a partir da realidade e dos saberes do seu público.

Segundo Moreira (1999), a educação científica objetiva o compartilhamento de informações para o auxílio da compreensão e interpretação do mundo, incorporando a percepção da ciência, fornecendo como ferramentas leis, teorias e conceitos científicos. A educação científica não é limitada apenas ao âmbito escolar e está presente em Museus de Ciências, revistas, programas de televisão e nas mídias sociais. Nos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia, a interatividade é uma forma de intensificar a participação e a integração do público com a exposição proposta, “[...] em uma perspectiva socioconstrutivista, fundamentada no uso intenso da linguagem, seja falada, ou escrita. É ela que faz a conexão entre interatividade e mediação” (MORAES et al., 2007, p. 56), portanto a linguagem permite que a partir da interação se concretize a mediação. Segundo Moraes (2007), a partir de uma visão socioconstrutivista baseada na intensificação do uso da linguagem, escrita ou falada se faz o elo entre a interação e a mediação.

Portanto, podemos distinguir duas formas de se realizar mediação em Museus, uma que é a instrumental onde se tem o uso de instrumentos de linguagem como experimentos, textos, jogos, dioramas etc., a outra que é a mediação humana conduzida com a intervenção de mediadores, professores, pais e acompanhantes (MORAES et al., 2007).

A mediação humana desempenha um papel importante nos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia, e cada instituição possui e constrói a sua estratégia de trabalho para planejar suas ações de mediação, conforme a exposição e assunto tratado. A autora Bonatto (2007) descreve os Museus e Centros de Ciência e Tecnologia, como locais privilegiados usados para o amadurecimento dialógico entre grupos diferentes, onde há o benefício da temática expositiva da instituição particularmente “[...] quando a proposta da exposição possibilita a interatividade por meio da mediação humana.” (BONATTO et al., 2007, p. 48), ainda segundo a autora as formas de mediação podem, “[...] promover interpretações consagradas por especialistas, como desestruturar conceitos prévios trazidos pelos visitantes, mas, principalmente, devem assumir a construção de um novo patamar de conhecimentos resultantes desse somatório.” (BONATTO et al., 2007, p. 49).

Segundo Ribeiro e Fuchi (2007) a conotação da mediação como linguagem humana dos Museus se refere a:

(...) A mudança de foco que vem ocorrendo, especialmente nos Museus de Ciências: do conteúdo, do objeto, da técnica, para o homem, para o público, com sua sensibilidade, suas referências culturais, suas demandas de informação, de

conhecimento científico e tecnológico, sua necessidade de sentir-se inserido/incluído nesse contexto (RIBEIRO e FUCHI, 2007, p. 67).

Partindo do conhecimento sobre essa transformação, Marandino (2008) enfatiza a influência que os Museus tiveram nas teorias educacionais do mundo todo, e que principalmente nos Museus de Ciência, houve uma mudança significativa de sua perspectiva, onde se pode encontrar diversas tendências pedagógicas desenvolvidas com foco educacional por estas instituições, e essa autora ainda destaca que nas últimas décadas, “[...] as abordagens comunicacionais em Museus vivenciaram uma mudança de paradigma, cuja premissa foi assumir o público como ator central no processo de comunicação” (MARANDINO, 2008, p. 16).

A mediação humana em espaços científicos teve sua origem datada no século XVII, com o surgimento dos gabinetes de curiosidades, quando era designado a uma pessoa fazer apresentações e experimentos, atuando como comunicador entre o público e o conteúdo a ser exposto, de acordo com Zana (2005). A mediação humana era usada em eventos esporádicos pelos Museus até 1920, depois disso, através de uma investida do *Deutsche Museum* que fez a divulgação de uma nova orientação pedagógica onde os mediadores fizeram parte da equipe do museu definitivamente, fato que fez com que o uso da mediação humana fosse experimentado por diversos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia da Europa.

Os mediadores são considerados como “[...] a interface humana entre as coleções dos Museus, o conhecimento e a cultura aí representados, e o público visitante” (TRAN, 2008, p. 01). Eles têm como função ser um elo entre o público e o museu ou centro de ciências, porque “[...] concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados” (MARANDINO, 2008, p. 28).

O mediador pode dar personalidade ao atendimento fazendo uma integração do público com a obra, podendo tornar a exposição mais atrativa encontrando pontos de interesse vinculado aos saberes já vivenciados pelos visitantes, o que raramente aconteceria com uma visitação livre.

A mediação humana possibilita superar limites de interação com os experimentos até mesmo após já terem sido produzidos e colocados na exposição. [...] (Ela) consegue dar novos sentidos às interações já planejadas pelos organizadores do museu com os experimentos. Possibilita construir mais sentidos nas interações entre visitantes e experimentos. A mediação neste sentido é uma interação orientada,

visando ampliar as possibilidades dos visitantes de se aproveitarem dos recursos expostos nos Museus (MORAES et al., 2007, p. 58)

Para que tal interação aconteça o mediador precisa ter conhecimentos e habilidades específicas que para Gomes da Costa (2007) são exigidas na mediação:

Conhecimento científico profundo e confiança para desafiar o visitante a expor suas ideias para, então, construir a partir delas; requer uma familiaridade suficiente com a ciência e tecnologia para ser capaz de ‘esquecer’ as equações e as formulações padronizadas e conversar sobre ciência com o visitante — em vez de tentar ensinar ciência. Isso demanda uma boa formação científica e tecnológica, embora na maioria das vezes isso não seja suficiente: são essenciais prática e capacitação específicas para desenvolver a improvisação científica com precisão e as habilidades para dialogar sobre ciência (GOMES DA COSTA, 2007, p. 30)

O mediador precisa ter como habilidade principal a capacidade de percepção do público para poder direcionar as questões de modo que o visitante se aprofunde no assunto tratado, buscando reflexão, interação e a vivência destas aprendizagens tornando-as intensas e efetivas segundo o autor (JOHNSON, 2007). A proposta infere que seja criado um clima de espontaneidade, de estimulação, que leve o visitante a duvidar, a querer perguntar cada vez mais (PAVÃO; LEITÃO, 2007, p. 43).

Entretanto, é preciso compreender e distinguir qual o tipo de ajuda é necessário para que o visitante desempenhe uma tarefa viabilizando a descoberta e o aprendizado (RUIZ et al., 2008, p. 51). Sendo assim “[...] o bom mediador é aquele que não age burocraticamente, que evita atitudes professorais e se coloca no nível do público para poder dialogar com ele e, de forma interativa, construir o conhecimento” (MATSUURA, 2007, p. 77). O mediador precisa adaptar-se a todos os tipos de público e tem que adequar a sua fala para atender interesses variados em um mesmo espaço, de modo que ajude o público e faça com que ele se sinta envolvido pelas propostas da exposição.

A mediação direcionada a adultos é completamente diferente da realizada para uma criança ou adolescente, e varia conforme o grau de instrução do visitante diferenciando os níveis de profundidade das informações passadas ao público. Moraes et al. afirmam:

[...] uma comunicação e uma mediação efetivas precisam considerar o potencial dos visitantes. É importante que o vocabulário e os modos de expressão dos mediadores, tanto pela escrita quanto pela fala, sejam compatíveis com as capacidades dos visitantes. Um bom mediador sabe adequar os diálogos e desafios ao nível de pensamento dos visitantes (MORAES et al., 2007, p. 58).

Percebemos que o trabalho de mediação em Museus não é algo tão simples como parece, exige muitas competências que não são adquiridas durante sua vivência escolar ou na graduação, o que torna seu trabalho ainda mais desafiador. Concluímos a partir disso que para ser um bom mediador é importante que haja uma capacitação ou formação, por se tratar de uma atividade que possui características singulares, muitos ainda não têm conhecimento de como se pratica a mediação em uma exposição científica. Na percepção de Mora, “[...] para levar adiante sua tarefa com sucesso, os mediadores devem ser formados pelo próprio museu, de maneira que se sintam parte dele e possam imprimir uma personalidade própria à sua função” (MORA, 2007, p. 21). Desta maneira, os mediadores seriam mais entusiasmados com seu trabalho, podendo também propagar este entusiasmo aos visitantes (MARTIN; TAMEZ, 2008).

Na Europa há uma grande preocupação com a formação dos mediadores, o que fez com que as instituições trouxessem iniciativas para seu aperfeiçoamento e sua formação, desses projetos europeus os mais relevantes são: DOTIK (2005 – 2007), PILOTS6 (2008 – 2010) e *Schooland Science Museum: Cooperation for Improving Teaching, Learning and Discovering* (2004 – 2016). Esses projetos buscam compreender as práticas da mediação humana para melhoramento e criação de metodologias, estratégias de treinamento, cursos que viabilizem a melhor compreensão e aprendizagem, e a reflexão das práticas da mediação.

No Brasil, existem algumas iniciativas que assim como as europeias se dedicam a formação de mediadores, temos como exemplo o curso de extensão aplicado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), intitulado “Mediação em Centros e Museus de Ciências e Tecnologia, ministrado por diversificados profissionais que atuam em espaços científico-culturais da cidade do Rio de Janeiro. Há também um grupo de estudos muito importante nesta área, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não formal e Divulgação em Ciência (GEENF) da Universidade de São Paulo (USP) que tem por obra o livro *Educação em Museus: a mediação em foco* (MARANDINO, 2008). Existem também na literatura múltiplos relatos a respeito de treinamento e aperfeiçoamento de mediadores realizados no Brasil divulgado por: Bonatto, Mendes e Seibel (2007); Ferreira et al. (2008), Lima e Pereira (2010); Moraes et al. (2007); Ribeiro e Frucchi (2007); Costa (2009); Giglio e Ferraro (2015); Gomes e Cazelli (2016).

Tratando deste assunto não poderíamos deixar de citar o I workshop Sul-Americano e Escola de Mediação em Museus e Centros de Ciência, que aconteceu no ano de 2008, tendo sido coordenado pelo Museu da Vida /COC/Fiocruz e que teve uma segunda edição no ano de

2012. Aconteceu também o I Fórum sobre Mediação em Museus e Centros de Ciência na Perspectiva Inclusiva, realizada em maio de 2015 pelo Campus Mesquita/IFRJ em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Apesar de as iniciativas serem muito válidas, esses eventos ainda são discretos e têm suas limitações agravadas em consideração ao número de espaços Científico-culturais de um país com dimensões continentais como o Brasil.

Outra questão significativa abrange as funções direcionadas ao mediador, pois segundo Mora, os mediadores “[...] cumprem diversas funções nos distintos Museus do mundo” (MORA, 2007, p. 23). Entre as funções de atendimentos ao público “[...] também participam das chamadas áreas pedagógicas, como as oficinas e laboratórios dos Museus” (MORA, 2007, p. 23). Têm sido pontuadas por diversos autores (TRAN, 2008; RODARI; MATHIEU; XANTHOUDAKI, 2012) as críticas voltadas à utilidade da profissionalização dos mediadores, no que se refere a uma nítida definição de suas competências e deveres. Os obstáculos para esta profissionalização de acordo com Tran (2008, p. 25), se justificam sobre a “falta de linguagem comum” das instituições quando não estabelecem quais habilidades e conhecimentos são necessários para a prática da mediação e a escassez de um programa de formação profissional, o que tem influência direta na estabilidade profissional e financeira destes colaboradores.

### 3.2.2 Os mediadores de Museus e Centros de Ciência do Brasil

Diversas instituições consideram o trabalho dos mediadores como indispensável para o bom desenvolvimento do trabalho de suas equipes e bom funcionamento dos centros e Museus de Ciência, mas são poucos os estudos voltados para desvendar quem são os mediadores do nosso país e como atuam ou o que pensam sobre sua profissão.

Conforme o Guia Brasileiro de Centros e Museus de Ciência do Brasil do ano de 2009, temos o uso de mediadores em 95% das instituições. Entretanto, as informações que temos sobre os mediadores na literatura acadêmica são introdutórias, porém importantes para traçar seu perfil.

Para mais informações sobre os mediadores do Brasil traremos dados do trabalho dos autores (CARLÉTTI & MASSARANI, 2015) que traçaram o perfil dos mediadores de nosso país, trazendo uma visão geral sobre quem são esses profissionais.

Foram pesquisadas 200 instituições, mas somente 117 informaram o número exato de mediadores que compunham suas equipes e chegaram ao número de 1.374 mediadores. As outras 83 instituições afirmaram não conhecer a quantidade exata de mediadores que trabalham na instituição e/ou que não eram autorizados a passar esses dados, deixando em aberto o número total de mediadores nos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia do Brasil. O maior número de respostas da pesquisa de Carlétti & Massarani (2015) foi localizado na região sudeste do Brasil, onde, segundo o Guia de Centros e Museus de Ciência do Brasil (2009), ficam localizadas cerca de 59.8% das instituições científico-culturais do nosso país.

Dos mediadores entrevistados por eles há uma porcentagem feminina ligeiramente maior de mulheres (56,2%) do que homens (43,8%) o que não é novidade, pois quando relacionamos esses dados com os de outras pesquisas observamos que a presença feminina na divulgação científica tem essa propensão, segundo os autores Massarani, Bauer & Amorim, 2013 e Richard, 2010. Esses profissionais são também traçados como jovens de idades entre 18 e 25 anos.

A pesquisa de Carlétti & Massarani (2015) mostra que a formação desses profissionais é variada, e cerca de 46% dos mediadores têm ensino médio completo ou estão cursando alguma graduação. E que 37,2% já concluíram uma graduação. Quanto à distribuição por áreas de conhecimento nessa pesquisa, 46,4% são graduandos das áreas de ciências exatas e naturais; 34,1% em ciências sociais e humanidades; 16,7% em medicina e ciências da saúde; 1,4% em engenharias, tecnologias e 1,4% em ciências agrárias.

Outro dado importante dessa pesquisa fica relacionado à forma de contratação dos mediadores pelas instituições, 60,6% destes colaboradores recebem bolsas como pagamento pela atuação nesses espaços e não têm direitos trabalhistas garantidos, o que pode ser um dos grandes fatores para a alta rotatividade de mediadores nas instituições, pois outro dado da pesquisa realizada pelos autores Carlétti & Massarani (2015), o que chama atenção é que 84,9% dos mediadores atuam há menos de cinco anos na área.

Ser mediador no Brasil não é tarefa fácil, é desafiador, e isso ocorre pelas demandas e pelas funções que esse trabalho requer, que exigem do ator social envolvido que ele detenha o conhecimento e o preparo para sua atuação. Na contramão dessas cobranças, no entanto, a forma frágil como esses profissionais são vinculados às instituições que trabalham faz com que esse trabalho muitas vezes fique direcionado como uma experiência temporária durante a formação dos jovens. O que realmente acontece em nosso país é que o trabalho de mediador em sua grande maioria não é tratado como uma profissão. Como o que diz o trabalho do autor Tran (2008) que argumenta que apesar desse tema ser discutido há décadas na Europa, a

profissionalização dos educadores em Centros e Museus de Ciência fica distante, pois não há integralidade entre essas instituições sobre as habilidades e conhecimentos necessários para exercer a profissão, bem como um programa de formação profissional dificultando esta profissionalização.

Apesar de todas as dificuldades traçadas nesse contexto um dado da pesquisa de Carlétti & Massarani (2015) mostra bem o que me fez apaixonar por este tema. Eles citam que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, os mediadores têm grande satisfação de exercer seus trabalhos. Como exemplificado pelos autores Rodari et al., (2006) esses profissionais consideram a mediação uma experiência recompensante, pois a capacidade de entendimento e a grande gama de conhecimentos adquiridos no período de trabalho são extremamente valiosos em atuações futuras em suas profissões.

### **3.3 Os Museus e a pandemia de SARS-COV -2**

Para melhores colocações sobre a pandemia e os Museus falaremos brevemente sobre do que se trata a pandemia do novo Coronavírus. Os coronavírus são uma enorme família de vírus comum entre diversos animais como, gatos, morcegos camelos, gado etc. Apesar de ordinário entre os animais, esse tipo de vírus era raramente propagado de animal para o homem, porém apesar de difícil aconteceram surtos causados por estes vírus antes da pandemia de SARS-CoV-2 acontecer, houve surtos de SARS-CoV em 2003 em Hong Kong que foi contido por quarentena, e também houve um surto de MERS-COV em meio leste da Arabia Saudita em 2012. Este último, apesar de ter tido vítimas em sua transmissão foi contido por quarentena e também pelos costumes do povo local, pois suas vestimentas tampam parte do rosto, assim dificultando a propagação do vírus, portanto o surto não se intensificou até o ano de 2013, e apenas alguns casos esporádicos ocorreram em todo o ano (HASÖKSÜZ et al., 2020).

Em dezembro de 2019, houve relatos da transmissão de um novo coronavírus denominado SARS-CoV-2, identificado na cidade de Wuhan na China causando a COVID-19, doença respiratória infecciosa que pode ocasionar casos assintomáticos a graves, com disseminação de pessoas para pessoa. Apesar de ter sido considerada uma doença respiratória, estudos recentes da universidade da Califórnia com parceria com cientistas do *Salk Institute*, afirmam que embora seja transmitida por vias respiratórias a COVID-19 é uma doença vascular caracterizada como Endotelite e os pesquisadores encontraram ação inflamatória nas células endoteliais que revestem as paredes das artérias pulmonares, sendo o endotélio uma

membrana presente dentro de todos os vasos sanguíneos, o que leva a COVID-19 a poder acometer todos os órgãos (LEI, 2021).

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decreta a pandemia do novo coronavírus. A definição de pandemia atinge esse status quando está difundida por muitas pessoas em diversas localidades do planeta. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanon, declarou na segunda semana de março de 2020 que: “Nas últimas duas semanas, o número de casos de COVID-19 [doença provocada pelo vírus] fora da China aumentou 13 vezes e a quantidade de países afetados triplicou. Temos mais de 118 mil infecções em 114 nações, sendo que 4.291 pessoas morreram” (BRASIL, 2020). Com a propagação da doença e a descrição dos sintomas caracterizados como muito parecidos com os sintomas de uma gripe, foram estipulados uma série de manuais de conduta e práticas para frear a sua disseminação, mesmo que no início algumas informações quanto à prevenção ficassem desconhecidas pela falta de conhecimento específico sobre o vírus, algumas regras se tornaram primordiais desde o início como: o distanciamento social, a higienização frequente das mãos e o uso de máscaras.

Com a chegada da pandemia o mundo parou para tentar conter a sua propagação, decretando o fechamento do comércio e de atividades não essenciais e restringindo a circulação de pessoas, as cenas das cidades vazias eram desoladoras. Os primeiros sinais de impacto no âmbito cultural chegaram um mês após a identificação da doença, foram fechados Museus icônicos europeus como o Louvre. Em dezoito de maio do mesmo ano, foram publicados relatórios pela Organização das Nações Unidas, a Ciência e a Cultura — UNESCO (2020) e pelo Conselho Internacional de Museus (2020) que indicavam que cerca de 90% a 95% das instituições culturais do mundo estavam fechadas devido à emergência de saúde, e que 13% dos Museus do mundo poderiam desaparecer. Na mais recente pesquisa da Unesco realizada por cerca de 900 instituições ao redor do mundo entre os dias sete de setembro e dezoito de outubro de 2020 mostrando um grande impacto da pandemia, mas revelando também que apenas 6,1% dos participantes acreditavam não conseguirem manter seus espaços e fechar permanentemente. (ONU News, 2020). Os dois relatórios também enfatizam que como consequência ao fechamento dos Museus houve um grande encerramento de contratos com trabalhadores temporários e o aumento das atividades digitais das instituições. Embora muitos dos Museus brasileiros sejam públicos e recebam uma verba anual do governo para a sua manutenção e realização de suas atividades, existem também instituições que dependem de sua bilheteria com a venda de ingressos para ter a sua sustentabilidade financeira garantida. Com o fechamento das portas surgiu uma grande

preocupação, e movimento de implementação de novas estratégias para enfrentar esta realidade. “Cabe destacar que o isolamento e o distanciamento social são sentidos distintamente em Museus de características diferentes, como os Museus comunitários. (SALADINO; MUNIZ, 2020). Assim, a necessidade da implementação de uma estratégia voltada para a manutenção de sua estrutura em meio digital fica muito mais fragilizada devido à sua falta de recursos e trabalhadores especializados.

A implementação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos Museus estava acontecendo lenta e gradualmente, como a digitalização de obras e documentos, virtualização de algumas exposições, mas com a Pandemia e o impacto do fechamento dos Museus e centros culturais, as atividades de implementação destas tecnologias e o uso das mídias sociais por estas instituições teve um aumento considerável. No ambiente virtual crescem o número de *sites* institucionalizados e não institucionalizados que expõem produções de obras de arte conceituais e exposições. De acordo com Almeida (2009), esses espaços permitem que nasçam novas formas de produção, deslocamento e audiência de produtos simbólicos, tornando-os mais complexos ao acumular várias camadas de informação. Nesse contexto de expansão tecnológica e de virtualização exponencial da vida cotidiano devido à instalação de estado pandêmico, os Museus aproveitam a oportunidade para expandir seu campo de atuação.

No entanto, como dito anteriormente essa digitalização estava ocorrendo progressivamente e as adaptações de um ambiente presencial para o ambiente digital não são fáceis, e essa imersão de Museus nas mídias sociais demonstrou “[...] a ansiedade destas instituições em se manterem visíveis e relevantes, justificando o manutenção de suas verbas de seus funcionários e de patrocinadores, mesmo estando de portas cerradas” (SCHENKEL, 2020, p. 3). Nesse mergulho das mídias sociais os Museus buscam a cada dia novas estratégias de divulgação “*online*”, como mostras de acervos, visitas virtuais, mesas de debates em formato de *lives*, com a participação de curadores, especialistas e artistas, assim como muitas outras formas de aproximação e integração com seus públicos como oficinas, contação de histórias, mostras de filmes, “podcasts” etc. (SCHENKEL, 2020, p. 3). A interatividade por meio das redes sociais acabou tornando a relação dos Museus mais sensível à participação do público, e a expectativa é que este público se torne cada vez mais assíduo nessas redes e se torne visitante regular dos Museus com a reabertura.

O Comitê brasileiro do Conselho Nacional de Museus (ICOM Brasil) em parceria com a Tomara Educação e Cultura, produziu uma pesquisa com 1.039 profissionais de Museus localizados em 23 estados e no Distrito Federal e seus públicos. Nesse trabalho os

colaboradores dos Museus foram questionados se acreditam que a presença das instituições mais assíduas nas redes sociais trouxe algum benefício para os Museus, e de modo geral os participantes acreditam nessa prerrogativa. Em Museus onde o gerenciamento é misto, o percentual de credibilidade é maior chegando a (84,5%), na gestão privada é de (80,4%) e é um pouco menor nos Museus de gestão pública chegando a (77,2%), a pesquisa deixa observado que os profissionais relacionados às áreas de Documentação/Conservação, Pesquisa /Curadoria e profissionais da área educativa dos Museus são menos otimistas quanto a esse assunto (COMITÊ BRASILEIRO DO CONSELHO NACIONAL DE MUSEUS, 2020).

Há literalmente uma guerra virtual para detenção da atenção e do prestígio do público às páginas e aos contatos dessas instituições, pois a concorrência virtual é imensurável, ainda mais em contexto pandêmico onde a oferta de conteúdo dos mais variados tipos se fez multiplicar. De acordo com Fletcher (2012), criar conteúdos digitais é uma tarefa que exige muito da equipe que mantém as páginas. Os visitantes “apreciam o respeito pela sua inteligência”. Assim, os gestores de comunicação dessas instituições devem compreender como os visitantes recolhem, partilham e comunicam informações e incorporam esses métodos nas suas estratégias de comunicação prezando a integração da informação no cotidiano do visitante e por isso os conteúdos produzidos não devem ser apenas promocionais. Devem ser criados para deixarem os visitantes curiosos, divertidos ou os desafiamem intelectualmente.

A pesquisa da ICOM (Brasil), citada anteriormente, também traz dados relacionados à percepção do público com relação à atuação dos Museus no âmbito digital. Os dados são intrigantes, pois, apesar de os Museus estarem presentes e assíduos nas redes sociais, mais da metade dos participantes (51,2%) relata não ter participado de nem uma atividade digital promovida por quaisquer Museus. No entanto, as atividades “*online*” mostraram na pesquisa ter potencial de atrair novos visitantes, (24,1%) dos integrantes da pesquisa declararam ter tido o primeiro contato com a instituição através de alguma ação virtual realizada pelos Museus durante a pandemia. Este número quase iguala o percentual dos visitantes que se classificam como assíduos que é de (25,3%). Ainda conforme a pesquisa realizada pelo ICOM (Brasil), as plataformas mais utilizadas pelo público para visitar ou participar de alguma atividade virtual realizada pelos Museus são: *YouTube* (64,7%), o site do museu com (54,5%), *Instagram* (53,5%), *Facebook* (28,8) e o *Google Arts & Culture* com (20,5%).

As equipes dos Museus foram incentivadas a manter os projetos em andamento trabalhando em suas casas. Isso é viável para muitas funções, como planejamentos, pesquisas,

programação visual e a criação de conteúdo “online”. Já as funções relacionadas ao atendimento presencial como as de mediação, precisaram ser revistas e talvez reformuladas pensando em novas formas de ter contato com o público no período de isolamento social. Em março de 2021, chegamos no Brasil a níveis alarmantes de mortes devido à COVID-19, e a grande maioria dos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia do nosso país continuava de portas fechadas, e sem previsão de reabertura.

Nesse período, Museus ao redor do mundo já estavam abrindo suas portas devido à vacinação eficiente e ao cumprimento de grandes períodos de isolamento social rigorosos. Esta abertura se deu de forma a contemplar uma nova organização das atividades cotidianas, com medidas sanitárias rigorosas e a imposição de regras de estruturação para evitar aglomerações impostas por órgãos regulatórios.

Com o progresso da campanha de vacinação no país, alguns museus no Brasil começaram a sua reabertura no mês de maio do ano de 2021, priorizando os planejamentos de volta a atendimentos baseados em um protocolo disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que teve como base um documento do Conselho Internacional de Museus, com recomendações conduzidas pela OMS (Organização mundial de Saúde), com medidas técnicas de prevenção ao contágio.

Essas ações tiveram como base rotinas mais assíduas de limpeza em áreas comuns e de acervos, a disponibilização de álcool em gel, o agendamento das visitas com estipulações de público adequado a cada Museu, verificando o tamanho de seus espaços expositivos, entre outros. Sobre essas recomendações, o presidente do IBRAM, Pedro Mastrobuono, afirmou: “O mais importante neste momento é pensar o retorno observando as características de cada espaço e suas reais condições de adaptação.” (MUNICÍPIO ASSESSORIA, 2020).

O retorno das ações presenciais dos museus do Brasil traz muitas reflexões sobre a função social dos museus, com destaque aos problemas financeiros, já presentes antes mesmo do início da pandemia. Porém como o objeto de estudo deste trabalho é o mediador destas instituições, nossa preocupação fica voltada na experiência proveitosa e na permanência deste nos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia do nosso país, pois essa adaptação do trabalho educativo para o ambiente virtual é um grande desafio que passa despercebido muitas vezes por gestores e patrocinadores, mesmo os mediadores tendo muita importância nas ações presenciais destas instituições.

Não há nada de surpreendente nos tempos vivenciados em nosso país, de que justamente as equipes que tenham contato direto com o público e as equipes terceirizadas de segurança e limpeza, por exemplo, sejam mais sujeitos a demissões evidenciado em dados da

pesquisa do (ICOM Brasil, p.13) “[...] onde 30,2% trabalhadores da área museal sofreram redução de salário/honorário, 23,6%, destes tiveram sua carga horária reduzida e 19,6% foram demitidos, tiveram contrato suspenso ou estão em licença sem prazo determinado para retorno”.

Porém, é preciso ser ressaltado como não faz sentido que quando essas instituições mais precisam construir novas maneiras para se relacionar com seus públicos em suas reaberturas, os mediadores sejam dispensados, pois este é o trabalhador que melhor conhece este visitante.

Por fim, destacamos que atualmente, em 2022, a maioria dos museus já está aberto para visitaçãõ.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 Objetivo Geral**

Investigar quais os possíveis impactos da pandemia de SAR-CoV-2 na vida cotidiana e acadêmica dos mediadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CDC-UFRJ), bem como suas implicações e perspectivas com relação ao trabalho destes nas ações museológicas durante a pandemia.

### **4.2 Objetivos Específicos**

- Identificar junto aos servidores da instituição quais as atividades realizadas na Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no momento da pesquisa, bem como o início do uso da mediação na instituição e a maneira pela qual a esta é executada em suas ações;
- Verificar, através da análise documental, as atividades realizadas durante a pandemia pelos mediadores da instituição;
- Averiguar junto aos mediadores da Casa da Ciência da UFRJ qual o impacto da pandemia em suas vidas cotidianas e acadêmicas;
- Descrever algumas perspectivas do trabalho para mediadores em um mundo pós-pandemia.

## 5 METODOLOGIA

A pesquisa inicialmente pensada se debruçava sobre os desafios da capacitação de mediadores em dois museus interativos de ciências na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, devido ao início da pandemia de COVID-19, foi necessário reajustar os objetivos da pesquisa, a fim de adequá-la à realidade vivida naquele momento pelos sujeitos a serem pesquisados. A presente pesquisa teve como objetivo apresentar o perfil e as vivências dos mediadores bolsistas da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante o período da pandemia. Buscou dados socioeconômicos e experiências desses bolsistas durante o isolamento social, assim como teve a intenção de descrever perspectivas sobre o trabalho de mediação na (CDC) no âmbito pós-pandêmico.

### 5.1 Ferramentas de coleta e análise de dados

Para atingir os objetivos propostos deste trabalho dividimos a pesquisa em quatro grandes etapas.

Destacamos aqui que, num primeiro momento buscamos levantar material publicado sobre a mediação na Casa da Ciência (histórico, exemplos etc.), disponível na internet. No entanto, devido à ausência de dados disponíveis, foi necessário a realização de entrevistas com a equipe da instituição, o que será relatado na etapa três.

Na primeira etapa, através de análise documental, buscamos relatar as atividades aplicadas aos mediadores durante o período de isolamento social no qual a Casa estava fechada para atividades presenciais. Essa técnica foi escolhida, pois, conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2008, p.02): “A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros”.

Com a Pandemia foi necessário desenvolver um novo projeto. Impactadas pela Pandemia como outras profissionais (LIMA e CORDEIRO, 2021) fizemos uma redefinição da pesquisa para submissão ao Comitê de Ética pela orientadora e mestranda, e entrou-se em contato por e-mail com a instituição em fevereiro de 2021, para pedir o plano de atuação dos mediadores durante a pandemia, e recebemos um relatório com as atividades que foram programadas no ano de 2020 até março de 2021.

Na segunda etapa da pesquisa buscou-se averiguar junto aos mediadores quais os possíveis impactos que a pandemia causara em suas vidas acadêmica, social e profissional, e como ferramenta de obtenção dos dados realizamos entrevistas semiestruturadas norteadas por um roteiro de trinta questões (Apêndice I). As questões buscaram compreender aspectos da vida social e financeira dos sujeitos, suas vivências como mediador na Casa da Ciência, suas percepções com o isolamento social em sua vida acadêmica, e perspectivas com relação ao seu trabalho como mediador em um mundo pós-pandemia

As entrevistas foram realizadas no período de janeiro a março de 2021 e foram gravadas em vídeo e áudio com o auxílio do aplicativo Zoom, de forma remota, visando maior segurança dos participantes. Nesse momento, convidou-se a coorientadora para fazer parte da pesquisa pela sua atuação na Casa da Ciência. Deste modo, a pesquisa pode ser definida como pesquisa participante, considerando que a atuação da coorientadora nesse local e seu trabalho prévio e concomitante à pesquisa junto aos mediadores e às servidoras.

Para a análise dos dados obtidos com as entrevistas, utilizou-se a análise de conteúdo temática de forma indutiva à luz de Bardin (2016). Importa ressaltar que os dados foram observados por duas pessoas: a mestranda e a coorientadora, a fim de gerar mais confiabilidade nas categorias criadas e que a orientadora participou de todas as revisões destas e do texto durante todo o processo e encaminhou todos os procedimentos necessários para a realização da pesquisa.

A terceira etapa foi verificar junto aos servidores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) as atividades realizadas na instituição ao longo do tempo, bem como o início do uso da mediação e a maneira pela qual é executada nessas ações. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com roteiro firmado em dezessete questões (Apêndice III), com duas servidoras da equipe da Casa da Ciência. Estas foram realizadas de forma remota e gravadas em vídeo e áudio, utilizando o aplicativo Zoom, no mês de novembro de 2021 no final das atividades de campo. Importa ressaltar que estas foram realizadas somente após a implementação de emenda ao Comitê de Ética em Pesquisa, tendo em vista que foi necessária uma nova fonte de dados já que o planejamento inicial (de coletar dados pela internet) não gerou resultados.

A escolha da entrevista semiestruturada se deu por permitir ao entrevistador fazer adaptações pertinentes às perguntas, tendo em vista desenvolver uma relação de confiança com o interlocutor para facilitar sua compreensão e expressão diante das perguntas (MENGA e ANDRÉ, 1986). O modelo de entrevista foi baseado num esquema de tópicos assentados nos objetivos desta pesquisa.

Os dados obtidos foram tratados pela ótica da análise do conteúdo de forma indutiva em específico a temática (BARDIN, 2016, p. 47). A autora define a análise de conteúdo como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.”

Aplicamos a pré-análise dos dados, onde estes foram transcritos e padronizados para melhor entendimento do conteúdo. As falas transcritas foram então separadas em núcleos de sentido destacando as partes das falas importantes conforme o contexto das entrevistas. Desta pré-análise surgiram as unidades de registro, essas unidades foram classificadas em códigos e, posteriormente, agrupadas em forma de categorias. Os resultados foram obtidos com a ajuda do “*software*” Atlas Ti. O trabalho também tem como norte o padrão da abordagem qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 2004; MINAYO, 2016).

Por fim, como quarta e última etapa, buscando verificar se houve alguma mudança no ponto de vista dos mediadores com relação às suas percepções no período de pandemia vivido até então, fizemos entrevistas de retorno (Apêndice V). Entramos em contato com os mesmos entrevistados na etapa anterior através de aplicativo de mensagem e marcamos as entrevistas remotas.

Dos onze mediadores entrevistados anteriormente somente cinco ainda atuavam na Casa da Ciência e destes, obtivemos quatro entrevistas, que foram realizadas no mês de novembro de 2021 com roteiro baseado em quatro questões. As entrevistas foram gravadas em vídeo e áudio e da mesma maneira, analisadas a partir da análise de conteúdo temática.

Informamos ainda que o presente projeto passou pela avaliação do Comitê de ética em Pesquisa em Seres Humanos da FIOCRUZ, recebendo a deliberação de aprovado a partir dos pareceres de nº 4.335.096 e de emenda nº 5.085.468.

## **5.2 Local de realização da pesquisa**

A pesquisa tem como base de coleta de dados a Casa da Ciência — Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Casa foi criada em 1995 pelo Conselho Universitário, na esfera do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), como o Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ. A sua sede fica estabelecida na Rua Lauro Müller, 3, no Campus da UFRJ da Praia Vermelha no bairro de Botafogo na Cidade do Rio de Janeiro. Conforme dados da AMAB (Associação de moradores e amigos de Botafogo):

Botafogo é um dos bairros mais antigos da cidade do Rio de Janeiro, que mescla a boêmia de bares e restaurantes com a calma de um bairro residencial, conta com uma grande diversidade social, dado que é um bairro nobre da zona sul e é a localização da comunidade Santa Marta e é onde fica localizado um dos cartões postais mais conhecido e lindo do mundo: o morro do Pão de Açúcar. (AMAB, 2018).

Trazendo para sua localidade pessoas do mundo todo e fornecendo à Casa da ciência um público plural.

A missão institucional da Casa da Ciência (Figura 1), apresentada no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) é:

Promover a divulgação e a popularização da ciência e da tecnologia, destacando suas interfaces com a cultura e a arte, interdisciplinarmente e participativa, favorecendo a pesquisa e a experimentação, em diferentes linguagens e suportes, de modo a contribuir para a democratização do acesso e apropriação social da ciência e da tecnologia e as interações entre público e instituições científicas e culturais.

Seu objetivo é despertar, a partir de experimentações por parte do visitante, o interesse pelas ciências, artes e cultura. Com muita criatividade tem proporcionado uma divulgação científica de qualidade, usando de diferentes tipos de linguagem de maneira lúdica e interativa, buscando promover a reflexão sobre conceitos científicos e trazendo à instituição uma identidade de museu contemporâneo.



**Figura 1** - Vista do jardim da Casa da Ciência com o público aguardando para entrar na exposição. Junho de 2019. Fonte: acervo da Casa da Ciência da UFRJ

A nova Museologia é citada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), e faz parte da Política Nacional de Museus (PNM), que reconhece os centros de cultura e de ciências como espaços museais em que a vivência do público é mais determinante do que a presença ou não de acervo.

O Brasil faz parte do Conselho Internacional de Museus desde sua criação, participando da construção de definições e metas específicas a serem alcançadas. A partir da definição básica de museu como instituição permanente, que adquire, conserva, pesquisa, transmite e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, diversos adendos foram realizados, ampliando a diversidade do que se compreendia por museu, assim como seus vínculos e responsabilidades em relação à sociedade. Atualmente podem ser consideradas instituições museais não só monumentos, jardins botânicos e zoológicos, aquários, galerias, centros científicos, planetários, reservas naturais, como também centros culturais, práticas culturais capazes de preservar legados intangíveis e atividades criativas do mundo digital (PNM, 2003 – 2010, p. 133).

Com este conceito, a Casa da Ciência se aproxima da classificação de museu de ciência, pois possui, mesmo que de forma temporária, acervos em exposições, e se aprofunda como centro cultural quando promove interações e discussões entre arte e ciência em diferentes áreas de conhecimento. A Casa da Ciência oferece, em média, duas novas exposições por ano (SIMÕES, 2020), sobre diferentes temas e com uma abordagem que tem o

intuito de envolver o público e estimular questionamentos e críticas diante das informações científicas expostas.

Para proporcionar a conexão da exposição com o público, a Casa da Ciência tem um programa de mediadores que é a fonte deste estudo. Este projeto visa a integração de estudantes de graduação da UFRJ com a Casa da Ciência, e tem como característica abrigar alunos de múltiplas áreas do conhecimento, tornando a experiência de mediação diversificada, proporcionando diversas óticas sobre o mesmo conteúdo. Os mediadores (Figura 2) têm formação continuada e específica e a cada exposição são orientados por coordenadores, acadêmicos, técnicos, docentes e especialistas sobre a proposta da exposição.



**Figura 2** - Mediadora atuando com um grupo escolar na exposição Cidade 60+. Outubro de 2019. Fonte: acervo da Casa da Ciência da UFRJ

Não podemos deixar de destacar neste trabalho a problemática financeira vivida pela instituição: a Casa da Ciência não possui, até o momento, parte no orçamento participativo da UFRJ, ou seja, um valor estritamente destinado a ela, o que traz muitas complicações no que diz respeito às atuações de planejamento da instituição. Sendo assim, o capital essencial para

realização de sua programação tem tido outras fontes, e relevante parte do subsídio necessário para realização de sua programação tem sido obtida através de “[...] editais de financiamento de agências de fomento (CNPq, FINESP, FAPERJ)” (SIMÕES, 2020). “Para redução do impacto da escassez de recursos públicos a Casa da Ciência tem como projeto estratégico ter um grupo de mantenedores tem como exemplo o modelo sustentável de alguns Museus europeus como o Cosmo caixa da cidade de Barcelona que tem como mantenedor uma fundação bancária.” (SIMÕES, 2020, p. 758).

Ainda conforme Simões (2020), a captação externa dos recursos não é o objetivo da instituição, mas sim uma forma de sobrevivência. A instituição não visa a promoção de parcerias público-privadas e tem trabalhado para serem construídos alguns mecanismos políticos planejados, para que a Casa da Ciência tenha garantia do funcionamento da manutenção e sua possível expansão. Um dos caminhos apontados para tal feito é a implantação do Sistema Integrado de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural (SIMAP) de onde partiria o orçamento para os Museus da UFRJ, dando o aporte para condições mínimas para o funcionamento dessas instituições.

Além de todos os infortúnios acima relatados, como a falta de verba ligada à negativa de participação orçamentaria da UFRJ, um novo problema vem sendo enfrentado pela instituição: o projeto “VIVA UFRJ”, que segundo o jornal AdUFRJ (2019), tinha como objetivo privatizar 50 mil m<sup>2</sup> do Campus da Praia Vermelha para implementação de prédios comerciais. Para a consolidação desses empreendimentos, os responsáveis pretendiam demolir prédios centenários como o Instituto de Psiquiatria, o Instituto de Neurologia Deolindo Couto, todo o Parque Arbóreo do Campus, e a própria Casa da Ciência.

Após vários atos contrários a essa demolição e participação da associação de moradores e amigos do bairro de Botafogo<sup>2</sup> e da comunidade acadêmica da UFRJ, a implementação deste projeto de demolição foi modificada<sup>3</sup>, estabelecendo novas áreas de cessão. Importa ressaltar ainda, que mesmo o projeto passando em algumas instâncias da

---

<sup>2</sup> AMAB (2021) - Viva UFRJ ou morte à universidade pública – Disponível em: <<https://www.amabotafogo.org.br/post/viva-ufrj-ou-morte-%C3%A0-universidade-p%C3%BAblica>> Acesso em 30/09/2022

<sup>3</sup> SINTUFRJ (2022) – Reitoria modifica projeto Viva UFRJ – Disponível em: <https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/80-atual/4195-reitoria-modifica-projeto-viva-ufrj> Acesso em: 30/09/2022

universidade, boa parte da comunidade acadêmica é contra a maneira pelo qual ele vem sendo tratado e proposto<sup>4</sup>.

Sendo assim, a Casa da Ciência continua a oferecer à população serviços de qualidade, trazendo entretenimento e popularização científica, além de estimular servidores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação na produção de trabalhos acadêmicos voltados para a divulgação científica.

O trabalho com a Casa da Ciência e seus mediadores foi inicialmente pensado e incentivado, ainda em 2019, enquanto a autora trabalhava como mediadora voluntária desta instituição, pois o trabalho na Casa da Ciência me abriu os olhos para novas possibilidades na educação não formal e na divulgação científica em Museus.

---

<sup>4</sup> SINTUFRJ (2022) - Ação unitária de entidades vai questionar na justiça projeto que privatiza áreas da Praia Vermelha – Disponível em: <https://sintufrj.org.br/2022/11/acao-unitaria-de-entidades-vai-questionar-na-justica-projeto-que-privatiza-areas-da-praia-vermelha/> Acesso em: 30/09/2022

## 6 RESULTADOS

Nos tópicos a seguir serão apresentados os resultados da presente pesquisa. O primeiro versa acerca das informações da estrutura da Casa da Ciência em relação à mediação e o segundo sobre as percepções dos mediadores entrevistados.

### 6.1 A mediação na Casa da Ciência da UFRJ

#### 6.1.1 Histórico e estrutura

No intuito de levantar as atividades realizadas na instituição ao longo do tempo, bem como o início do uso da mediação e a maneira pela qual é executada nessas ações, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas servidoras da equipe da Casa da Ciência (CDC), que estão diretamente ligadas às ações de mediação (uma servidora presente desde o início das atividades de mediação na Casa e a outra, responsável pela equipe de mediadores no momento da entrevista).

As perguntas versaram sobre os seguintes temas: as atividades em que elas atuam e/ou atuavam na Instituição; dados sobre o número de bolsistas na Casa da Ciência e a origem dos recursos de financiamento das bolsas; características da mediação nesta Casa, sua importância e as possíveis transformações pelas quais essa prática passou ao longo do tempo; se são e de que forma são realizadas as capacitações para as exposições; e quais os impactos que a Casa vem sofrendo em relação às demandas impostas pela pandemia de SARS-CoV-2.

A seguir está apresentado um quadro com as informações de perfil das entrevistadas:

**Quadro 1** - Perfil das entrevistadas

	<b>Servidora 1</b>	<b>Servidora 2</b>
<b>Idade</b>	29	49
<b>Sexo</b>	Feminino	Feminino
<b>Grau de escolaridade</b>	Mestrado (cursando)	Doutorado (completo)
<b>Formação</b>	Graduação em pedagogia	Graduação em letras e mestrado e doutorado em História das Ciências das Técnicas e Epistemologia.

<b>Cargo na Instituição</b>	Pedagoga	Produtora cultural
<b>Tempo de atuação na Instituição</b>	Dois anos e três meses como servidora.	Vinte e seis anos (Começou na Casa da Ciência como mediadora em sua segunda exposição).

Buscamos compreender quais as principais atividades que a Casa da Ciência desenvolve e nos foi relatado o exposto a seguir:

“A Casa da Ciência tem uma proposta de fazer a interface da ciência com o público, e a gente trabalha aqui e busca incansavelmente trabalhar com a apropriação social do conhecimento científico. A ideia é que a pessoa, o visitante, entre aqui e entre em contato com as diferentes áreas da ciência para que ele se aproprie deste conhecimento, para que ele use este conhecimento na transformação de sua própria vida. A ideia é um pouco a gente desmistificar os conceitos científicos, tornar os conceitos científicos acessíveis a população e sempre na perspectiva de ter um espaço aberto não só para as pesquisas que são desenvolvidas dentro da UFRJ, mas também em outros institutos de pesquisa do Rio de Janeiro, do Brasil e quiçá do mundo. (...) E, a princípio, o carro chefe é sempre uma exposição. E aí nós temos esta exposição e desta exposição a gente vai criando uma série de atividades que são complementares ao tema central da exposição. Então aliado à exposição a gente tem workshop, seminários, palestras, cursos, oficinas para vários tipos de públicos diferentes porque a ideia é que para cada uma destas atividades, a gente trabalhe para uma faixa etária diferente, para que aquele mesmo conhecimento possa ser polarizado para outras linguagens diferentes da linguagem expositiva. Então nós buscamos diferentes linguagens para que possamos discutir o tema da ciência que está colocada em pauta pela exposição.” (Servidora 2)

Quanto à **atuação das entrevistadas na Casa**, a Servidora 1 relatou que atua no setor educativo, na relação museu-escola, pensando em atividades que aproximem os professores da CDC. Além disso, atua em atividades complementares das exposições como oficinas por exemplo, e também na coordenação dos mediadores da CDC tanto no ponto de vista de treinamento para exposições e atividades quanto de gerenciamento da equipe. Já a servidora dois relatou atuar como produtora cultural e faz parte da equipe de direção da instituição

No momento da entrevista a Casa contava com 24 servidores, 12 bolsistas (sendo 11 do Sistema Integrado de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (SIMAP) e um do Programa de Iniciação artístico cultural (PIBIAC) da UFRJ) e nenhum voluntário. Conforme apontado pela Servidora 1:

“Atual, de bolsistas SIMAP são 11 e um bolsista PIBIAC da Lívia. E de voluntários no momento, por conta da pandemia, a gente não tem. Antes da pandemia tinham mais pessoas trabalhando. No ano passado nós estávamos com 16 bolsistas SIMAP e

dois bolsistas PBIAC e antes da pandemia contávamos com três voluntários.”  
(Servidora 1)

Importa ressaltar que no momento da pesquisa, todas as bolsas concedidas estavam no valor de R\$ 400,00 (tanto as do SIMAP, quanto a do PIBIAC) e todas oriundas de recursos próprios da UFRJ. A Servidora 1 apresenta na fala a seguir mais informações sobre essa estrutura:

“As bolsas continuaram com o SIMAP, sendo renovadas em abril de 2020. Então seguiu sendo o mesmo grupo de mediadores até abril de 2021 e o SIMAP lançou um edital para estas bolsas, um edital aberto para todos os Museus da UFRJ, e nós montamos um projeto com um plano de trabalho para o ano de 2021 e com isso conseguimos 11 bolsas neste edital. E eles pediam tantas atividades que pudessem ser realizadas à distância ou presencialmente, pois o rumo da pandemia está incerto ainda. Então este plano de trabalho foi pensado para estas duas possibilidades, mas o financiamento dos mediadores e feito por bolsas da UFRJ.” (Servidora 1)

A fim de compreender como se deu o processo de mediação ao longo da história desta Casa, realizamos a seguinte pergunta: **“Você sabe me falar sobre o início das atividades de mediação na Casa da Ciência?”**.

Destacamos aqui a Servidora 2, que tem uma história muito próxima com a Casa, pois desde o início de suas atividades, ela atuou como mediadora e desde então está presente em suas atividades, construindo sua vida acadêmica e profissional. De acordo com ela, a mediação na Casa da Ciência é executada desde sua primeira exposição, conforme expresso na fala a seguir:

“Então, a mediação, ela sempre fez parte dos processos da instituição. A gente entende que o mediador, ele é figura, a peça central para que a gente possa promover este diálogo entre a exposição e o público. Então a gente, desde a primeira exposição, a gente já tinha mediadores.” (Servidora 2)

Questionamos também **como a mediação é realizada nas exposições da Casa**. As respostas de ambas as entrevistadas evidenciaram que as mediações são elaboradas de diferentes formas, e essa forma é diretamente ligada à exposição em questão e ao público que está presente na casa, como exemplo de fala da Servidora 2:

“Como a CDC é uma instituição eminentemente de exposições temporárias, para cada exposição a gente muda a forma de abordagem, a gente muda o circuito de

mediação, dependendo da exposição a gente pode começar pela porta principal ou pela porta lateral (...) e muda das visitas que são agendadas. Quando você tem o grupo das escolas e grupos organizados, você tem uma proposta de mediação e quando você tem aos finais de semana as famílias com grupos menores, o tipo de abordagem também muda. Então estamos o tempo inteiro tentando encontrar possibilidades de mediação, desta provocação e deste diálogo da melhor forma possível (...)” (Servidora 2)

A servidora 1 aborda a importância da interdisciplinaridade dos mediadores na atuação deles nas ações da Casa:

“(...) os mediadores são alunos de diferentes cursos da UFRJ, isso é uma questão bastante importante também porque como eles têm vivências muito diferentes de formação acaba trazendo olhares muito diferentes para as exposições (...) os mediadores ficam disponíveis no salão de exposição com os grupos espontâneos. Conforme vão chegando e entrando eles oferecem este acompanhamento na exposição, pois o visitante também pode não querer, tem a escolha de não querer mediação, eles conversam sobre essa exposição mais do que transmitir a informação, mas também ouvir o visitante provocar questionamentos então este e um pouco do nosso processo de mediação.” (Servidora 1)

Um ponto muito importante, destacado pela literatura, é acerca da **capacitação de mediadores em Museus de Ciência**. Tendo isso em mente, buscamos verificar se essa capacitação é realizada e em caso afirmativo, como ela é feita.

As duas entrevistadas afirmam existir capacitação, que é elaborada justamente a partir do tema da exposição a ser inaugurada. Cada exposição tem uma capacitação diferente da outra e são sempre voltadas para o tema da exposição com propostas diferentes como a seguir demonstrado na fala da Servidora 2: “(...) para cada exposição nós fazemos uma capacitação com atividades diferentes. Toda exposição tem uma capacitação e um treinamento, na verdade, a gente fica criando formas de entender a exposição e trazendo os mediadores para discussão”.

A Servidora 2 ainda destaca que esse processo foi mudando ao longo do tempo, conforme expresso na fala a seguir:

“(...) e este processo de capacitação e treinamento destes mediadores foi mudando ao longo do tempo. E a gente foi tentando encontrar formas para que este aluno, ele tivesse contato com o tema da exposição que ele trabalhasse esta linguagem, dentro dele para ele poder receber o público da casa, provocando reflexões e não simplesmente oferecendo as respostas. Este é um trabalho extremamente difícil, porque dependendo do conteúdo que a gente tem, o tema principal da exposição, enfim, quais são os temas colocados na exposição, fica muito difícil ter um mediador que seja um provocador e não só um explicador. E nós ficamos dentro destes processos de criação de circuito de mediação, pensando em como a gente vai fazer abordagem com o público a gente fica construindo com ele as hipóteses e

possibilidades para eles poderem fazer este trabalho com o público tirando um pouco esta questão da explicação e um dos primeiros passos para isso é a gente ter também alunos de diversas áreas de conhecimento isso é fundamental para que a gente perca o conhecimento conteudista específico, tendo um grupo que é multidisciplinar você provoca naturalmente abordagens diferentes porque uma pessoa que não é daquela área, exigido na exposição ela receberá a formação e vai fazer uma abordagem diferente daquela pessoa que é da área que a exposição aborda.” (Servidora 2)

Já a Servidora 1 relata que existem também treinamentos para outras atividades, como o ocorrido nas férias na CDC:

“(…) sempre antes de cada exposição tem um treinamento, e quando a gente sente necessidade por conta de algum tema que será abordado ou alguma atividade específica de final de semana, por exemplo. Em 2019 a gente teve o evento Partiu Férias, que foi um evento extra que não fazia parte da exposição. Então como neste evento nós íamos oferecer oficinas diferentes das que os mediadores estavam acostumados, eles também passaram por formação por conta destas oficinas.” (Servidora 1)

Em relação à carga-horária das capacitações, elas relatam não ter uma carga horária específica, pois isso varia conforme o tema abordado na exposição. Entretanto, geralmente, ocupam entre 20 e 30 horas e que as capacitações são obrigatórias para que o trabalho de mediação ocorra.

Ao serem questionadas sobre a **importância dos mediadores para as ações da Casa da Ciência**, as duas servidoras concordam que o trabalho de mediação é muito importante na CDC como exemplificado nas falas a seguir:

“Ah, é superimportante. Eu penso ser o principal do nosso trabalho porque só a exposição só o objeto que está ali às vezes não provoca a reflexão sobre a ciência que a gente está se propondo a fazer, e o mediador ele consegue abordar outros assuntos e (concretizar) este elo com o que o visitante já traz, que ele já vivência da ciência no assunto, com o que a gente também está oferecendo ali de informação na exposição.” (Servidora 1)

“É fundamental, eu sempre falo para eles, quando estou conversando com eles, que eles são a CDC para o público, pois o público entra aqui ele não falará comigo, o público entra aqui sendo recebido pelo mediador então a forma que este mediador se coloca e a forma que este mediador promove o diálogo com o público, ele é a CDC. Então o trabalho do aluno, o trabalho dos nossos mediadores, é um trabalho fundamental para que a CDC possa continuar funcionando e continuar desenvolvendo as exposições, o aluno ele é para gente a ponta principal nas nossas apresentações.”. (Servidora 2)

Outra pergunta que foi feita, fundamental nesse processo que os Museus de Ciência vêm vivendo por conta das restrições que a Pandemia impôs, foi: **“Você acha que a Pandemia de SARS-CoV-2 vai influenciar no modo como os mediadores trabalham quando voltarem os trabalhos presenciais?”**.

As respondentes concordam que a pandemia surtirá grande influência na volta do trabalho dos mediadores e têm alguns apontamentos significativos quanto a isso. A Servidora 1 fala da dificuldade de manter o distanciamento entre o público e os mediadores, dizendo que a relação entre as partes em geral se dá como uma relação afetuosa, como ilustrado na fala a seguir:

“Influenciará muito, porque os nossos mediadores têm um contato muito próximo e fraterno do público. A gente recebe um público escolar, principalmente crianças, que são muito afetivas e tem esta relação de proximidade que a gente não sabe como ficará agora por conta de todas as questões que a gente precisa ver e organizar por conta da pandemia.” (Servidora 1)

Como desdobramento, buscamos verificar também se elas consideravam possível um trabalho híbrido. Com o avanço das mídias sociais e a relação com o trabalho de mediação, **seria possível o trabalho do mediador de forma viável e híbrida?** Neste ponto as entrevistadas discordam, conforme os exemplos de fala a seguir:

“(…) este período a gente avançou muito para as mídias sociais, então não tem como a gente simplesmente falar que não vamos mais ocupar este espaço porque voltou para o presencial. Então acredito que também terá esta questão de: não vai ser o presencial, mas tem este viés da mediação “online” muito forte agora, então é bem possível que tenhamos trabalhos híbridos de mediação. Julgo que vai ser por este caminho.” (Servidora 1)

“Com relação a trabalho híbrido dos mediadores eu não sei, eu acredito que trabalho híbrido das instituições ocorrerá, mas eu não consigo (constatar) o trabalho de mediação de uma exposição que é presencial, sendo feita de outra forma. A gente pode até fazer visitas guiadas, vídeos a gente fez, até lançaremos uma série de quatro vídeos de visitas mediadas para esta exposição que está montada, mas isto é, outa coisa sabe?” (Servidora 2)

Outro ponto importante a ser destacado e que foi mencionado pelas participantes, foi que mesmo a Universidade tendo autorizado a volta de atividades no museu a partir de dezembro de 2021, ainda não estava autorizada até a data desta entrevista, a participação dos mediadores nessas ações. A preocupação com os aparatos presentes nas exposições interativas também ficou evidenciada na fala de uma das entrevistadas, já que as medidas sanitárias e as

regras vigentes precisam ser respeitadas, o que torna as exposições que têm interação manual, por exemplo, algo mais complexo de ser executado.

“Penso que influenciará a vida de todos nós. A gente ainda não sabe o que vai acontecer, nós ainda não recebemos autorização da UFRJ para que os mediadores voltem, nós promoveremos dois eventos testes agora no final do ano promovendo a abertura para o público, mas sem os mediadores. Nós trabalharemos apenas com a nossa equipe de atendimento ao público e veremos qual vai ser o comportamento das pessoas mesmo dentro deste espaço, para que possamos deliberar e planejar nosso funcionamento para o ano de 2022. Mas acredito que muita coisa irá mudar, em termo de protocolos de Biossegurança. Como você se relaciona com o público, a própria estrutura dos Museus interativos, você precisa ter um cuidado a mais por conta da manipulação dos objetos, das oficinas, então como a gente vai lidar com esta nova realidade, que agora é o nosso principal alvo de discussão e planejamento.” (Servidora 2)

Com relação aos **possíveis impactos da pandemia na instituição**, as duas entrevistadas apontaram que a perda do contato direto com o público foi um grande impacto, mas que, em contrapartida, o crescimento e aprendizado com as mídias sociais para manter o contato com público trouxe uma nova possibilidade de interação e de muito aprendizado para os colaboradores da CDC.

“(…) a gente perdeu muito contato com nosso público, pois nos fechamos as portas pela primeira vez por um grande período, e a gente precisou repensar como seria este contato, como a gente manteria a casa realizando divulgação científica sem o nosso espaço físico (…)” (Servidora 1).

“O impacto da pandemia para mim, tem duas questões claras que eu vejo. Uma que a gente realmente saiu com uma capacidade de se reinventar muito grande (….) e o impacto negativo é que a gente ficou fechado e eu suponho que ficar fechado para a gente em um momento tão difícil, especialmente difícil pelo qual nós estamos passando por conta dos projetos da UFRJ, que segundo as informações o projeto VIVA já foi engavetado e o site não está mais no ar, mas a gente está em uma luta constante. Lutando pela permanência, então ficar fechado em um momento deste, politicamente, a gente perde um pouco da opinião pública ao nosso favor porque se você passa tanto tempo fechado pode parecer que você não tem importância.” (Servidora 2)

Por fim, questionamos às entrevistadas **“Como você acha que a CDC está lidando com a informatização?”**. Com relação à informatização agilizada por conta da pandemia, ambas as entrevistadas acreditam que a CDC se saiu bem e que, apesar de algumas dificuldades iniciais, com relação à migração de um espaço físico interativo para as mídias sociais abruptamente, acreditam que houve grande envolvimento da equipe se capacitando e trabalhando para abastecer as redes sociais e manter a instituição viva de alguma forma pelo

período em que estive de portas fechadas. Abaixo algumas falas que exemplificam esta questão:

“Nossa eu acho que a gente conseguiu [elaborar] coisas inacreditáveis. A migração para as plataformas digitais, a forma como a equipe se envolveu na criação de conteúdo para estas plataformas, toda a equipe, incluindo os mediadores, todo mundo teve que se reinventar para criar conteúdo para as redes sociais, pois era a única forma que tínhamos de continuar trabalhando realizando divulgação científica como todos os Museus acabaram fazendo.” (Servidora 2)

“No início foi mais difícil, pois a gente precisou se familiarizar com os equipamentos e muitas pessoas da equipe não tinham vivências nas mídias sociais, então foi um trabalho bem de apresentar as mídias, apresentar as características destas redes, de como que funciona esta comunicação. A equipe precisou passar por formação na área, ver como funciona e todo mundo saber, até como a gente poderia inserir os mediadores bolsistas também neste trabalho que a gente estava aprendendo a fazer. Então, o ano passado foi uma loucura, mas eu acho que do meio do ano de 2020 para hoje, eu acho que as coisas estão muito mais estáveis e a gente tem conseguido lidar bem com este momento.” (Servidora 1)

#### 6.1.2 Ações desenvolvidas durante o período da pandemia

O relatório com as atividades propostas para o período de pandemia aos mediadores da Casa da ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos foi entregue no dia 09/03/2021 pela equipe de servidores que foi responsável pela formulação das atividades e acompanhamento dos mediadores durante o período de março de 2020 a março de 2021.

Nesse período foram designadas aos mediadores da instituição atividades regulares remotas síncronas e assíncronas, durante o período pandêmico para manutenção das bolsas. O documento descreve todas as atividades sugeridas mês a mês, e tem por média três atividades mensais. As atividades realizadas estão citadas no quadro a seguir:

**Quadro 2 – Atividades realizadas**

<b>Meses</b>	<b>Atividades</b>
Março 2020	1- Assistir ao Documentário "Tudo sobre vírus" produzido pelo canal Discovery na escola, disponível no YouTube e redigir um resumo sobre. 2 - Assistir a série documental "Pandemia" (seis episódios), disponível na Netflix e fazer um resumo sobre. 3 - Pesquisa sobre o tema "Epidemia e Pandemia: Como agir para

	manter o controle da saúde pessoal e coletiva" para produção de material formativo
Abril 2020	<p>1 -Divididos em Grupos, realizar pesquisa circundando a temática Vírus.</p> <p>2 - Elaboração de Projeto para produção de Cartilha informativa circundando a temática vírus.</p> <p>3 - Produção em grupo de Cartilha circundando a temática Vírus.</p>

Como resultado dessas primeiras atividades foram elaboradas quatro cartilhas de divulgação científica sobre diferentes aspectos da temática vírus que serão disponibilizadas no “blog” da Casa da Ciência após o processo de revisão editorial.

O próximo tema abordado pelas atividades foi o de “Acessibilidade em Museus”, buscando ampliar a visão dos mediadores quanto ao tema para melhor atendimento a todos, com a elaboração de propostas que poderiam ser usadas pela instituição.

Foram adicionadas também atividades sobre o tema “Divulgação científica” onde os mediadores pesquisaram vídeos com conteúdo de divulgação científica direcionados a várias categorias de públicos diferentes, e organizaram uma discussão sobre o conteúdo pesquisado em reunião síncrona com os coordenadores.

Foram também elaboradas resenhas de artigos científicos sobre “Museus e sociedade”, e “Educação em Museus”.

Buscando a inclusão dos mediadores na criação de conteúdo para as mídias sociais da Casa da Ciência, a instituição promoveu uma atividade formativa sobre “Divulgação científica e mídias sociais”. As atividades propostas estão no quadro a seguir:

**Quadro 3 – Atividades propostas**

<b>Meses</b>	<b>Atividades</b>
Maio 2020	<p>1 - Curso Online de Acessibilidade em Museus, com o intuito de expandir os conhecimentos referentes ao assunto e possibilitar maiores diálogos e reflexões adaptados para a realidade vivida na Casa (carga-horária: 20h).</p> <p>2 - Elaboração de proposta de acessibilidade ao público com deficiências visuais e auditivas na exposição Alzheimer, a partir dos conhecimentos oriundos do curso e da vivência com a mediação na</p>

	exposição e as condições oferecidas pela Casa.
Junho 2020	<p>1 - Seleção de conteúdo (Pesquisa) de vídeo sobre divulgação científica para diversos público-alvo (cada grupo de mediadores com um específico)</p> <p>2- Apresentação do formulário com conteúdo selecionado e debate sobre os conteúdos (Reunião Online via Google Meet 02 horas)</p>
Julho 2020	<p>1- Resenha do artigo “Museus de Ciências e controvérsias sócio científicas: reflexões necessárias”.</p> <p>2 - Resenha do Artigo Educação e Museus: a dimensão educativa do museu.</p>
Agosto 2020	<p>1 - Atividade formativa: divulgação científica e mídias sociais (Com Lívia Mascarenhas e Renata Zapelli), com elaboração de exercício a partir do conteúdo apresentado (Capacitação via Google Meet, totalizando 08 horas).</p> <p>2 - Elaboração de Relatórios (maio, junho, julho e agosto)</p> <p>3 - Em construção - Exposição Alzheimer / Visitas ao Google Arts &amp; Culture</p>

A partir do mês de setembro, segundo o relatório, os mediadores foram divididos em dois grupos de trabalho com tarefas distintas, considerando o planejamento e as diretrizes da Casa da Ciência para o período. Tivemos em vista verificar, através destas atividades em grupo, como os mediadores estavam lidando com seu trabalho no período da pandemia e como se deu essa relação na forma virtual com a instituição, onde estes contribuíram diretamente com a elaboração de material para as mídias sociais da instituição.

O “Grupo 1” foi direcionado para atividades relacionadas à exposição virtual Alzheimer. Esta exposição estava aberta ao público em março do ano de 2020 e foi interrompida pelas regras de isolamento social. Desta forma, os trabalhos foram voltados a ações para sua virtualização e a criação de propostas de atividades para a exposição.

O “Grupo 2” foi direcionado a atuar nas atividades relacionadas às mídias sociais da Casa da Ciência, efetuando pesquisas de conteúdo sobre diversos temas, bem como desenvolvendo materiais para as mídias sociais da instituição. O grupo dois também teve uma participação no XI Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea – CAP UERJ, realizando uma oficina para crianças do ensino fundamental. O grupo de mediadores participou de atividades formativas, discussão e construção da oficina chamada Naturigami.

Vale destacar que essa participação incluiu a interação com as crianças no ambiente virtual de ensino, onde existiu mediação desta oficina, aplicando conceitos de meio ambiente e matemática na produção de um origami.

Os quadros 4 e 5 a seguir, apresentam as atividades de cada grupo ao longo dos meses.

**Quadro 4 – Atividades grupo 1**

Meses	Atividades Grupo 1
Setembro 2020	<p>1 - Visita a exposição ALZHEIMER em ambiente virtual, anotando suas impressões pessoais na visita.</p> <p>2 - Pesquisa e visita no Google Arts &amp; Culture</p> <p>Nessa atividade os mediadores indicaram uma exposição no Google Arts &amp; Culture, a partir de pesquisa na plataforma. O bolsista produziu um pequeno texto dissertativo, de no máximo uma lauda acerca da exposição que ele indicou.</p> <p>3 - Sugestões para melhorar a exposição virtual ALZHEIMER.</p>
Outubro 2020	<p>1 – Legendar Vídeos e gravar áudio para os textos da exposição</p> <p>2 – Gravar vídeo de mediação</p> <p>3 – Gravar um vídeo de perguntas para o especialista. (Professora Jaqueline – IPUB).</p>
Novembro 2020	<p>1 – Resumo sobre vídeo Panorama   O desconhecimento da ciência no Brasil</p> <p>2 - Atividade Formativa, através do Google Meet, com a Bolsista Queren Tedeshi em uma conversa sobre ferramentas de legendagem.</p>
Dezembro 2020	<p>1 - Legendagem de vídeos da exposição Alzheimer já produzidos</p> <p>2 – Resumo. Os Bolsistas deverão ler o artigo Ciência e arte: uma proposta de aprendizagem no âmbito do ensino de biociências e saúde. Elaboraram também um resumo do texto a fim de refletir como a arte e ciência estão ligadas na exposição ALZHEIMER.</p>

**Quadro 5 – Atividades grupo 2**

<b>Meses</b>	<b>Atividades Grupo 2</b>
Setembro 2020	1 - Pesquisa e produção de conteúdo para as mídias sociais da Casa da Ciência sobre a temática Meio ambiente. Foram geradas duas publicações para o blog e demais mídias sociais. (04 encontros de 02h para reunião).
Outubro 2020	1 – Pesquisa e produção de conteúdo para as mídias sociais da Casa da Ciência sobre a temática Corpo Humano. Foram geradas duas publicações para o blog e demais mídias sociais. (04 encontros de 02h para discussão e ajustes).
Novembro 2020	1- Pesquisa e produção de conteúdo para o blog e demais mídias sociais da Casa da Ciência sobre o Dia da Consciência Negra. (02 encontros de 02 horas para discussão e ajustes no material). 2- Participação no evento XI Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea – CAP UERJ, ministrando a oficina Naturigami. (Encontro de 02 horas para capacitação das oficinas.)
Dezembro 2020	1 – Apoio na pesquisa e elaboração da publicação de final de ano e do cartão de Natal da Casa da Ciência.

A partir de janeiro do ano de 2021 todos os mediadores, foram integrados no planejamento de uma nova exposição denominada “Universos de Fayga”, em desenvolvimento pela equipe da Casa.

Para realização das atividades os mediadores efetuaram uma ampla pesquisa no universo de Artes virtuais, explorando o *Google Arts & Culture*, selecionado algumas exposições, aprendendo a diferenciar técnicas das artes plásticas utilizadas pela artista.

Após conhecerem algumas técnicas, e o universo da artista foram instigados a produzir uma obra autoral inspirada nas criações de Fayga e trabalhar na elaboração de propostas de textos de mediação sobre a biografia da artista. As atividades direcionadas a este trabalho estão listadas no Quadro 6, a seguir:

**Quadro 6 – Atividades direcionadas**

<b>Meses</b>	<b>Atividades</b>
Janeiro 2021	1- Visita a exposições do Google Arts & Culture. Deverão selecionar duas exposições de Arte na plataforma Google Arts & Culture, contemplando pelo menos duas técnicas de artes plásticas. 2- Elaboração de relatórios (setembro, outubro, novembro e dezembro).
Fevereiro 2021	1- Produção Artística após visita ao site <a href="https://faygaostrower.org.br/">https://faygaostrower.org.br/</a> , os bolsistas deverão criar uma obra autoral inspirada em um dos trabalhos da Fayga, sendo livre a escolha da técnica e dos materiais usados. - Apresentação e discussão em reunião (02 horas) 2- Elaboração de texto para mediação falando sobre a vida da artista.
Março 2021	1- Em dupla, deverão selecionar cinco obras da artista e produzir um resumo e uma apresentação sobre elas, analisando-as e justificando as escolhas da dupla. Apresentação e discussão em reunião (02 horas) 2- A partir da leitura do texto Fayga Ostrower, uma vida aberta à sensibilidade e ao intelecto, produzir um resumo de uma a duas laudas. Participar do debate sobre o texto. Discussão em reunião (01 hora)

## 6.2 Os mediadores da Casa da Ciência da UFRJ

### 6.2.1 Perfil dos entrevistados

O corpo de mediadores bolsistas da Casa da Ciência, na etapa inicial da pesquisa, era composto por 16 graduandos de diversas áreas do conhecimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tem o auxílio remunerado por bolsa de um programa do Sistema de Museus, Acervos, Patrimônio e Cultura (SIMAP) da UFRJ. Um dado importante é que a bolsa de mediação teve o valor R\$550,00 para 20 horas semanais de trabalho até o mês de

maio de 2021, quando sofreu contração de valor, passando para R\$ 400,00<sup>5</sup>, mensais pelo mesmo tempo de horas trabalhadas. Atualmente há 11 mediadores bolsistas na Casa.

Para ser mediador na instituição como bolsista é necessário possuir o vínculo com a matrícula ativa na graduação na UFRJ. Dos dezesseis mediadores atuantes conseguimos entrevistar onze. No entanto, devido a um problema técnico em uma das entrevistas, onde por ser realizada remotamente e o mediador não possuir computador; esta foi realizada por aparelho telefônico sem fones o que acarretou interferências de sons externos nos impedindo identificar suas falas, só puderam ser analisadas dez destas.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, a fim de preservar a integridade e a saúde de ambas as partes (mediadores e primeira autora), tendo em vista o agravamento da pandemia de COVID-19 no Brasil nos meses iniciais do ano de 2021.

Dos dez mediadores participantes, sete se identificaram como sendo do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades que variaram entre 22 e 27 anos, todos nascidos no Estado do Rio de Janeiro e com residência fixa na cidade do Rio de Janeiro ou Região Metropolitana. A Tabela um apresenta os dados de perfil dos participantes da pesquisa. Importa ressaltar que, a fim de preservar as identidades dos entrevistados, estes foram identificados por um código, que será utilizado ao longo de toda a apresentação de resultados.

**Tabela 1** – Perfil dos mediadores da Casa da Ciência entrevistados para a pesquisa

Mediadores	Idade	Sexo	Curso de graduação	Tempo de trabalho na Casa da Ciência
M1	25	Feminino	Serviço Social	2 ANOS
M2	25	Masculino	Letras/Português/Literatura	1 ANO 7 MESES
M3	25	Masculino	Ciências Biológicas	1 ANO 7 MESES
M4	27	Feminino	Psicologia	1 ANO E 6 MESES
M5	24	Feminino	Ciências Biológicas	1 ANO 7 MESES
M6	23	Masculino	Ciências Biológicas	4 MESES
M7	24	Feminino	Fonoaudiologia	1 ANO E 6 MESES
M8	26	Feminino	Letras/Português/Alemão	1 ANO
M9	22	Feminino	História da Arte	2 ANOS
M10	24	Feminino	Fonoaudiologia	1 ANO E 6 MESES

<sup>5</sup> Essa diferença deveu-se à necessidade de ajustes orçamentários na Universidade.

## 6.2.2 As percepções dos mediadores

A fim de compreender melhor as percepções dos mediadores acerca de questões como suas próprias práticas e os impactos da pandemia em suas vidas pessoais e acadêmicas, foram realizadas 17 perguntas durante as entrevistas. Estas foram divididas em três blocos de perguntas. O primeiro sobre os impactos da pandemia na vida pessoal e acadêmica dos entrevistados, o segundo sobre as vivências destes como mediadores e o terceiro sobre suas percepções a respeito da pandemia e seus impactos na sociedade.

### 6.2.2.1 Os impactos da pandemia na vida pessoal e acadêmica dos entrevistados

A fim de compreender mais sobre os possíveis impactos da pandemia na vida pessoal e acadêmica dos entrevistados, realizamos as perguntas que serão apresentadas a seguir.

**Buscamos verificar se os entrevistados ajudavam financeiramente de alguma forma em casa** e 6 dos 10, informaram que sim. Foram questionados também se a pandemia havia influenciado na vida econômica da família e apenas dois disseram que não houve mudança na situação financeira da família: um pois o pai é aposentado e outro pois o pai, por ser servidor público, não teve seu salário suspenso. Os oito demais disseram ter sofrido com impactos diretos na renda familiar, tendo que auxiliar seus familiares com ajuda financeira, conforme expresso nos exemplos de falas a seguir:

“Sim, principalmente agora durante a pandemia, [pausa breve] é que meu pai é autônomo e ele presta serviços. E alguns lugares que ele presta serviços tiveram uma redução nos trabalhos e acabou contando bastante a questão da bolsa da Casa da Ciência e até o auxílio emergencial também. Influenciou diretamente na renda da família.”. (M2)

“[...] meu pai é pedreiro e durante a pandemia ninguém estava fazendo obras, por que ninguém sabia quanto tempo iria durar. E o pessoal ficou cortando gastos e meu pai ficou uns quatro meses da pandemia sem trabalho nenhum e eu tive que ficar segurando as pontas da minha casa.”. (M4)

“[...] minha mãe que é funcionária pública teve diminuição do salário. Então assim, algumas coisas chocantes que aconteceram nesta pandemia, ela era a renda fixa que a gente tinha contando e mesmo assim ela foi reduzida. Enfim eu tinha um pouco mais de liberdade com que eu recebia de trabalho, hoje em dia vai tudo para as contas de casa.”. (M5)

**Outra pergunta foi sobre como a pandemia impactou a vida pessoal dos entrevistados.** Das respostas dadas, foram extraídas 23 unidades de análise, que foram organizadas em oito diferentes categorias, apresentadas no quadro a seguir:

**Quadro 7 – Categorias**

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que mencionaram</b>
Questões relativas à saúde mental (ansiedade/depressão etc.)	07
Problemas derivados do distanciamento social (família, amigos, pessoas em geral, público do museu)	04
Problemas em relação ao isolamento (ficou muito isolado/a do convívio social)	04
Problemas relacionados à dinâmica da graduação (falta de aulas, previsão de formatura etc.)	03
Problemas de ordem financeira	02
Falta de estrutura para o desenvolvimento das atividades de graduação/museu em casa	01
Falta de atividades de lazer	01
Outras questões pessoais	01

Damos destaque aqui para o elevado número de respostas enquadradas na categoria “Questões relativas à saúde mental (ansiedade/depressão, etc.)”, que foi mencionada por sete dos 10 respondentes. Como exemplos de fala nesta categoria:

“[...] eu já tenho transtorno de ansiedade e só cresceu fiquei tendo mais casos de ansiedade.”. (M1)

“Bastante. Agora estou tendo que ficar a base de remédios por conta da ansiedade, desculpa fiquei emocionada [A entrevistada fez uma pausa longa, algumas respirações e ficou um pouco envergonhada por chorar]. Eu sempre tive ansiedade e era algo que eu controlava, mas nos últimos tempos, a ansiedade tem se tornado mais forte e inclusive eu achei que fossem sintomas de COVID e fui parar no hospital, mas não era. Era uma crise de ansiedade [...]”. (M8)

“Olha, desde antes da pandemia eu já tive transtorno de ansiedade generalizado e também um início leve de depressão, e desde então eu tomo medicamento para estes transtornos e eu estava fazendo também psicoterapia. Com o começo da pandemia, ficando isolada e em casa, fiquei um ano sem aula, então isso deixou as coisas complicadas. [...] então eu passei a ter mais crises de ansiedade durante alguns

períodos, em outros eu senti estar entrando em depressão e aí eu fui atrás de psicoterapia e continuei com os remédios. E aí basicamente eu senti mais diferença nestes problemas que eu já tinha antes e que senti que se agravaram.”. (M10)

Em seguida, com quatro falas está a categoria “Problemas derivados do distanciamento social (família, amigos, pessoas em geral, público do museu)”. Salientamos aqui que o público do museu também foi mencionado como parte do grupo do qual os entrevistados sentem falta, conforme exposto a seguir:

“Aí, eu acredito que o mais difícil de tudo é a gente ter que se afastar de todo mundo, principalmente das nossas atividades obrigatórias acadêmicas e de bolsa. Tudo isso que está acontecendo e a gente ficar distante do público tanto lá da Casa da Ciência como dos nossos familiares [...] tudo isso a gente teve que abrir mão.”. (M2)

“Na minha vida pessoal eu acho que foi mais nesta relação interpessoal de não poder estar com as pessoas que a gente gosta [...] inclusive mesmo a Casa da Ciência, como a gente trabalha com o público, é muito difícil. Praticamente quase todos os dias a gente está lá na Casa da Ciência, a gente recebe muitas pessoas de vários lugares do Rio de Janeiro, às vezes pessoas de fora do Rio que estão de férias aqui e tal. Não ter este contato com o público, a gente sente falta né? Porque é importante até para a nossa saúde mental [...]”. (M3)

Outra categoria que tem relação com o distanciamento social, mas agora especificamente relativo ao isolamento que este provocou, obteve quatro menções foi a “Problemas em relação ao isolamento (ficou muito isolado/a do convívio social)”, onde os entrevistados mencionaram que, ainda que tivessem contato com algumas pessoas, seja de forma presencial ou virtual, sentiam que estavam muito isolados, chegando até a ter dificuldades nas interações.

“[...] eu estava muito em casa aí eu decidi sair para caminhar de manhã. E aí eu olhava os ônibus passando, assim, eu ficava assim: meu Deus, que saudade de pegar ônibus, de ver o que está acontecendo. Porque tudo acontece agora aqui neste quadrado, quadrado não, retângulo [faz gestos com as mãos para simular a tela do computador] aqui é meu trabalho, aqui é minha faculdade, aqui é onde eu converso com meus amigos. É isso aqui. Eu sinto falta de contato.”. (M4).

“[...] eu estou ficando cada vez mais retraída. Isso foi afetando a minha saúde mental durante a pandemia, de ficar mais quieta, fui desaprendendo a me comunicar com as pessoas. Aí eu tive que voltar com a terapia [...] isso de aprender a falar com as pessoas eu perdi um pouco deste tato durante a pandemia, pois eu só interagi com a minha mãe, com meu pai que faleceu há duas semanas. E com as pessoas do salão da minha família não tem uma interação, não sei explicar, são as mesmas pessoas sempre. Aí você fica meio que sem lembrar de fazer outras coisas, falar com outras

peessoas, ir a outros lugares é estranho e isso afetou um pouco a minha cabeça.”.  
(M9)

Questões relativas a preocupações com a dinâmica na universidade também apareceram e foram enquadradas na categoria: “Problemas relacionados à dinâmica da graduação (falta de aulas, previsão de formatura etc.)”, que teve três menções. A fala a seguir apresenta uma destas:

“[...] primeiro atrapalhou a conclusão da minha graduação. Eu iria concluir a graduação no meio do ano passado, julho de 2020, e esta loucura toda não tem aula e depois Plano do Período Letivo Excepcional (PLE).” (M5)

Outras questões também apareceram, como “Problemas de ordem financeira” com duas menções e “Falta de estrutura para o desenvolvimento das atividades de graduação/museu em casa”, “Falta de atividades de lazer” e “Outras questões pessoais” com uma menção cada.

**A pergunta seguinte teve o objetivo de compreender se os entrevistados tiveram alguma dificuldade na vida acadêmica**, e oito responderam que sim, um disse que não teve dificuldades e um entrevistado não respondeu a essa questão.

O entrevistado que informou não ter tido dificuldades atribuiu essa possível falta de dificuldades ao fato de já estar finalizando o curso e ter poucas disciplinas para cursar. Já as respostas dos que informaram que sim, que haviam tido dificuldades, geraram 19 unidades de análise que foram enquadradas em 10 categorias, que serão apresentadas no quadro a seguir:

**Quadro 8** – Respostas positivas à pergunta “Você teve dificuldades na sua vida acadêmica no período pandêmico se sim quais?”. N=08

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que mencionaram</b>
Sente falta da socialização proporcionada pela faculdade/estágio/atividades acadêmicas presenciais	03
Dificuldades de concentração	03
Dificuldades com a gestão do tempo	03
Dificuldades/ Não adaptação ao ensino remoto	02
Falta de estrutura adequada para os estudos (local e equipamentos)	02

Problemas de ordem psicológica	02
Problemas de ordem financeira	01
Medo da COVID	01
Universidade vista como um porto seguro	01
Precisou ajudar os pais	01

Destacamos a seguir, algumas falas que ilustram cada uma das categorias:

- a) Sente falta da socialização proporcionada pela faculdade/estágio/atividades acadêmicas presenciais:

“O maior impacto para mim, foi como eu te falei a gente perde muito do contato físico e a gente perde muito da experiência que a gente tem nos corredores da faculdade, nos eventos que são promovidos e a gente tem contato com outras realidades porque aqui no virtual acaba ficando muito restrito ao que é obrigatório da nossa grade.”. (M2)

“[...] um lado negativo a falta de interação na sala de aula. Eu estou fazendo duas disciplinas de orientação que eu adoraria estar discutindo em sala de aula e virtualmente fica bem mais complicado.”. (M5)

- b) Dificuldades de concentração:

“[...] para mim não tem nem comparação com o presencial. E em casa tem muitas distrações, muitas coisas que atrapalham [...]”. (M3)

“Eu acordava abrindo *notebook* e aí pegava um café assistia a aula. E fora tu prestar atenção né, porque você está aqui e é muito difícil você manter a atenção, sei lá, por duas, três hora né? Na faculdade é um ambiente controlado, você fica ali na sala [...] Em casa não, é passarinho cantando e galo cantando, são pessoas aqui batendo na porta, tem que fazer o almoço, enfim. Eu estou aqui na aula, mas tem que fazer a comida, enfim, é muito diferente. E eu tive que administrar isso, porque eu também tenho que cuidar da minha casa, fazer minha comida. E na faculdade era tudo mais tranquilo. Assistia minhas aulas, ia para o bandeirão e a comida já estava pronta não precisava fazer era só comer e voltar. E eu tive que remanejar, assim, a minha vida para tentar dar continuidade a este ensino a distância, mas eu não gosto, **acho muito difícil a concentração de estudar de fazer trabalhos, porque fica tudo muito, sei lá, a faculdade não tem fim. Quando acabava a aula lá, 18:20 acabava minha última aula, eu ia embora para casa e voltava só no dia seguinte. Ok que eu estudava em casa também, mas era isso, eu só encontrava a faculdade no dia seguinte. Agora eu abro o *WhatsApp* a faculdade está ali, eu abro o *e-mail* e a faculdade está ali, fim de semana a faculdade está mandando mensagens no *WhatsApp*. É isso né? Não tem muito o fim. Você não tem paz. Onde eu olho está a faculdade.**” (M4, grifo nosso)

- c) Dificuldades com a gestão do tempo:

“[...] porque tinha muitos textos para ler, muitos trabalhos para fazer. E para administrar o tempo também, porque tinha dias que eu acordava e ia dormir fazendo trabalho, a faculdade nunca me deixava.”. (M4)

“[...] eu senti que não estava conseguindo dar conta e expliquei isto para os coordenadores e entreguei algumas atividades com atraso, tanto na Casa quanto na faculdade, pois senti muita dificuldade de lidar com o tempo. Tive que me organizar para entregar as coisas dentro dos prazos estabelecidos.”. (M10)

d) Dificuldades/ Não adaptação ao ensino remoto:

“Eu tive bastante por que eu nunca estudei de forma remota, sempre estudei de forma presencial [...] mas, assim, eu sinceramente não me adaptei.” (M3)

“[...] eu tive que remanejar assim a minha vida para tentar dar continuidade a este ensino a distância, mas eu não gosto, acho muito difícil [...]”. (M4)

e) Falta de estrutura adequada para os estudos (local e equipamentos):

“[...] na minha casa tem só dois quartos e eu tenho um irmão também, meu pai e minha mãe. Então eu não tenho um espaço só para mim, sabe? Isso para mim já é bastante difícil. E para completar também, meu computador ficou ruim e eu tive que assistir às aulas e fazer estas coisas todas pelo celular, que já é outra dificuldade. Então para mim, tem sido bastante difícil. ”. (M3)

“Tive, pois, com isso de aulas serem em EAD e teve meses de a gente não conseguir pagar a conta de internet e a gente tinha que ficar ligando para operadora quando pagava, para poder voltar a receber internet e o sinal era muito fraco. ”. (M9)

f) Problemas de ordem psicológica:

“[...] o problema de chamada de vídeo com o paciente quando você é ansiosa, porque eu sou, era as crises de ansiedade que eu tinha, [...] eu fiquei muito nervosa e tive crise de ansiedade porque eu não sabia quando a gente iria voltar e realmente a gente não voltou para os nossos pacientes da área da linguagem. Então assim, o que me afetou na vida acadêmica foi isso não ter tanto contato com os pacientes né, pessoalmente, dar a eles a segurança que eu tinha que dar [...] de longe não tem como, não é a mesma coisa. ”. (M7)

“[...] durante 2020.1, por conta da minha ansiedade ficar mais aflorada eu comecei a tomar a medicação e fiquei lerda, não conseguia fazer muitas coisas só queria ficar na cama. ”. (M8)

g) Problemas de ordem financeira:

“Tive, pois com isso de aulas serem em EAD e teve meses de a gente não conseguir pagar a conta de internet [...]”. (M9)

h) Medo da COVID:

“[...] e ainda tem o peso de pensar nas coisas sobre a pandemia exposta neste lugar etc. Tiveram professores meus que tiveram COVID também aí isso afeta sim um pouco a vida acadêmica.” (M9)

i) Universidade vista como um porto seguro:

“[...] eu gostei muito de estar na Casa da Ciência e estar na faculdade era um local na casa da ciência que me estabilizava de certa forma fica ali esquecia dos problemas.” (M7)

j) Precisou ajudar os pais:

“[...] e este negócio de eu ter que ajudar no salão e assistir aula, isso foi meio complicado também. Teve muitos momentos que assistindo aula eu tinha que atender cliente recebendo dinheiro, passando cartão [...]”. (M9)

#### 6.2.2.2 Vivências sobre a mediação em museus

Ao serem questionados **como souberam da oportunidade de atuar como mediadores na Casa da Ciência**, oito disseram ter tido conhecimento através de postagens nas redes sociais e sistemas internos de comunicação da UFRJ, três iniciaram como voluntários e posteriormente se tornaram bolsistas e dois por indicação de amigos da graduação. Importa ressaltar que alguns informaram mais de uma via de recebimento das informações sobre as vagas.

**Também foram questionados sobre os motivos que os levaram a se interessar na vaga de mediação.** Um dos entrevistados não respondeu a essa questão, totalizando assim nove respostas, que estão apresentadas no Quadro a seguir:

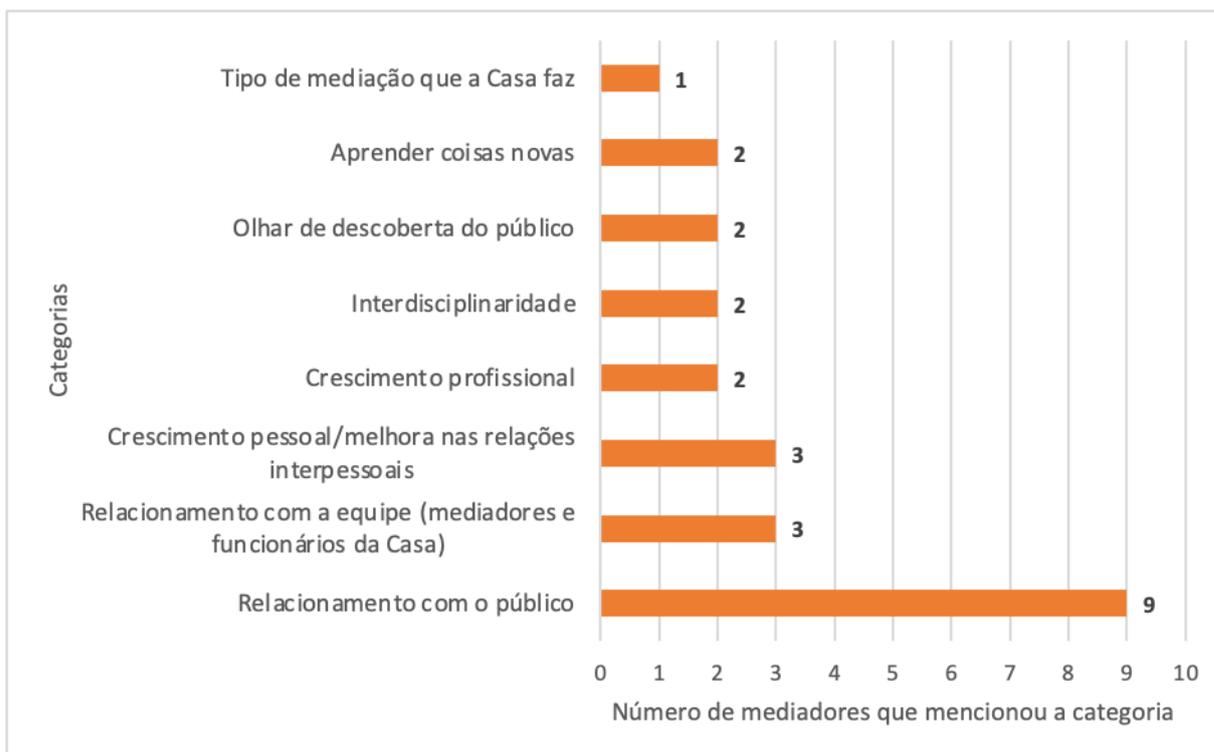
**Quadro 8** - Respostas à pergunta “Como você se interessou por ser mediador nesta instituição?” n=09. Nesta pergunta foram encontradas 11 unidades de análises, divididas em oito categorias.

<b>Categorias</b>	<b>Frequência de respostas</b>
Por gostar de museus/frequentar museus/ gostar da proposta da Casa	3
Por achar que a mediação pode auxiliar na futura profissão	2
Para dar acessibilidade a surdos	1
Indicação de amigos	1
Relação com o que estava vendo na graduação	1
Gosta da função do mediador	1
Gosta de trabalhar com pessoas	1
Precisava da bolsa	1

**Perguntamos-lhes também se já haviam sido mediadores em outra instituição**, e todos informaram que a Casa da Ciência era sua primeira experiência. Apenas um dos entrevistados informou já ter atuado em outro museu, mas não na área de mediação, mas sim em atividades administrativas.

**Ao serem questionados quais as exposições já haviam atuado**, a maioria dos mediadores informou ter atuado nas mesmas exposições, sendo alguns exemplos: Aventura pelo corpo humano, Cidade 60+, O que se passa na minha cabeça.

Outra pergunta feita, foi **“O que mais gosta no trabalho como mediador?”** Uma pessoa não respondeu e nas demais, obtivemos respostas variadas, que estão apresentadas abaixo no Gráfico 1.



**Gráfico 1** - Respostas à pergunta "O que mais gosta no trabalho como mediador?".  
N=09.

Como podemos observar, a categoria "Relacionamento com o público" foi a que obteve mais menções, sendo que nesta, todos os nove respondentes disseram algo que se enquadrava na mesma, conforme os exemplos a seguir:

"O que eu mais gosto no meu trabalho como mediador [...] é o olhar das pessoas de felicidade de estarem aprendendo alguma coisa nova, de estar, ou até mesmo já vendo alguma coisa que ela já conhece, mas com uma perspectiva diferente. O mediador não só fala, mas ele ouve também o público. Isso é bastante legal. A gente dá bastante espaço para o público falar [...] e estar vendo o olhar, o sentimento de gratificação das pessoas por estas experiências [...] eu achei assim, uma coisa que me marcou bastante, foi bem gratificante, que fez o meu trabalho me deixar mais feliz até." (M3)

"[...] mas o que eu mais gosto é a troca com as pessoas. Acho que é o que eu mais gosto e o que tenho sentido mais falta também. É de ouvir o que as pessoas têm para dizer, o que elas estão achando daquilo, de aprender, é, o que eu mais gosto é da troca com o público." (M4)

"[...] então esta troca, a reação das pessoas que passaram, que iam lá, acho que isso foi o mais importante assim o que mais me impactou com a minha experiência de mediador lá na Casa da Ciência." (M6)

Destacam-se também as falas relativas ao relacionamento com a equipe, e aqui salientamos que as falas informavam que este relacionamento se dava positivamente tanto com os demais mediadores quanto com a equipe de servidores e terceirizados da Casa, conforme expresso nas falas a seguir:

“[...] gosto de tudo lá, desde o meu relacionamento com os outros mediadores e com os funcionários do ambiente da casa.”. (M4)

“A equipe da casa que eu não preciso falar nenhuma palavra, funcionários desde a segurança até a direção são todos maravilhosos. Assim, era uma coisa que eu dizia antes de a gente entrar na pandemia toda, que se a mediação no Brasil fosse um trabalho, eu não tinha como estar mais feliz trabalhando em outro lugar senão a Casa da Ciência. (M5)

“[...] eu estou em um lugar e o lugar é muito acolhedor, as pessoas são muito acolhedoras.” (M9)

**Quando questionados acerca de qual a influência que a mediação possui no cotidiano da graduação dos entrevistados**, todos informaram que há alguma influência. As respostas dadas foram enquadradas nas categorias descritas no quadro abaixo:

**Quadro 9** - Respostas à pergunta “Qual a influência da mediação em seu cotidiano da graduação?” n=10. Nesta pergunta foram encontradas 16 unidades de análises, divididas em cinco categorias.

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que mencionaram</b>
Entendimento sobre outras áreas de conhecimento/aprender coisas novas.	06
Mediação como apoio na futura profissão	04
Melhora de habilidades de expressão e comunicação	03
Ampliação da percepção sobre a futura carreira	03
Mudança na rotina	01

Observamos aqui que mais de 50% dos entrevistados informaram que a mediação influencia no entendimento sobre outras áreas de conhecimento, que possibilita aprender coisas novas. Alguns exemplos de falas enquadradas nesta categoria seguem abaixo:

“Porque a gente acompanha todas as informações da mediação, dos cursos de [...] Então eu acho que isso fez bastante diferença para eu entender o que é ciência, a influência da ciência na sociedade, qual é o papel dos pesquisadores. Isso tudo eu acho que carrego, assim, para tudo que faço hoje na graduação, faço com muito mais dedicação por entender processo, que é muito valioso e muito sério.” (M2)

“Então, assim, eu tive a oportunidade de, através da mediação, ter contato com temas que eu não tinha, como por exemplo na [exposição Cidade] 60+ [...]”. (M4)

A categoria “Mediação como apoio na futura profissão”, apareceu em seguida com quatro menções e temos como exemplos das respostas enquadradas nesta categoria:

“[...] principalmente porque trabalho com o público e a minha profissão, ela é focada no atendimento ao usuário e de dar a ele suporte né.”. (M1)

“Sim, bastante, porque pretendo me formar professor de biologia [...] a gente sabe que o professor, ele lida bastante com público, com alunos e tudo mais [...]”. (M3)

“[...] também faço psicologia e a gente trabalha com a escuta, então a minha escuta, ela ficou muito mais sensível depois que entrei lá na Casa da Ciência. Assim, porque lá né, a gente sempre, os funcionários dizem para a gente ouvir e em cima do que a pessoa está falando a gente deve apresentar lá os nossos conhecimentos.”. (M4)

Além da categoria “Melhora das habilidades de expressão e comunicação”, com três menções e da mediação como algo que mudou a rotina do entrevistado, com uma menção apenas, destacamos a categoria “Ampliação da percepção sobre a futura carreira”, que teve como respostas as seguintes falas:

“[...] conforme iam tendo exposições, a gente ia tendo treinamentos e estes treinamentos tinham pessoas especializadas, fazendo palestras e falando sobre os temas e isso abriu muito a minha cabeça com relação a carreiras, estudos [...] eu entrei na graduação de letras meio perdida [...] mas o conhecimento que eu adquiri na Casa, ele me ajuda a ter uma perspectiva mais abrangente de letras [...] estas coisas eu não tinha esta perspectiva antes da Casa.”. (M9)

“Na graduação a mediação me levou a considerar uma área de trabalho mesmo de atuação dos museus. Como eu estudo artes, me despertou muito interesse e agora eu estou buscando outros cursos que me auxiliem na arte educação e medição. Então eu acho que esta foi a principal contribuição.”. (M10)

**A pergunta seguinte buscou verificar, na perspectiva dos entrevistados, se estes consideravam o trabalho de mediador importante e por quê.** Um dos entrevistados não respondeu a esta questão e os nove demais disseram que sim, que consideravam o trabalho

como mediador importante. Acerca das justificativas, obtivemos 18 unidades de análise, que foram separadas em seis categorias, conforme apresentado no Quadro a seguir:

**Quadro 10** – Respostas à pergunta “Você acha que o trabalho de mediadores em museus é importante? Por quê?”. N=09.

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que mencionaram</b>
O mediador atua como a ponte/interlocução/interação humana entre a exposição e o público	06
Diferença entre exposições com e sem mediação	05
Ampliação das percepções/experiência do público	02
Acolhimento do público/apropriação do espaço do público	02
Ouvir a experiência do público/diálogo/construção coletiva	02
Auxílio na acessibilidade	01

A categoria com mais falas enquadradas foi a que considerava o trabalho como mediador importante pois “O mediador atua como a ponte/interlocução/interação humana entre a exposição e o público”, com seis mediadores que a mencionaram. Alguns exemplos de falas desta categoria:

“É muito importante porque consegue direcionar o olhar da pessoa para uma coisa que muitas vezes ela não conseguiu ver sozinha [...] Como mediador a gente pode direcionar e mostrar que muito mais daquilo que ela está vendo ali exposto que tem uma história ali por trás, que tem uma vivência ali por trás. E aí a pessoa fala: nossa não parei para pensar nisso, faz sentido. Aí, dando este direcionamento, a pessoa já entra com outro olhar, com um olhar mais crítico.”. (M7)

“Eu acho que sim porque as vezes as pessoas podem entrar lá, por exemplo na [exposição] Alzheimer: entra lá vê a figura, figura não desculpa, vê a arte e não entender o contexto. Então o mediador, ele faz esta diferença, ele está ali para explicar para pessoa entender o contexto do que está sendo tratado e a partir disto ela deixar a imaginação dela fluir ao olhar uma arte sabendo que ali se trata de Alzheimer. Mesmo tendo aquele painel na frente, muita gente não para e lê: aí, é muita coisa vou só ver. Mas assim, o que tem a ver isso aqui com Alzheimer? Então é bem legal quando o mediador fala: é uma artista que teve contato com a avó que teve a doença [...]”. (M8)

A segunda categoria com mais falas enquadradas foi acerca da diferença entre exposições com e sem mediação e o quanto eles julgavam que a mediação tem relevância.

“[...] eu falei para você que antes de entrar na Casa da Ciência, naquele período que comecei até a frequentar mais museus, constatei a diferença de ir a uma exposição sem mediação e ir a uma exposição com mediação. E vi que realmente a gente aproveita muito mais.”. (M1)

“[...] porque eu já tinha ido em exposições com tipo um monitor uma pessoa lá na exposição aí se você quiser você vai lá e pergunta para ela ou ele alguma informação, mas eu nunca tinha ido em exposições guiadas. E uma coisa que percebi é que você aprende muito mais sobre uma exposição.”. (M9)

### 6.2.2.3 Expectativas quanto ao trabalho de mediação no mundo pós-pandemia.

Como terceiro bloco de perguntas, os entrevistados foram perguntados acerca de suas perspectivas e expectativas acerca do trabalho como mediador num cenário de pós-pandemia.

**Sendo mediador de um museu de ciência, você acha que tem uma visão diferente das informações sobre a pandemia? Se sim como?”.**

Apesar de ter dito que sim, que a atuação como mediador havia tido alguma influência, um dos entrevistados não respondeu a essa pergunta de forma coerente e outro informou que influenciou em partes. Das oito demais respostas foram extraídas 14 unidades de análise, que foram enquadradas nas categorias apresentadas a seguir:

**Quadro 11** - Justificativas dadas a pergunta: "Sendo mediador de um museu de ciência, você acha que tem uma visão diferente das informações sobre a pandemia? Se sim como?”. N=8.

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que mencionaram</b>
Tem acesso a fontes confiáveis de informação/ambiente e processos científicos	07
Desenvolveu trabalhos na Casa sobre a Pandemia	03
Aprendeu a divulgar ciência	02
Desenvolveu uma visão crítica a partir da atuação na Casa	02

Notamos a partir dos dados expostos, que a maioria dos mediadores informou que sua visão era diferente, pois “Tem acesso a fontes confiáveis de informação/ambiente e processos científicos”. Alguns exemplos dessas falas estão a seguir:

“[...] Acho que [...] é confiar no processo científico. É uma coisa que a gente constrói a partir do conhecimento que a gente tem sobre este processo. Eu acho que isso influencia diretamente a percepção das notícias que a gente recebe, e por ter contato com as pessoas da área. Lá na Casa da Ciência mesmo a gente trabalha com muitas pessoas da biologia [...] então além das informações que a gente recebe via mídia, internet, a gente tem contato com estas pessoas e através deste contato a gente recebe as informações [faz gesto de aspas com as mãos] de dentro do laboratório, então a gente não fica suscetível a duvidar muito de que tem sido feito o máximo possível para resolver esta situação.”. (M2)

“Com certeza, eu acho que eu já tinha por conta da graduação, que é licenciatura em biologia, então já tem dois pés atrás com toda a informação que a gente recebe [...] é mais fácil filtrar as *Fake News* com certeza. E é mais fácil de ter acesso a banco de informações confiáveis e isso eu acho que também a Casa da Ciência faz um papel junto né.” (M5)

“Tenho sim pois acabo acompanhando, [pausa breve] como posso dizer? Sites sérios bem-informados, não jornais e tudo mais que só dão a própria opinião. Então participar, trabalhar em museu me deu esta perspectiva, me deu este olhar.”. (M8)

Três mediadores informaram também que desenvolveram trabalhos sobre a Pandemia neste período e que isso influenciou suas percepções sobre ela. Dois salientaram que a atuação num ambiente de divulgação científica fez com que aprendessem sobre a área e que isso lhes deu condições de pensar diferente, conforme expresso a seguir:

“Com certeza, porque eu acho que eu vejo as coisas de uma outra maneira agora. Por exemplo, de como a ciência é divulgada, entendeu? Lá na Casa da Ciência a gente aprende muito como divulgar a ciência, seja ela em forma de arte, seja ela na forma de enfim em diversas formas.” (M6)

“[...] é uma coisa difícil de não ter, por você ter muito contato com divulgação científica, e você tem contato com o método científico, você tem contato de como funciona as pessoas que trabalham com a área acadêmica e que trabalham na área de pesquisas [...] e com este universo que tem a ver com a pandemia. Primeiro que você já tem a vivência de saber como é a vida destas pessoas e estas pessoas já contam os casos da área para você sabe? Elas já falam como funcionam a mentalidade das pessoas com relação a este tipo de coisa e aí você já tem a noção de que é um pouco mais complicado que eu achava que era.”. (M9)

Destacamos aqui ainda a continuidade da fala de um dos entrevistados, que informou que exerceu sua prática de divulgação científica com a família, buscando elucidar possíveis dúvidas e trazendo informações de qualidade.

“[...] por exemplo eu tenho uma família que é muito prática, ninguém tem graduação, ninguém é muito deste lado científico. Eles são práticos: vamos trabalhar aqui de coisas manuais e ganhar dinheiro. O importante é ganhar dinheiro, o importante é viver e pagar as contas etc. Eles não têm tanto a perspectiva de ver por trás das coisas. Então ver meus parentes e suas perspectivas e ver as pessoas que eu tenho convivência para fazer as coisas no museu é muito conflitante, é um contraste sabe? Eles ouvindo falar sobre o vírus e se questionando mais o que é um vírus? Mas porque que este troço não morre se você lava a mão? Ah, eles estão inventando isso [...] isso é para afetar a economia, isso não existe não. Aí começa a morrer gente, aí eles ficam falando que é praga, isso é para pegar as pessoas que são ruins. Aí morre alguém que eles gostam aí eles acham estranho, aí acham estranho vacina. Eles têm uma visão muito mais simplista e até folclórica das coisas sabe? E aí quando você vai pesquisar um pouco mais, você tem um contato com o museu, você tem um contato com a área científica, você percebe que é muito mais complicado e **você fica buscando formas de simplificar estas complicações para informar estas pessoas** que tem esta visão tão folclórica das coisas. **Que é o que eu estou tentando fazer durante a pandemia com meus pais.**” (M9, grifo nosso)

Por fim, ainda nesta questão, dois entrevistados salientaram que participar das ações como mediadores, lhes deu a oportunidade de desenvolver uma visão mais crítica, conforme apresentado nas falas a seguir:

“Acho que sim. Como falei, não sei, se talvez eu não tivesse muita noção de como é, de como se constrói o conhecimento científico [...] talvez eu duvidasse um pouquinho mais. Não da ciência, mas, assim, das informações que a gente recebe, por exemplo, sobre a vacina. Porque a gente, quando não entende este processo, acha que qualquer frase, qualquer coisa que tenha sido construída para causar dúvida nas pessoas, se a pessoa não tiver em mente este processo científico como ele é, e que ele tem estas oscilações até resolver o problema, a pessoa realmente cai em dúvida.” (M2)

“[...] então, estou tendo uma visão muito mais crítica desde o início da pandemia do que as outras pessoas que as vezes acreditavam em *Fake News*. Tinha muita *Fake News* no início, na verdade até hoje tem, né? Então, assim, eu tenho um olhar muito mais crítico do que as outras pessoas tem.” (M7)

A pergunta seguinte buscou verificar **“Você teve a oportunidade de atuar como mediador durante a pandemia do novo Coronavírus? Se sim, como foi essa experiência?”**. As respostas a essa pergunta demonstraram que muitos dos entrevistados ainda tinham muita dificuldade em definir o que efetivamente era mediação no ambiente virtual e o que não era. Dos 10 entrevistados, seis disseram não ter feito nenhuma ação específica de mediação, mas sim de produção de conteúdo e que tinham muita dificuldade em classificar as ações como sendo de mediação ou não. quatro informaram que sim, que realizaram atividades de mediação, mas através das descrições, notamos que somente um fez

efetivamente uma ação de mediação junto ao público, ainda que de forma virtual. Os demais fizeram produção de materiais assíncronos e não tiveram contato com o público.

**Quando questionados se acreditavam que os museus ainda continuariam a ser visitados no futuro**, nove informaram que sim e um disse não saber. A seguir algumas respostas dos que disseram acreditar que sim:

“[...] eu acho que sim também pelo fato que as pessoas estão tão, as que estão respeitando, e podem também respeitar, elas estão em casa. Então eu acho que eu na primeira oportunidade que tenham de sair, acho que vão passear sim. Espero né que visitem a Casa da Ciência.”. (M1)

“[...] eu não vejo a hora de ir a uma exposição nova, de visitar um museu que não conheço [...] então assim a gente cria muitas expectativas sobre o mundo real, sobre o mundo do presencial.”. (M2)

“[...] honestamente, do fundo do meu coração, quero muito responder que sim. Espero que esta loucura toda e este desconhecimento científico levem mais pessoas para os museus de ciência [...]”. (M5)

“E com todo mundo preso em casa por tanto tempo acho que quando puder voltar todo mundo a fazer as coisas as pessoas vão querer fazer tudo fazer o máximo de coisas possível e aproveitar tudo que elas não puderam fazer durante o período que estavam em casa. Eu acho que pode até aumentar o número de público.”. (M9)

Já em relação à questão **“A pandemia mudou o seu ponto de vista com relação ao seu trabalho como mediador?”**, notamos uma diversidade de respostas: quatro disseram que não, que não houve mudança, 3 informaram que sim, dois disseram que não sabiam responder, e uma não deu uma resposta coerente com a pergunta. No entanto, salientamos que mesmo os que disseram que não havia mudado o ponto de vista com relação ao trabalho, os que disseram não saber responder, quanto os que disseram ter havido mudança, apontaram que a pandemia lhes fez perceber a importância da sua atuação como mediador, conforme as falas a seguir:

"[...] Eu percebi a importância do meu trabalho assim né? A gente está vivendo esta era aí de *Fake News* então eu vejo que este papel de destaque de divulgadora científica é crucial [...] neste momento que a ciência está tão desacreditada. Então eu entendo a importância da minha função [...] meu pai esteve aqui em casa, ele esteve aqui no meu quarto para falar que a minha avó, ela tem 85 anos e ela não queria tomar vacina, porque ela viu *Fake News* dizendo que iria morrer sei lá o que ela viu. Aí meu pai falou não [nome da mediadora] que está na universidade mãe, ela é cientista, ela disse que é confiável. E eu achei isso engraçado né, porque eu não sou uma cientista, destas cientistas né, no senso comum, mas eu acho que é isso ele me enxerga desta forma por estar em contato com a ciência e validou a minha opinião para isso né [...] eu comecei a perceber a importância deste lugar que eu estou." (M4)

"[...] eu acho que eu me senti mais importante, mais necessário, mas eu não sei se mudou não. Acho que não mudou, eu tinha ciência do que era ser um mediador e da importância de um mediador". (M6)

A questão seguinte buscou verificar "**O que será diferente no seu ponto de vista nos museus e centros de ciência?**". Importa ressaltar que dos 10 respondentes, três disseram não saber o que poderia ser diferente, mas sugerem possibilidades e quatro disseram ter expectativas que, em algum momento, tudo volte ao normal, como antes da pandemia e os três demais deram apenas sugestões de como o trabalho seria. As respostas dadas foram organizadas em oito categorias e são apresentadas no quadro a seguir.

**Quadro 12** – Respostas dadas a pergunta: "O que será diferente no seu ponto de vista nos museus e centros de ciência?". n=10.

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que a mencionaram</b>
Acreditam que serão aplicadas regras sanitárias (distanciamento, uso de máscaras, álcool em gel etc.)	5
Acreditam que haverá mudanças no formato das exposições/atendimento ao público nas exposições	2
Acreditam na ampliação do papel de museu/divulgação científica	2
Acreditam numa possível resistência do público a temas de ciência	2
Acreditam que será necessário um reforço das ações de comunicação	1
Tem a expectativa de valorização da ciência pelo público	1
Acredita que os museus sofrerão ainda mais perda de investimentos	1
Tem expectativa de valorização do espaço/aumento de visitação	1

Os entrevistados também foram questionados acerca de **quais as expectativas deles em relação ao trabalho de mediação num cenário pós pandemia**. E se eles teriam **alguma sugestão para adaptar seu trabalho ao que muitos chamam de "novo normal"**. Das 10 respostas dadas pelos mediadores em relação às expectativas, foram extraídas 12 unidades de análise, que foram enquadradas em sete categorias, conforme apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 13** – Respostas dadas a pergunta: " Quais são suas expectativas sobre o trabalho de mediação em um mundo pós, pandemia?". n=10.

<b>Categoria</b>	<b>Número de mediadores que a mencionaram</b>
Expectativa de que será necessário seguir regras sanitárias (como distanciamento, uso de máscaras etc.)	5
Receio/medo de problemas na interação dos mediadores com o público	2
Que haja limitações/ajustes na forma de mediar	1
Que haja uma queda brusca no número de visitantes	1
Que haja ampliação das ações nas mídias sociais	1
Que se ampliem as ações de acessibilidade	
Expectativas de que tudo retorne a como era antes da pandemia	1
Não soube responder	1

Importa ressaltar que dos 10 entrevistados, somente dois disseram ter expectativas boas em relação ao retorno do trabalho, conforme falas expressa as seguir:

"Olha, as minhas expectativas são as melhores possíveis, porque eu estou com muitas saudades [risos] [...], mas eu acho que vai ser um pouco diferente, a gente vai ter que tomar os devidos cuidados, distanciamento. Mesmo vacinando todo mundo, o vírus ainda estar aí. Aparelhos de proteção né? Mediação de máscara. A gente não vai poder ver a expressão das pessoas [...]". (M4)

"Eu acho que as coisas em algum momento vão voltar a ser como eram, ou vão chegar perto disso [...] pelo menos, sei lá, me dá vontade de fazer muito mais coisas com as pessoas. E eu acho que eu vou me sentir muito mais empolgada a mediar e ver as pessoas, enfim."(M10)

Os oito demais respondentes demonstraram muita preocupação quanto ao futuro, relatando medo e insegurança por conta de toda a situação relativa à pandemia. Alguns ainda apontaram ter receio de que o trabalho como mediador acabasse devido a possíveis restrições

de aglomerações ou mesmo a substituição dos mediadores humanos por ações virtuais, conforme as falas a seguir:

"[...] eu não faço a menor ideia, talvez não tenha mais mediação. Talvez as pessoas cheguem simplesmente com seus celulares nos museus e tenham uma mediação virtual. Elas vão com a câmera no espaço e o mediador virtual vai fazendo a mesma [pausa breve], contando a mesma historinha para todos os visitantes, conforme eles passem. Talvez seja uma perspectiva que seria um tanto quanto trágica do meu ponto de vista, seria muito triste se isso acontecesse [...] E de qualquer forma, eu acho que as coisas não têm como ser as mesmas, porque as coisas não voltam atrás, não existe o voltar para a normalidade pré-pandemia. A gente encontra uma nova normalidade pós pandemia [...]". (M5)

Quanto às sugestões dadas por eles, somente metade dos entrevistados (cinco respostas) optaram por dar uma sugestão e destes, quatro disseram que buscar medidas de segurança do público e a necessidade de seguir protocolos sanitários seriam sugestões. A outra resposta foi a sugestão de que a Casa deveria buscar promover mediações virtuais.

A questão seguinte buscou verificar se **os entrevistados consideravam viável uma mediação online** e se se sentiriam confortáveis realizando uma mediação nesse formato. Todos disseram preferir as ações presenciais. Dos 10 respondentes, três disseram que se sentiriam confortáveis em partes, mas que realizariam devido ao contexto de pandemia e sete disseram que sim, que achava que era viável uma mediação virtual. Entretanto quanto ao se sentirem confortáveis em realizar uma possível mediação virtual, somente três disseram que se sentiriam confortáveis e um que talvez. Outros três disseram que não se sentiriam, dois disseram que não sabiam responder e um não respondeu.

Na questão seguinte, buscamos compreender se, **na opinião dos entrevistados, a Casa da Ciência estaria preparada para essa informatização**, e apenas um dos mediadores disse que acreditava que sim. 4 disseram que estaria em partes, quatro que não, um disse que não saberia responder e um não respondeu a essa questão. cinco dos respondentes ainda deram os motivos pelos quais achavam que a Casa não estaria preparada ou estaria em partes e todos esses relataram que a falta de recursos para a construção/manutenção de uma estrutura que possibilitasse essas ações virtuais seria um impedimento. Dois salientaram também a necessidade de uma equipe que pudesse se dedicar a isso de forma mais exclusiva.

"Não e não é por culpa de onde eu trabalho. [...] não temos muita verba. É um espaço que merece né, mas ele está sendo sucateado. [...] porque vontade tem, dinheiro [...] é que não tem."(M1)

"Eu acho que assim, de estrutura [...] eles poderiam ser mais bem assistidos. [...] talvez a equipe ser muito pequena, isso sobrecarrega muito as pessoas. E o trabalho para ser um trabalho bem-feito, ele demanda mais tempo [...] Eles [a equipe] sempre se doam mais do que podem, mas eu acho que a estrutura, falando em necessidades técnicas mesmo, acho que a equipe acaba até sofrendo um pouquinho por falta de recurso." (M2)

A penúltima questão buscou verificar se os entrevistados tinham **interesse em permanecer atuando como mediadores após a pandemia** e 8 disseram que sim, um disse que não pois estava focando mais em ações específicas da área de saúde e um disse que teria sim interesse, mas não continuaria pois estava se formando.

"Aí se eu pudesse... eu vou me formar, né, então não vou continuar na UFRJ. Poderia continuar como voluntaria, mas preciso seguir outros caminhos. Aí a gente volta lá para a questão da renda. Seria ótimo se eu pudesse continuar como voluntaria, mas no momento eu não posso [...], mas é só por isso. Se eu tivesse descoberto a Casa da Ciência e o trabalho de mediação no começo da minha graduação, eu teria feito a graduação inteira na Casa da Ciência simplesmente." (M5)

Por fim, quando perguntados se da conversa que tivemos, eles **gostariam de acrescentar algo que achassem importante, mas que não havia sido perguntado**, surgiram alguns assuntos interessantes, como a importância da acessibilidade em museus, as mudanças e dificuldades enfrentadas por eles com relação à função de mediador e como criadores de conteúdo virtual, como alguns deles acharam as atividades cansativas, além de um apontamento específico em relação à necessidade de capacitação nas ações presenciais. Além disso, alguns apontaram a importância em se visitar museus de ciência, a necessidade de a Casa da Ciência ser conhecida dentro da própria universidade e também salientaram o suporte recebido no período da pandemia por parte da equipe da Casa.

"Eu gostaria só de salientar que esta mudança de função dentro da Casa de mediador agora, para a produção de conteúdo, também foi muito difícil, assim, porque eu não sou uma pessoa muito ligada as minhas redes sociais na minha vida pessoal. E foi muito diferente, porque é um outro público e uma outra forma de se comunicar [...] a gente teve um treinamento, mas é isso, tem certas coisas que é da vivência [...]". (M4)

"[...] eu quero deixar registrado [...] a medição e o trabalho voltado para os museus não são tão divulgados. As pessoas não têm tanta informação, não é uma carreira que as pessoas conhecem. E é uma coisa que entrou na minha vida do nada e que é muito legal e eu não sabia que era tão legal. E as pessoas, quando você fala que faz estágio em um museu, as pessoas se assustam e perguntam se dá para fazer isso. E aí perguntam o que é eu explico que sou mediadora. E isso não é divulgado e valorizado. Eu acho que deveria ser mais visto [...]" (M9)

"Eu acho que sobre a Casa, quero fazer elogios. Desde o começo lá eles foram muito compreensivos e acolhedores comigo em alguns momentos que foram difíceis para mim. Isso não só as pessoas que trabalham na casa, mas também os mediadores que são bolsistas. Então, isso é uma coisa que eu sempre falo sobre a Casa da Ciência, porque tem realmente pessoas que se preocupam com você, se preocupam com seu bem-estar, então eu acho isso muito importante. E durante este período de pandemia, a gente teve muito apoio, mesmo que todo mundo não soubesse ao certo o que estava acontecendo contigo, estava todo mundo inseguro, a gente recebeu bastante suporte, sinto que a gente foi bem acompanhada durante o período que a gente ficou virtualmente. [...]" (M10)

### 6.3 Entrevistas de retorno

Dos dez medidores entrevistados anteriormente, apenas cinco permaneceram na instituição ao final do ano de 2021. Desses, conseguimos entrevistar quatro, no intuito de compreender suas percepções com relação à sua vida pessoal, profissional e acadêmica na pandemia após oito meses da nossa primeira entrevista e para tanto, realizamos três perguntas.

A primeira buscou verificar se na perspectiva deles, **algo havia mudado em relação à sua vida como mediador desde a realização da primeira entrevista.**

No primeiro questionamento sobre as mudanças que podem ter ocorrido após as nossas entrevistas de março de 2021, já sentimos um desestímulo na fala dos entrevistados, apesar da empolgação citada em várias falas sobre a possível volta ao modelo presencial de mediação, com a possibilidade da reabertura da Casa da Ciência no mês de dezembro de 2021 já para eventos testes com público. Os mediadores pareciam estar exaustos. E mais uma vez quando lhes foi solicitado falar sobre as possíveis mudanças relacionadas no seu trabalho como mediador no período após nossa primeira entrevista, houve uma pequena dificuldade com relação à classificação do que seria efetivamente uma mediação “*online*” versus a produção de conteúdo para as mídias sociais, como já colocado outras vezes nas entrevistas anteriores e explicitado na fala a seguir:

“Eu acho que mudaram algumas percepções sobre a mediação remota. No começo estava muito bom, contudo, começou a saturar demais. Nós ficamos muito tempo no

remoto [...] fizemos muitos trabalhos escritos, trabalhos que precisavam de uma produção textual, às vezes não tinha a repartição do trabalho a ser feito [entre a própria equipe de mediadores], e acabava ficando muito pesado.” (M1)

Importa destacar que todos os quatro entrevistados mencionaram que estavam na expectativa para o retorno às atividades presenciais. Outros fatos também são citados como a importância de estarem vacinados, o quanto aprenderam como modo de trabalho virtual, sobre outras possibilidades de atuação nas redes sociais e na virtualização dos museus ocasionadas pela pandemia, a percepção de que o trabalho virtual continuará importante e é possível que ocorram trabalhos híbridos de mediação. Sobre este fato foi destacada esta fala:

“Mas eu acho que eu me sinto mais preparada como mediadora para atuar em outros cenários que não só o presencial, e eu acho que é importante [...] Agora tem a vacina e as coisas já estão passando de uma certa forma [...] eu acho que este formato “online” não deixará de ser feito. Vai ser mais uma coisa híbrida a partir de agora, porque acho que antes, talvez, a gente não tinha noção da potência, sabe, das coisas que podem ser realizadas virtualmente, [...] enfim acho que pode trazer um maior dinamismo para os mediadores, outras possibilidades. (M10)

A segunda questão buscou verificar: **“Quanto a sua vida acadêmica e pessoal, algo mudou desde que fizemos a entrevista?”**. Todos os entrevistados disseram que sim, que ocorreram mudanças em suas vidas, seja de forma acadêmica ou pessoal. Foram citadas dificuldades com relação ao adoecimento de familiares e de si próprios, inclusive citando problemas psicológicos ocasionados por estresse e ansiedade. Entretanto, foram apontados também conquistas, como a aprovação de um num concurso público como professor, outro que seguiu para uma pós-graduação em divulgação científica e outra a finalização do seu curso de graduação.

Por fim, a última questão foi **“E de algum colega seu mediador, você soube de mudanças em alguns destes três aspectos (atividade profissional de mediador, vida acadêmica e vida pessoal)?”**. Nesta pergunta, notamos que três dos mediadores ficaram um tanto quanto incomodados de citar colegas e dois deles responderam que não têm contato com os outros mediadores fora o trabalho que realizam *“online”*. Um não respondeu e um deles cita a integração que tem com colegas que fazem licenciatura em sua graduação e suas conversas sobre a influência que a mediação teve nas suas atividades em sala de aula como exemplificado na fala a seguir:

“A gente trabalha com outros colegas que são da licenciatura e eles sempre relatam que a atividade de mediação fez muita diferença na hora de entrar em sala de aula na hora de aplicar conceitos na docência na educação formal, as coisas que a gente aprende na atividade de mediação acabam tendo este impacto em sala de aula também.”. (M2)

## 7 DISCUSSÃO

### 7.1 Sobre a Casa da Ciência da UFRJ

#### 7.1.1 História e estrutura

Com relação aos dados obtidos através das entrevistas realizadas com as servidoras da Casa da Ciência (CDC), buscamos informações com uma servidora com uma longa atuação na instituição, e outra servidora que lidou diretamente com os mediadores durante o período da pesquisa, buscando relatar a parte histórica e estrutural da CDC.

Apesar de ser uma instituição relativamente nova, tendo sido inaugurada no ano de 1995, a parte documental histórica da instituição é rica em detalhes quanto à importância do seu prédio histórico e de sua preservação.

A edificação que, hoje, abriga a Casa da Ciência da UFRJ, tem três diferentes recortes temporais, a partir de 1926 (construção do prédio) até 1995 (inauguração do centro cultural). Essas reflexões têm origem no Projeto Memória – Casa da Ciência/Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, que almeja constituir um banco de dados históricos e documentais sobre a edificação na qual está instalada a Casa, assim como seus diferentes usos ao longo do tempo, para servir como suporte a futuras pesquisas. (MORAES e SIMÕES, 2016. P. 01)

A parte documental que lida com informações sobre a mediação na CDC é escassa, dando a esta pesquisa, portanto, um peso significativo aos dados obtidos.

A partir das entrevistas, quando o assunto é relacionado às atividades realizadas na CDC, notamos que a instituição tem uma preocupação com o conteúdo exposto a seu público, buscando trazer atividades que priorizem a apropriação de assuntos científicos por estes visitantes.

Além de suas exposições temporárias, a CDC também atua com atividades como “*workshops*”, seminários, palestras, cursos e oficinas que são preparadas para atender a todos os tipos de público.

Assim, a Casa se aproxima de um “museu de ciência” no que concerne ao lugar que exhibe acervos em exposições, ainda que de forma temporária, colocados a serviço da sociedade. E se apresenta como um centro cultural discutindo as interações entre arte e ciência numa constante experimentação das diferentes áreas de conhecimento por meio de práticas comunicacionais imersivas no campo da popularização da ciência. (SIMÕES et al.,2021p. 753)

Além disso, a CDC também se apresenta como um espaço para o desenvolvimento de pesquisas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que está aberto para receber contribuições acadêmicas e pesquisas de outras instituições brasileiras e estrangeiras.

A equipe da Casa da Ciência é relativamente pequena e possuía, no momento da entrevista, 24 servidores, 12 mediadores bolsistas, dois bolsistas de outros projetos e nenhum voluntário. Desde então o número de bolsas para mediação vem caindo anualmente. Em 2020 eram 12 bolsistas, em 2021, 11 e hoje, em outubro de 2022, a equipe da Casa possui apenas nove mediadores bolsistas, três alunos que cumprem carga-horária de extensão e nenhum voluntário. Importa ressaltar que uma das servidoras nos relatou que no ano de 2019 a CDC chegou a ter 18 bolsistas e diversos voluntários.

Acreditamos que a redução não só no número de bolsista, mas também no valor de sua remuneração, que era de R\$ 550,00 e agora é de R\$ 400,00 por 20 horas semanais de trabalho, demonstra, como já apontado anteriormente, a grande fragilidade do setor.

A redução no valor pode ter ocorrido pois as bolsas disponibilizadas através do programa do Sistema de Museus, Acervos, Patrimônio Cultural (SIMAP) que a Casa da Ciência possui, se adequam às normas da regulamentação que trata das bolsas de extensão no país (DECRETO Nº 7.416, DE 30 DE DEZEMBRO DE 2010), que atualmente estão no valor de R\$ 400,00. Quanto à redução no número de bolsistas, destacamos que um importante complicador neste cenário é a não ampliação do número de bolsas do SIMAP desde 2020, que possui somente 26 bolsas<sup>6</sup> para atender a todos os entes museais da UFRJ (que até o momento desta pesquisa, eram 17<sup>7</sup>). Além disso, o contínuo corte de verbas da universidade também tem influência nessa situação.

O corte orçamentário das Universidades Federais tem sido recorrente desde o ano de 2018 segundo Carvalho (2019) e houve um decréscimo de 30% das verbas no mês de abril do ano de 2019, desencadeando uma grande crise na educação superior. Após o corte ter sido

---

<sup>6</sup> Número de bolsas disponível no edital 116/2022 – SIMAP.

<sup>7</sup> Dados disponibilizados pelo SIMAP.

concretizado, atingindo todas as Universidades Federais do país, segundo o que relatam os autores Marques, Kruse e Bispo (2019) algumas destas instituições sinalizaram a possível suspensão de atividades em razão deste contingenciamento. Conforme a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) (2021), em entrevista veiculada pela CNN<sup>8</sup>:

A UFRJ ressaltou que, do valor total do orçamento, R\$ 152,2 milhões estão indisponíveis porque aguardam a votação de emendas no Congresso Nacional, o que não tem uma data prevista. Outros R\$ 41,1 milhões desse montante estão bloqueados pelo governo federal. Caso o Congresso Nacional não aprove a suplementação orçamentária, o valor destinado à UFRJ para custeio de despesas em 2021 será de R\$ 111,1 milhões. O valor, segundo a reitoria da universidade, corresponde valor do orçamento destinado à instituição em 2008. Na ocasião, a UFRJ tinha 34 mil alunos matriculados, e hoje, conta com 57 mil estudantes. (ANDIFES, 2021)

Isso demonstra uma grande fragilidade na própria mediação, pois não somente os bolsistas ficam sem a segurança da possibilidade de manutenção da bolsa, mas também a própria Casa da Ciência sofre com a redução drástica de alguns de seus principais atores, os mediadores, o que impacta diretamente na oferta de atividades pela instituição.

Esses dados têm similaridade com os encontrados na pesquisa realizada pelos autores Carletti & Massarani (2016) que apontam a fragilidade do vínculo que os mediadores têm com as instituições em que trabalham, onde 60,6% dos mediadores do Brasil recebem bolsas e menos de um terço destes possui um vínculo sólido com carteira assinada e todos seus benefícios.

E os dados relacionados a este assunto no âmbito mundial, durante a pandemia, trazidos pelo relatório do ICOM (Conselho Internacional de Museus) são ainda mais alarmantes:

No entanto, a situação dos profissionais autônomos de museus é alarmante: 16,1% dos entrevistados afirmaram ter sido demitidos temporariamente e 22,6% não tiveram seus contratos renovados. O setor freelance é muito frágil: 56,4% dos entrevistados afirmaram que terão que suspender o pagamento do próprio salário em decorrência da crise, e 39,4% disseram que suas empresas terão que reduzir o número de funcionários. (ICOM, 2020).

---

<sup>8</sup> Disponível em <  
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/universidades-federais-terao-corte-de-pelo-menos-r-1-bilhao-no-orcamento/>> Acesso em janeiro de 2022.

Esses dados mostram mais uma vez a fragilidade do vínculo institucional dos mediadores com a instituição em que atuam. Ainda que a mediação humana venha sendo citada como trabalho primordial para Museus e Centros de Ciência interativos por vários autores: (MORAES et al., 2007, p. 56; BONATTO et al., 2007, p. 48; RIBEIRO e FUCHI, 2007; TRAN, 2008; MARANDINO, 2008, p. 28) está ainda não tem o reconhecimento necessário para ser tratada como profissão. “No Brasil, geralmente, a mediação parece ser um trabalho temporário voltado para estudantes.” (CARLÉTTI & MASSARANI, 2016).

Voltando aos dados de estrutura da Casa da Ciência, uma das servidoras nos deu uma informação fundamental para responder umas das questões base desta pesquisa, visto que a instituição não dispunha destes dados em documentos. Precisávamos saber quando começaram os trabalhos de mediação na Casa da Ciência.

Durante a entrevista nos foi relatado um vínculo forte e longínquo da servidora 2 com Casa da Ciência. Ela nos relatou ter atuado como mediadora na instituição desde sua segunda exposição e, a partir de então, permanece na Casa. Ela nos afirmou que a Casa da Ciência possui mediação humana desde sua inauguração em 1995. Falamos também de como a mediação era realizada na instituição e as entrevistadas citaram informações importantes.

As participantes nos disseram que como as exposições da Casa da Ciência são temporárias, a mediação é adaptada a cada contexto ou a cada novo tema de exposição, bem como ao tipo da montagem da exposição. Outro fato interessante a ser ressaltado é que elas citam uma mudança na dinâmica da mediação quando são grupos agendados (escolas, professores e outros grupos organizados) e quando são grupos de visita espontânea (famílias e outros visitantes). Acreditamos que tais mudanças no atendimento seriam porque os grupos agendados têm horários marcados a serem cumpridos e são mais volumosos, demandando separação por grupos menores para um melhor atendimento. Já em relação aos visitantes espontâneos, as mediações são mais fluídas, pois conforme o público chega, ele é atendido e também pode ficar à vontade quanto a ser ou não acompanhado por um mediador, sendo que no início da apresentação da exposição o mediador menciona ao visitante essa opção.

Uma das servidoras cita também a relevância da interdisciplinaridade entre os mediadores, destacando que por terem vivências diferentes na sua formação, trazem olhares distintos sobre os temas das exposições. Esse dado corrobora com a fala de Marandino, quando diz que os mediadores “Concretizam a comunicação da instituição com o público e

propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados” (MARANDINO, 2008, p. 28).

Abordando a questão do trabalho dos mediadores da Casa da Ciência, temos conhecimento a partir do que já foi sinalizado anteriormente neste texto sobre mediação, que se trata de uma função complexa que demanda desses profissionais flexibilidade para exercer múltiplas tarefas na instituição, e deter conhecimento sobre o exposto nas exposições. (MORAES et al., 2007; MATSUURA, 2007; RODARI; MERZAGORA, 2007; NTHOUDAKI, 2008; XANTHOUDAKI, 2016).

Para que a mediação seja exercida de forma satisfatória, a instituição deve oferecer cursos de capacitação (RODARI; MERZAGORA, 2007; COSTA, 2007; MORA, 2007). Segundo as entrevistadas, a Casa da Ciência possui exposições temporárias e a cada nova exposição existe um curso de capacitação. Além disso, em todas as outras atividades que os mediadores estão envolvidos como oficinas, eventos do período de férias, atividades de final de semana etc., também contam com capacitações específicas, que tem cooperação de pesquisadores e especialistas da UFRJ e outras instituições de pesquisa (como a Fiocruz e outras universidades, por exemplo) acerca do assunto exposto.

Conforme as entrevistadas, essas capacitações voltadas para as exposições têm tempo estimado de vinte a trinta horas, divididas em turnos para que todos participem, pois os cursos de capacitação são obrigatórios. Vale destacar que uma das servidoras nos revelou que a capacitação dos mediadores teve mudanças temporais na Casa da Ciência.

Essas mudanças se deram na tentativa de incluir estes mediadores em uma imersão no conteúdo das exposições, buscando integrá-los na construção das vias de mediação das exposições, bem como pensar em uma melhor forma de abordagem dos visitantes. Essa integração é construída para poderem provocar reflexões e provocações nos visitantes ao invés de só dar respostas. Uma das entrevistadas afirma que ter um grupo multidisciplinar faz com que naturalmente você tenha abordagens diferentes sobre um mesmo assunto, versando a favor de MORAES et al. (2007) que diz que “Ele deve envolver o visitante de forma reflexiva, tornando a interação e a vivência de aprendizagem mais efetivas e intensas.” P.57.

Quando traçamos tais responsabilidades aos mediadores nas falas acima, ainda não tínhamos dimensão completa da importância que os mediadores têm para a Casa da Ciência, quando questionadas sobre isso, as servidoras concordaram e falaram frases como:

“Penso ser o principal do nosso trabalho”.

“É fundamental, eu sempre falo para eles, quando estou conversando com eles, que eles são a Casa da Ciência para o público [...] Então o trabalho do aluno, o trabalho dos nossos mediadores, é um trabalho fundamental para que a Casa da Ciência possa continuar funcionando e continuar desenvolvendo as exposições. O aluno, ele é para gente a ponta principal nas nossas apresentações.”.

Acreditamos que com essas falas fica evidente que o ponto central das ações da Casa da Ciência é relacionado ao trabalho dos mediadores em suas exposições.

Sendo assim, quando questionadas se os mediadores sentiriam a influência da pandemia na volta ao trabalho presencial e se seria possível que acontecesse o trabalho de mediação de forma híbrida de alguma forma, as servidoras concordam em dizer que a pandemia influenciará diretamente na dinâmica de mediação, especialmente por acreditarem que os mediadores devem sofrer um distanciamento maior do público devido às medidas sanitárias impostas.

Apontamos aqui, a partir dos dados obtidos, que pode haver grandes dificuldades com relação à mediação na Casa da Ciência no período pós pandêmico, devido a um possível receio dos visitantes de ambientes fechados, e pela instituição ter um salão de exposição pequeno, apesar de bem ventilado.

Já com relação ao trabalho de mediação ser possível de ser realizado de forma híbrida, as participantes discordaram. Uma acredita que pela imersão digital vivida pelas instituições museais durante o período de isolamento social, seria difícil fugir desta realidade onde a mediação não se tornasse virtual, pois essa virtualização teve muita força nos últimos tempos. Entretanto a outra servidora diz que o trabalho híbrido nos Centros e Museus de Ciência pode sim ocorrer, mas acredita que não para as áreas administrativas, já a mediação híbrida para ela não seria possível, pois não consegue imaginar uma exposição presencial sendo mediada de outra forma.

Foram destacadas também falas relacionadas a outros assuntos importantes direcionados a museus interativos e suas dificuldades de organização, higienização dos aparatos das exposições, tudo isso demanda uma atenção ainda mais rígida das equipes dos museus para que as regras sanitárias vigentes sejam respeitadas.

Destacamos que no período em que as entrevistas ocorreram a instituição tinha um plano inicial de voltar ao atendimento presencial ao público no início de 2022, mas o trabalho

de mediação só seria retomado quando a universidade como um todo retornasse, o que ocorreu entre abril e maio de 2022.

Quanto aos possíveis impactos da pandemia na Casa da Ciência, as entrevistadas apontaram pontos positivos e negativos. O lado positivo foi citado como o grande desempenho da equipe na capacidade de se reinventar, trabalhando para que uma instituição que até o momento funcionava com uma estrutura baseada em um espaço físico, se modificasse para o espaço virtual abruptamente, para manter a visibilidade da instituição pelo público, e manutenção de suas verbas mesmo que de maneira virtual, situação essa apontada de forma semelhante por Schenkel (2020, p. 3): “[...] fica evidente, por um lado, a ansiedade de instituições em se manterem visíveis e relevantes, a fim de justificar a manutenção, mesmo a portas fechadas, de equipes e patrocínios.”

A parte negativa descrita pelas participantes foi a falta de proximidade com o público, causada pelo longo tempo em que a instituição permaneceu fechada. Mesmo tendo tido sucesso nas redes sociais, acreditamos que o contato direto com o público dê um direcionamento melhor às atividades por eles propostas, destacando os pontos de sucessos e pontos a serem melhorados.

Por fim, colocamos em pauta como a instituição está lidando com as mudanças relacionadas à informatização imposta pela pandemia, e as entrevistadas concordam que foi difícil no início, já que a equipe teve que passar por capacitações para viabilizar produções de conteúdo para as redes sociais. A Casa da Ciência já possuía redes sociais ativas, com uma equipe pequena de servidores responsáveis por suas mídias, mas a pandemia fez crescer a demanda desse trabalho e mobilizou servidores que não estavam a ele habituados, corroborando com o exposto pelos autores Henriques e Lara (2021):

A busca por estratégias que relacionem ações programáticas com ambiente virtual e interatividade é de grande importância ampliar o impacto dos museus e seus acervos em um mundo cada dia mais conectado. Trata-se de uma necessidade premente em épocas de confinamento e distanciamento social. Ao desenvolver ações que possam “sair” de seus muros, o museu transcende o seu próprio espaço museal e transforma a sua mediação cultural (HENRIQUES E LARA, 2021, p.219).

### 7.1.2 Ações desenvolvidas durante o período da pandemia

O documento que relatou as atividades desenvolvidas no período da pandemia nos foi encaminhado pelos servidores da Casa da Ciência, responsáveis pela elaboração das atividades propostas aos mediadores. As ações descritas no documento têm o período de um ano: de março de 2020 a março de 2021. As atividades foram listadas mês a mês tendo como média três atividades mensais síncronas e assíncronas. Esses trabalhos foram divididos por temas e mostraram uma progressão em sua complexidade.

Na progressão de complexidades das atividades, percebemos que os temas propostos foram pensados para a melhor apropriação de conteúdos voltados às biociências e saúde, temas esses que estavam sendo amplamente discutidos em março de 2020, devido à situação pandêmica. Importa aqui lembrar que o corpo de mediação da CDC possui mediadores de variados cursos de graduação e muitos deles não têm contato com disciplinas da área de biociências e saúde. Com o aprimoramento desses saberes por todos os mediadores e a integração com os seus supervisores, as atividades geraram quatro cartilhas sobre variados aspectos da temática vírus, que até o momento das entrevistas estavam passando por processo de revisão editorial, a fim de serem disponibilizadas no *blog* da instituição.

Salientamos aqui que sabemos das dificuldades vividas por conta da urgência da aplicação das atividades virtuais em decorrência do avanço da pandemia e os impactos ocasionados nos museus. Acreditamos que essa progressão tenha sido causada por isso:

Os impactos da pandemia sobre os museus e o patrimônio cultural se desdobram em distintas problemáticas, relacionadas à gestão e à socialização (por exemplo, reestruturação de planos de sustentabilidade e sistemas/dinâmicas operacionais, parcerias e cooperações interinstitucionais, preservação, conservação e gestão de riscos para os bens culturais e para as pessoas – públicos e profissionais – estratégias de comunicação e tecnologias de informação e comunicação). Cabe ressaltar que tais efeitos são recebidos e sentidos de formas variadas, dependendo das especificidades e condições dos museus e de outras referências patrimoniais” (SALADINO e MUNIZ, 2020, p01).

Partindo desse princípio de integração entre instituição e mediadores, após a produção desse material, a Casa da Ciência propôs outras atividades, como resenhas, visualização de vídeos e participação em cursos. Destacamos aqui um dos cursos realizado pelos mediadores que levanta discussões importantes sobre a acessibilidade em museus, assunto amplamente

discutido por vários autores como essencial à prática museal (CHAGAS E STORINO, 2013; MANO, et al., 2009; NORBERTO et al 2017; SARRAF, 2008; CASTRO, 2014), que possibilitou aos mediadores a oportunidade de pensarem juntos em propostas para melhor atender o público. Essa discussão foi realizada em encontros virtuais síncronos. Importa ressaltar que a acessibilidade em museus é um tema complexo, que ainda deve ser amplamente abordado devido à sua importância.

Apesar da abrangente legislação, um esforço maior por parte da sociedade é necessário para promover a acessibilidade universal em todos os seus aspectos. Museus, Centros Culturais e espaços educativos, além de acessíveis, devem proporcionar a comunicação para todos os visitantes, permitindo que cada um possa usar seus próprios sentidos de maneira independente. A igualdade de condições para usufruir do espaço e do que está sendo apresentado é uma necessidade primordial. O contrário seria uma indesejada exclusão social. Defendemos, portanto, que mais do que uma acessibilidade plena, o público deve ser incluído no espaço museal, e isso transpassa os aspectos físicos e arquitetônicos das instituições. (CELESTE E SILVEIRA, 2019)

No relatório de atividades a partir do mês de agosto do ano de 2020, fica em maior evidência o esforço na integração da Casa com seus mediadores. Acreditamos que essa inclusão tenha sido implementada devido ao aumento do uso das mídias sociais nos museus ocasionada pelo isolamento social (SALADINO e MUNIZ, 2020; BERARDI, 2020).

Para tanto, a equipe de servidores da Casa desenvolveu uma atividade formativa de divulgação científica e mídias sociais. Os mediadores foram então separados em dois grupos, com tarefas distintas: um realizou participação direta, porém supervisionada, nas atividades de produção e de pesquisas para as mídias sociais da Casa e o outro grupo foi direcionado a ajudar na virtualização da exposição “Alzheimer”, que estava em cartaz de forma presencial, mas foi interrompida em março devido ao início da pandemia no país.

Temos ainda que destacar que uma das atividades dos mediadores foi a participação no XI Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea – CAP UERJ, o grupo de mediadores participou de atividades formativas, discussão e construção da oficina, e dois mediadores tiveram contato direto com as crianças aplicando a oficina “Naturigami” no seu ambiente virtual de ensino. E a partir do mês de janeiro de 2021, os mediadores foram integrados no planejamento de uma nova exposição denominada “Universos de Fayga” pesquisando sobre a artista usando o *Google Arts & Culture* e então foram desafiados a produzir uma obra autoral inspirada nos trabalhos da artista Fayga Ostrower, trabalhando a integração da ciência com as

artes. Os autores Marta Agostinho e Pedro Casaleiro, (2015) trazem que a comunicação da ciência por meio da arte “SciArt” é uma expressão do crescimento, da renovação e amadurecimento dessas instituições, pois o discurso trazido pela ciência é em demasiado pedagógico trazendo vantagens e desvantagens, e a arte traz a leveza nessas interlocuções.

## 7.2 Sobre os mediadores da Casa

Buscando um melhor entendimento sobre as percepções dos mediadores e os possíveis impactos causados em suas vidas, os resultados foram divididos em quatro blocos de questões que norteiam os principais objetivos desta pesquisa.

Relembrando os tópicos apresentados anteriormente, no primeiro bloco apresentamos o perfil dos mediadores; no segundo tratamos dos impactos da pandemia na vida pessoal e acadêmica dos entrevistados; no terceiro objetivamos explicar as vivências sobre a mediação em museus e, por fim, no quarto levantamos suas expectativas quanto ao trabalho de mediação no mundo pós pandemia.

### 7.2.1 Perfil dos entrevistados

Considerando o perfil dos mediadores da Casa da Ciência, nada do que encontramos foge às percepções antes obtidas na literatura. No nosso trabalho temos uma presença ligeiramente maior do gênero feminino, com idades que variam entre 22 e 26 anos e que estão fazendo graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro nas áreas de ciências naturais e em ciências sociais, humanidades, ciência e saúde.

Esses dados do perfil dos mediadores corroboram também com os dados obtidos por autores em trabalhos recentes sobre os que exercem esta função no Brasil e na América Latina (CARLÉTTI & MASSARANI, 2016, MASSARANI et al. 2021).

Os mediadores da Casa da Ciência trabalham por 20 horas semanais com auxílio remunerado por bolsa no valor atual de R\$ 400,00 reais, todos recebendo a bolsa do Sistemas de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural (SIMAP). Os indivíduos que integram o corpo de mediação da CDC têm entre quatro meses e dois anos de atuação em mediação na instituição.

Esse dado, de períodos tão diversos pode indicar uma alta rotatividade de mediadores, o que é corroborado pela literatura (CARLÉTTI E MASSARANI, 2016; RICHARD, 2010). Essa alta rotatividade pode dificultar o trabalho de desenvolvimento e capacitação dos mediadores e, conseqüentemente, a qualidade do trabalho.

Uma realidade percebida na literatura e observada em nosso trabalho, é que os mediadores no Brasil, na América Latina e até mesmo na Europa, em grande parte das vezes são mal remunerados e com um vínculo extremamente frágil com a instituição onde atuam (CARLÉTTI e MASSARANI, 2016; RICHARD, 2010). Diversos autores apontam ainda que a falta de um vínculo profissional efetivo entre o mediador e a instituição faz com que este não tenha direitos trabalhistas garantidos, o que pode contribuir ainda mais com esse cenário de fragilidade. (CARLÉTTI e MASSARANI, 2015; GOMES e CAZELLI, 2016; NORBERTO ROCHA e MARANDINO, 2020; COSTA, 2019, MASSARANI et al. 2021).

Destacamos que mesmo durante o período da pandemia, houve substituições e aplicações de editais<sup>9</sup> para novos mediadores, o que é bastante comum no dia a dia dos museus, mas também denota a fragilidade citada.

Se por um lado o vínculo dos mediadores com a instituição ocorre apenas por meio de bolsas estudantis, o que gera os problemas acima citados, por outro, a participação dos alunos nesses processos como parte de sua formação é muito importante. Esse fato é apontado por Macías e Haynes (2020), quando tratam da relação entre a Universidade e os graduandos que formam o corpo de mediadores das suas instituições. No trabalho desses autores a mediação é tratada como uma ótima oportunidade de aproximação dos graduandos com a área de divulgação científica.

O ponto em que concordamos com os autores citados acima e também encontramos nos dados desta pesquisa, é que os mediadores podem usufruir de grande aprendizado atuando nessas instituições e, ao se familiarizarem com a divulgação científica, podem expandir seus conhecimentos em áreas diferentes, abrindo possibilidades de novas vertentes de pesquisa e atuação profissional em seus cursos de graduação.

O que vem ao encontro dos dados apontados por Elysio (2019), que mostra em sua pesquisa que trabalhar com a mediação ajudou os indivíduos de seu estudo a ganhar mais

---

<sup>9</sup> Pelas regras do SIMAP, responsável pelas bolsas que a Casa da Ciência possui hoje, todos os anos os museus da UFRJ devem submeter um projeto para solicitar bolsas de mediação no edital SIMAP, bem como realizar um processo seletivo para bolsistas, não sendo permitido apenas manter os bolsistas que já atuavam na instituição.

confiança e sociabilidade, o que lhes possibilitaria se tornarem bons profissionais em qualquer campo que escolhessem.

### 7.2.2 Impactos na vida acadêmica e pessoal dos mediadores da Casa da Ciência UFRJ.

Pode-se notar que todos nós sentimos em maior ou menor grau algum tipo de impacto nos nossos cotidianos durante a pandemia e com os mediadores isso não foi diferente. Buscou-se compreender os possíveis impactos na vida social e acadêmica desses sujeitos, sendo que nos voltamos a questões relacionadas ao aspecto financeiro em um primeiro momento, tentando entender se a pandemia teria impactado essa área, tendo em vista vários fatores que implicam dificuldades nesse setor, como a fragilidade dos vínculos com as instituições e a baixa remuneração.

Os dados obtidos com relação à vida financeira dos mediadores deixaram evidenciado em nosso estudo o quanto as bolsas foram importantes no período da pandemia, tendo em vista que oito deles disseram que sofreram impactos diretos na área financeira de suas famílias, e que seis dos dez entrevistados disseram contribuir no orçamento familiar de alguma forma.

Importa ressaltar que as bolsas de extensão e pesquisa no país não sofrem nenhum tipo de reajuste desde 2012. Isso representa, segundo Dellagostin (2022) em entrevista disponível no portal Uol Educação<sup>10</sup>, 60% de defasagem dos valores por conta da inflação nas bolsas de pesquisa no país. E tendo em vista que as bolsas de extensão seguem os valores das bolsas de pesquisa, esse problema também atinge os mediadores dos museus da UFRJ. Notamos, no entanto, que ainda que o valor da bolsa seja muito baixo, ainda foi muito importante para a maioria dos entrevistados.

O ponto seguinte que trazemos à tona é em relação à percepção dos alunos acerca do fechamento de longo prazo da universidade e do uso de métodos de ensino à distância. Os dados coletados em nosso estudo revelaram os desafios significativos que esses alunos enfrentaram ao cursar graduação durante esse período. Destacamos questões relativas ao espaço (falta de privacidade, silêncio e local de estudo adequado) e na área das tecnologias

---

<sup>10</sup> <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2022/01/04/sem-reajuste-em-bolsa-de-pesquisa-federal-fundacoes-estaduais-aumentam-auxilio.htm> . Acesso em 10 de junho de 2022.

(falta de computadores, impressoras e outros recursos tecnológicos), além de questões relativas à saúde psicológica destes graduandos.

Nossa pesquisa vai ao encontro dos achados dos autores Blando, Marcílio, Franco e Teixeira (2021), que constataram que os desafios mais comuns identificados pelos graduandos durante o período de pandemia em que as aulas estavam suspensas devido à necessidade de isolamento social, estão relacionadas aos estudos, gestão do tempo e saúde mental.

Quanto aos aspectos relacionados à vida pessoal durante a pandemia, destacamos as falas relacionadas ao psicológico, onde sete de dez entrevistados mencionaram tristeza, ansiedade o uso de medicamentos durante a pandemia. Percebemos em algumas das entrevistas um certo constrangimento e mesmo um choque emocional desses participantes quando se expressam sobre o assunto em questão.

Dados oficiais publicados pela Organização Mundial da Saúde indicaram que o Brasil no período pré-pandemia apresentava um percentual superior à média mundial de pessoas com depressão. Enquanto a média é de 4,4% na população mundial, no Brasil, é em torno de 5,8%. Com relação à ansiedade, o Brasil é o com maior prevalência do mundo, 9,3% ou cerca de 18,6 milhões de pessoas. (OMS, 2020)

Além dos problemas de cunho psicológico, foram apontadas outras questões que implicaram na alteração da vida social desses mediadores, todas relacionadas diretamente ao isolamento vivenciado. Esses relatos trouxeram a dificuldade no convívio familiar devido ao aumento de convivência, falta de interação com amigos e familiares, a falta de estrutura para trabalho e estudos remotos, a escassez de atividades de lazer e novamente os problemas de cunho financeiro.

Esses dados são corroborados pelo trabalho de Banerjee (2021), que diz que além desses problemas, fica claro que o isolamento social em sua horizontalidade, apresenta muitas outras nuances além das descritas. Traz, em si, aspectos de ordem emocional, psicológica, social, cultural e política.

### 7.2.3 Vivência sobre a mediação em museus

Buscando entender sobre as vivências relacionadas à mediação dos entrevistados, observamos que estes tiveram conhecimento da vaga de mediador por meio das redes sociais, comunicação interna da universidade e através da indicação de amigos. Além disso, nenhum dos mediadores tinha experiência anterior em mediação em outra instituição.

Em relação à motivação para concorrer à vaga de mediador, as respostas giraram entre três direções principais, que foram: gostar de museus, por julgar que pode ser uma função benéfica às suas profissões após a graduação, e ter facilidade na comunicação, mesclando as suas vivências da graduação ao trabalho como mediador.

Quando indagados sobre o que mais gostam na atuação como mediadores da Casa da Ciência, as respostas tiveram uma categoria quase unânime, com nove citações entre os dez entrevistados, os mediadores disseram que a interação com o público é uma das coisas que eles mais gostam no trabalho de mediação.

Essa relação próxima entre o público e os mediadores fica evidente em outros trabalhos como dos autores Massarani, et al. (2021) que mostram o quanto os mediadores estão preocupados em trazer o melhor trabalho para o público. 70,8% dos entrevistados nessa pesquisa indicaram que acreditam ser essencial que um bom mediador se adapte ao seu público, 56,5% que ele atraia a atenção do público, 42,2% que provoque discussões sobre o assunto em questão, e 34,9% que explique os conceitos e fenômenos.

Outras falas com relação a esse assunto também ficaram evidenciadas nos nossos dados, como a boa relação entre os mediadores e a equipe de servidores da instituição, a percepção de melhora nas relações interpessoais, a associação do trabalho como mediador com o crescimento profissional, a interdisciplinaridade e a possibilidade de aprender coisas novas.

Quando tratamos da possível influência do trabalho de mediação no cotidiano da graduação desses mediadores, todos os entrevistados acreditam sofrer alguma influência na graduação. Cinco dos dez entrevistados acreditam que a mediação em um museu de ciências traz entendimento de outras áreas do conhecimento, fazendo com que eles se interessem e aprendam novas informações dessas áreas.

Outras questões relativas à influência da medição na graduação dos entrevistados estão relacionadas à melhora de habilidades de expressão e comunicação, assim como à ampliação de percepção sobre as áreas de atuação sobre a futura carreira. Salientamos que quatro deles estabelecem uma ligação direta da mediação como apoio à sua futura profissão.

Esses dados vêm ao encontro da pesquisa de Elysio (2019) que destacam que independentemente dos caminhos profissionais que escolham, a experiência como mediador contribui para o seu desenvolvimento profissional, acadêmico e pessoal.

Outro dado significativo com relação ao trabalho de mediador foi a percepção destes quanto à sua importância, nove mediadores responderam essa questão e em unanimidade se trataram como peças importantes na interlocução entre as exposições e o público.

Quando os entrevistados relatam os motivos pelos quais o mediador é importante emergem dos dados de nossa pesquisa seis categorias, destas a maioria se destaca como semelhante às encontradas na literatura.

Como por exemplo, ser ponte de interlocução e interação humana entre exposição e público, ampliar as experiências e percepções do público com as explicações e interações possíveis em cada exposição, instigar o visitante com pensamentos diferentes de sua vivência, integrar informações científicas à sua realidade, dados que corroboram com o explanado por diversos autores como Costa (2007); Mora (2007); Pavão e Leitão (2007); Xanthoudaki (2016).

Entretanto, outras categorias nos chamaram a atenção, como a preocupação em citar o acolhimento do público e a apropriação do espaço por esses visitantes, o cuidado para ouvi-los e tentar uma construção coletiva a partir do diálogo e até mesmo a preocupação com o auxílio à acessibilidade na instituição.

Acreditamos que essa preocupação de acolhimento e apropriação do espaço pelo público e sua acessibilidade tenha emergido especialmente pelos treinamentos e capacitações que esses mediadores receberam durante esse período de trabalho remoto na instituição, que podem ter trazido uma nova perspectiva sobre a sua atuação.

#### 7.2.4 Expectativas quanto ao trabalho de mediação no mundo pós pandemia

Antes de entrar no trabalho de mediação na pós pandemia, questionamos os mediadores em relação a uma possível percepção diferente das informações que recebiam sobre a pandemia por serem mediadores de um museu de ciência. Oito dos dez mediadores respondentes disseram ter uma percepção diferente das informações recebidas, citando que essa diferença se dava por terem acesso a informações de fontes confiáveis de informação/ ambiente e processos científicos devido ao seu trabalho na instituição, bem como a trabalhos efetuados na Casa da Ciência sobre o tema.

Quando questionados se haviam atuado como mediadores durante a pandemia, houve um pouco de dificuldade por parte de alguns mediadores quanto à distinção do que seria produção de conteúdo para as mídias sociais da instituição e a efetiva ação de mediação. Quatro mediadores acreditavam ter efetuado mediação quando, na verdade, estavam participando da produção de conteúdo para as mídias sociais da Casa da Ciência. Como estes não tinham contato direto com o público no trabalho que estavam exercendo, consideramos que esses trabalhos não podem ser classificados como mediação humana, conforme as definições deste trabalho.

Apenas um dos mediadores entrevistado teve contato direto com o público durante o período pesquisado, pois este participou de uma ação no XI Simpósio de Educação e Sociedade Contemporânea - Cap UERJ, onde ministrou uma oficina chamada Naturigami para crianças do ensino fundamental no ambiente virtual de ensino da instituição em questão.

Acreditamos que tal dificuldade em definir o que é de fato mediação no ambiente virtual se dá pela falta de conhecimento sobre o tema, pois, apesar de discutido por alguns autores, (LÉVY, 1998, RUIZ et al., 2005), a integração das tecnologias às ações de mediação se constituiu numa atividade nova para as instituições museais, devido à inclusão abrupta do uso das redes sociais no cotidiano museal durante a pandemia.

Outro possível motivo para essa dificuldade de definição seria a falta de distinção do seu trabalho como mediador, já que desempenharam múltiplas tarefas na instituição (MORA, 2007; MATSUURA, 2007; MORAES et al., 2007; RODARI; MERZAGORA, 2007; NTHOUDAKI, 2008; XANTHOUDAKI, 2016) mesmo exercendo suas funções remotamente.

A respeito do que acreditam sobre o futuro dos museus na pós pandemia, os mediadores seguem otimistas em suas falas, ponderando essa pauta com a reclusão social que vivemos. Esse otimismo com relação à visitação nos vem relacionado a falas que consideramos serem pautadas nos seus próprios sentimentos, de sair e conhecer coisas novas e ter novas sensações e vivências, após o grande período de isolamento social que vivenciaram.

Quando questionados se a pandemia teria mudado seu ponto de vista com relação ao seu trabalho como mediador, não houve um consenso em relação às percepções dos participantes. O que ficou evidenciado nessa questão é que, mesmo em discordância, todos os mediadores citaram que a pandemia lhes trouxe a percepção do quanto seu trabalho como mediador é importante.

No que diz respeito à volta do funcionamento dos museus, questionamos o que poderia ser diferente de antes da pandemia. Três deles disseram não saber o que poderia diferir, quatro disseram ter expectativa de que tudo voltasse ao normal como antes da pandemia, e os outros três deram sugestões de como seria esse retorno, traçando preocupação com as medidas sanitárias a serem adotadas, assim como ponderando sobre possíveis mudanças na estruturação das exposições, reformulando formatos e priorizando o atendimento gradual de modo a evitar aglomerações.

Eles acreditam também que as ações de comunicação com o público devem ser aumentadas para chamar o público de volta para o ambiente físico, além disso, apresentam certo entusiasmo ao falar sobre o assunto, traçando também pontos a respeito de uma possível ampliação do papel dos museus na área de divulgação científica. Entretanto, dois dos entrevistados dizem temer uma possível resistência do público sobre temas voltados à ciência.

Entendemos, a partir do exposto pelos participantes, que existia uma preocupação deles com a volta do público ao ambiente da Casa da Ciência. E que essa preocupação se deu pelo momento em que foram efetuadas as entrevistas (fevereiro – março de 2021), onde os índices de casos e óbitos pelo COVID-19 estavam em alta e o país ainda iniciava a vacinação.

Tratando do seu trabalho no período pós pandemia, buscamos compreender quais eram as expectativas e as sugestões para a adaptação desse trabalho ao que muitos tratam de “novo normal”. Dentro desse contexto, as respostas foram deveras negativas, apenas dois mediadores traçaram boas expectativas com relação ao futuro como mediador. Os oito entrevistados restantes se mostraram preocupados, revelando inseguranças com a situação

relativa à pandemia, como a dificuldade de comunicação e interação com o público, medo da extinção do trabalho de mediação nos museus devidos às regras postas sobre distanciamento social e às medidas sanitárias vigentes; e até mesmo o receio da substituição dos mediadores humanos por ações virtuais.

Apenas cinco dos mediadores citaram sugestões sobre a adaptação do trabalho de mediação para o período pós pandêmico, e quatro deles explanaram informações relacionadas à segurança na visitação do público com a aplicação das regras sanitárias. O outro mediador que expressou sua sugestão disse que a Casa da Ciência precisa investir em mediações virtuais.

Aproveitando a deixa dessa sugestão, buscamos saber se esses mediadores acham possível atuar em mediação virtual e se estariam confortáveis nessa modalidade. Todos os participantes informaram preferir a atuação presencial. No entanto, a privação dessa modalidade durante a pandemia implicou em pensar sobre outras possibilidades de atuação. Três participantes disseram que se sentiriam confortáveis em parte com a mediação virtual, mas que efetuariam esse trabalho apenas no contexto pandêmico. Os outros sete entrevistados acreditam ser possível também esse tipo de trabalho, porém quanto a se sentirem bem com esse formato de atuação, três se disseram confortáveis e um explicou que talvez, pois dependeria dos trabalhos, e da capacitação envolvida nesse contexto. Três disseram não sentir confortáveis com esse tipo de mediação e os motivos são variados, falam de habilidade com tecnologias envolvidas, timidez e até o medo da possível exposição de sua imagem nas mídias sociais.

Procuramos entender também qual era a visão desses participantes com relação à informatização dos museus, perguntando se eles pensam que a instituição que eles trabalham está preparada para essa informatização. Apenas um dos mediadores acredita que a Casa da Ciência está preparada para essa transformação, quatro disseram que a instituição está preparada em partes, quatro disseram não saber responder e um não respondeu. Os participantes que vislumbram essa possibilidade de informatização, mesmo que não seja completa, trazem afirmações sobre a falta de recursos para construção e manutenção de uma estrutura voltada para esse fim, bem como uma equipe direcionada exclusivamente para isso.

Gostaríamos de salientar que os mediadores teceram elogios à equipe de servidores da Casa da Ciência, demonstrando respeito e agradecimento ao trabalho efetuado no período da

pandemia, verbalizando em algumas das entrevistas o esforço e a dedicação desses trabalhadores.

Fechando o assunto sobre mediação na pós-pandemia, indagamos aos entrevistados se eles tinham interesse em permanecer como mediadores e a maioria deles disse que sim. Notamos também que ao falar do trabalho como mediador, todos se expressam com carinho e alegria pelas experiências que vivenciam e vivenciaram com o público e com os colegas de trabalho. O que corrobora com o autor Finkelstein (2005) que trata em sua pesquisa no *Exploratorium* em São Francisco, na Califórnia, do que os mediadores trazem para as suas vidas, memórias relacionadas às interações com o público do museu, além de alegar que esse trabalho lhes proporciona maior sociabilidade, confiança e autoestima.

Por fim, de modo a ter mais expressões e percepções sobre o que pensam, demos a oportunidade de os entrevistados dizerem se eles gostariam de acrescentar algo sobre o que conversamos durante a nossa entrevista, mas que nós não tivéssemos perguntado. Emergiram temas variados, que tratavam desde as dificuldades encontradas por estes na realização de seu trabalho como mediadores e criadores de conteúdo para redes sociais no período da pandemia, sendo que alguns revelaram achar as atividades propostas cansativas. Efetuaram apontamentos diretos em relação às necessidades vivenciadas por eles na capacitação para as ações presenciais. Destacaram a importância de se visitar museus, e a necessidade de ações que visem dar uma melhor visibilidade à Casa da Ciência dentro da própria UFRJ, para que ela seja mais conhecida dentro e fora da instituição. E reconheceram o acolhimento e o suporte que a equipe da Casa da Ciência lhes proporcionou durante a pandemia.

### 7.3 Entrevista de retorno

No final do ano de 2021 realizamos uma entrevista de retorno com quatro mediadores que haviam participado da pesquisa na entrevista anterior, efetuada oito meses antes, de modo a verificar se haveria alguma mudança significativa nesse período na vida pessoal, acadêmica e profissional destes sujeitos.

No primeiro questionamento tratamos de mudanças relacionadas ao trabalho e perguntamos se algo havia mudado desde nossa última entrevista. Apesar de falas empolgadas quanto à possível volta da atuação presencial destes mediadores em meados de dezembro do

ano de 2021, um depauperamento de suas falas e uma exaustão causada pela prática de atividades virtuais, tanto para seu trabalho quanto para a graduação, ficaram evidenciadas.

Novamente, quando falaram sobre as possíveis mudanças na sua vida como mediador, voltaram a trazer as dificuldades na classificação de produção de mídias sociais e mediação “*online*”. Acreditamos que tal confusão se dá por se tratar de uma condição nova de trabalho para eles e pela falta de uma classificação literal para o tema voltado diretamente para a mediação virtual em museus.

Quanto às suas vidas acadêmicas e pessoais, todos disseram ter passado por mudanças e foram trazidos alguns problemas como adoecimento de parentes e deles próprios, salientando novamente pautas voltadas à saúde mental, como problemas psicológicos como estresse e ansiedade. Expuseram também conquistas como a aprovação em concurso público, ingresso na pós-graduação na divulgação científica e a finalização do curso de graduação.

Para finalizar as entrevistas fizemos uma pergunta direcionada a terceiros, questionando se os entrevistados sabiam de alguma mudança nesses três aspectos na vida de algum colega mediador. Percebemos certo incômodo em citar colegas. Dois dos entrevistados disseram não ter contato ou integração como outros mediadores fora dos trabalhos propostos de maneira virtual, um não respondeu e o outro citou a integração com colegas que fazem licenciatura na graduação, e as trocas sobre a influência da mediação nas atividades em sala de aula.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, cerca de 95% dos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia que são apresentados no Guia de Centros e Museus de Ciência de 2009 têm como integrantes de suas equipes os mediadores. Embora trabalhos acadêmicos sobre esses trabalhadores no nosso país ainda sejam introdutórios, houve um avanço nos estudos sobre o perfil dos mediadores brasileiros. Com ajuda desse perfil já estipulado por estudos recentes, buscamos preencher uma lacuna apresentada pela ocorrência da pandemia de COVID-19, trazendo os possíveis impactos da pandemia na vida acadêmica, social e profissional dos mediadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tendo esse objetivo em mente, iniciamos o estudo buscando compreender sobre a mediação na Casa da Ciência, como se deu o início dos trabalhos com mediação na instituição, o modo de atuação e quais as atividades de manutenção das bolsas direcionadas aos mediadores, aplicadas durante a pandemia.

Acerca da Casa da Ciência, a nossa pesquisa aponta dados significativos, pois documentos que tratam de suas atividades de mediação são escassos. Apontamos através de nossos dados que a mediação na instituição teve início desde sua fundação, no ano de 1995, em sua primeira exposição. Com exposições temporárias, ocorrem também outras atividades, como seminários, palestras, cursos e oficinas simultâneas às exposições ou em seus intervalos. Além disso, a Casa da Ciência também é vista como espaço de desenvolvimento de pesquisas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Além de evidenciar que a instituição estudada possui uma equipe pequena de servidores, nossa pesquisa traz dados que apontam que tanto o número de mediadores quanto o valor de suas bolsas vêm caindo significativamente desde o ano de 2018. Esse decréscimo se deu devido à política de bolsas do Sistema de Museus, Acervos, Patrimônio Cultural (SIMAP) que segue as normas de regulamentação de bolsas de extensão do Brasil no que diz respeito aos valores, e também pela influência dos cortes orçamentários das Universidades Federais nesse mesmo período, que faz com que a quantidade de bolsas disponíveis para os entes museais da UFRJ através do edital SIMAP seja extremamente aquém do necessário para suprir todos os museus e acervos da universidade.

Esta redução de bolsas traz à tona um dado recorrente nas pesquisas sobre os mediadores do Brasil e do mundo, e que também está presente na nossa pesquisa: a

fragilidade do vínculo entre a instituição e o mediador, bem como sua baixa remuneração. Comprendemos que ainda que a mediação faça parte da formação acadêmica dos estudantes, especialmente em museus universitários, como é o caso da Casa da Ciência, essas questões levantadas interferem diretamente na vida desses mediadores, que muitas vezes dependem da bolsa para sua permanência não só nas ações do museu, mas também na própria universidade. Além disso, considerando que a mediação é um dos pilares de diversos museus e centros de ciência, ter tantos entraves e fragilidades nesse âmbito configura-se como um risco para função social da própria instituição.

Outro aspecto que destacamos, é que muitos estudos apontam a falta de um “senso comum” entre as instituições, e de um consenso quanto às competências e saberes indispensáveis para realização das atividades de mediação. (TRAN, 2008; RODARI; MATHIEU; XANTHOUDAKI, 2012) Além desses pontos, a falta de um programa de formação profissional se configura como um obstáculo para uma profissionalização da categoria.

Quanto à Casa da Ciência, apesar de todos os problemas relacionados à parte financeira, percebemos uma grande preocupação das servidoras entrevistadas com relação ao trabalho dos mediadores, ficando óbvio que sua atuação é crucial para o desenvolvimento do trabalho dessa instituição.

Um dado curioso acerca da organização da instituição é que a atuação dos mediadores se adapta a cada tipo de exposição, bem como a cada tipo de público, buscando assim trazer uma experiência prazerosa e organizada para os visitantes. O que é um grande diferencial na experiência do visitante, se apresenta, no entanto, como um grande desafio para a Casa da Ciência, pois quanto menor o número de mediadores disponível, menores as possibilidades de interação mais próxima com os visitantes, tendo em vista que cada vez mais mediadores precisam atender um número muito alto de pessoas ao mesmo tempo.

Além disso, chamamos a atenção aqui que os mediadores entrevistados têm um tempo de atuação na instituição entre quatro meses e dois anos, o que nos leva a crer que há uma rotatividade de mediadores na instituição. Essa rotatividade pode trazer possíveis problemas na execução dos trabalhos dos mediadores, dificultando o desenvolvimento das ações de mediação propostas, as capacitações e podendo, assim, prejudicar a qualidade do trabalho.

Quanto aos impactos diretos da pandemia, a nossa pesquisa mostra uma preocupação das servidoras (no momento em que as mesmas foram realizadas) com relação à volta do

trabalho de mediação num momento em que já fosse possível receber o público novamente, traçando possíveis problemas em sua execução, como distanciamento do público dos mediadores devido ao distanciamento social exigido, a preocupação do público em estar em lugares fechados e a manutenção e limpeza dos aparatos usados nas exposições que muitas vezes são interativas. Importa ressaltar que, a partir de abril de 2022, as visitas mediadas foram retomadas, respeitando todas as orientações relativas às regras sanitárias vigentes e orientadas pelo grupo de trabalho da UFRJ que responde por esse assunto.

Consideramos que a introdução das mídias sociais e digitalização das ações museais foram de extrema importância para a permanência e manutenção das instituições durante a pandemia de COVID-19. Embora tenha sido deveras desafiador para a Casa da Ciência, que trabalha com escassos recursos financeiros e um número pequeno de funcionários, os dados nos trazem aspectos positivos quando falamos nos impactos que a pandemia trouxe à instituição, especialmente no que diz respeito ao empenho da equipe em se capacitar para que um trabalho voltado exclusivamente para um espaço físico migrasse abruptamente para espaços virtuais. No entanto, como impacto negativo, a falta de interação direta com o seu público foi mencionada.

A literatura acadêmica que fala sobre as atribuições e competências para exercer a função de mediador descreve a atividade como desafiadora e difícil. Apesar desse contexto, a mediação é benéfica a esses colaboradores e os aproxima de áreas diferentes das exploradas em suas graduações, os insere na área de divulgação científica, ampliando suas percepções para novas áreas de atuação e pesquisas.

Os mediadores bolsistas da Casa da Ciência têm perfil similar ao que encontramos em outras pesquisas sobre o perfil desses indivíduos no Brasil. Observamos que os mediadores da Casa da Ciência são a maioria do sexo feminino, com idades entre 22 e 26 anos, estudantes de graduação. Recebem pelo trabalho de 20 horas semanais, no ano de 2022, uma bolsa no valor de R\$ 400,00, não tendo garantias e direitos trabalhistas como já discutido anteriormente.

Os dados que tratam dos impactos financeiros trazidos em nossa pesquisa sobre esses indivíduos durante o período de pandemia são muito importantes, pois expõem que mesmo o valor das bolsas sendo parco para suas necessidades, este foi muito importante para manutenção de despesas das famílias dos estudantes. Dos dez mediadores entrevistados, seis informaram que contribuíram parcial ou integralmente para o orçamento familiar, sendo que oito relataram ter sofrido algum tipo de impacto na renda de suas famílias. Esses dados

revelam a importância que a bolsa tem na vida desses estudantes, importância essa que vai além de seus gastos básicos no desenvolvimento das atividades de mediação e que se escancara durante a pandemia.

Vimos também que a vida pessoal dos mediadores sofreu impactos relevantes trazidos pelo isolamento social. A falta de interação entre familiares e amigos, a escassez de atividades de lazer, a falta de estrutura apropriada para execução dos trabalhos e estudos e os conflitos familiares gerados pelo aumento do período de convivência, ficam evidentes em nossos dados.

Acreditamos que os fatos relatados acima, sobre a vida social destes indivíduos, tenham influenciado diretamente em sua saúde psicológica. Nossos dados apontam que sete dos dez participantes mencionam ter sofrido de ansiedade e tristeza, bem como feito uso de medicamentos durante esse período, voltando a tratamentos psicológicos antes finalizados ou iniciando esse acompanhamento.

Quanto à vida acadêmica dos sujeitos entrevistados, notamos que o fechamento das universidades por um longo período trouxe impactos diretos para prazos de conclusão de curso e a organização das disciplinas dos graduandos, além de preocupações relacionadas à necessidade da realização de ensino remoto. Com a aplicação desse modelo de ensino, problemas estruturais (falta de privacidade, silêncio e local de estudo adequado) e tecnológicos (falta de computadores, impressoras e outros recursos tecnológicos) foram destacados em nossos dados.

Sobre as percepções desses estudantes quanto ao seu trabalho como mediador, nas entrevistas notamos que os mediadores se mostraram felizes em exercer seu trabalho, acreditam que a mediação é de extrema importância aos museus, citando em suas falas que são “pontes /interlocução/ interação humana entre as exposições e o público”. Relatam de maneira quase unânime que o que mais lhes agrada em seu trabalho é a interação com os visitantes.

Os dados apontaram também que os mediadores têm uma preocupação relacionada ao acolhimento e à apropriação do espaço por esses visitantes, buscando ouvi-los para construção coletiva das suas ideias a partir das discussões trazidas pelo tema da exposição.

Outro ponto a se destacar é acerca da boa relação que os mediadores afirmam possuir com os servidores da instituição. Afirmam também ter a percepção de que o trabalho efetuado como mediador traz melhoras significativas em suas vidas, nas relações interpessoais e na

possibilidade de ampliação de seus conhecimentos, tanto pela abordagem da instituição quanto com os seus colegas de trabalho, associando a mediação ao seu crescimento profissional.

Trouxemos também dados sobre a influência da mediação na vida acadêmica desses sujeitos, expondo que todos dizem sofrer alguma forma de influência do seu trabalho nos seus cotidianos de graduação. Destacam-se o melhor desenvolvimento das habilidades de comunicação e expressão, a ampliação da percepção sobre novas possibilidades de carreira profissional, sendo que quatro dos participantes citam o seu trabalho como um apoio direto à sua futura profissão.

Relatamos também informações consideráveis sobre o trabalho desses mediadores durante a pandemia e suas expectativas de mediação no mundo pós-pandemia. A maioria dos entrevistados sente ter uma percepção diferente das informações recebidas referentes à pandemia, por ser um mediador de museu de ciência e saber buscar e ter acesso às fontes confiáveis de informação. Outro dado significativo é que esses mediadores exerceram a divulgação científica para além das ações no museu, pois efetuaram uma interlocução importante sobre os assuntos trazidos pela pandemia em seus núcleos familiares e de amizades, combatendo “*Fake News*” e auxiliando na propagação de sites e perfis confiáveis de notícias.

Um ponto que nos chamou bastante a atenção foi acerca da percepção dos entrevistados sobre o que eles compreendiam por mediação virtual. Ao serem questionados sobre esse assunto, notamos que a maioria deles demonstrou dificuldade em discernir o que era produção de conteúdo virtual para as mídias sociais em relação ao que era mediar de forma virtual, não sabendo dizer se o que haviam realizado era uma coisa ou outra. Quatro desses entrevistados trataram o trabalho de produção de conteúdo como mediação, salientando a dificuldade em discernir entre as duas funções. Isto se relaciona ao fato da mediação virtual se tratar de um tema relativamente novo, onde até mesmo a produção acadêmica relacionada ao assunto é bastante escassa. Esta obteve importância devido à abrupta ascensão das mídias digitais na atuação museal trazida pela pandemia e por isso, muitos estudos que buscam definições ainda estão sendo desenvolvidos.

Quanto aos resultados trazidos sobre a volta ao trabalho de mediação no pós-pandemia, estes trazem dados que em sua maioria soam otimistas, acreditando que com a

aplicação de regras sanitárias, como controle de público e manutenção da limpeza, os museus devem voltar a ser visitados.

Entretanto, notamos algumas preocupações quando se trata da maneira pela qual a mediação será efetuada, trazendo à tona o receio de que o público se afaste devido ao distanciamento social exigido e ao uso de equipamentos de proteção individual, dificultando essa interação entre as partes. Destacamos uma fala em que a entrevistada mencionou receio de uma possível troca da mediação humana por ações virtuais e até mesmo a extinção da mediação em alguns museus. Acreditamos que esses receios eram devido ao período em que as entrevistas foram realizadas, em que muitos museus (especialmente os de grande porte e de fora do país) estavam realizando muitas ações de mediação virtual. No entanto, o momento atual evidencia que esses receios não se concretizaram.

Sobre o assunto relacionado à informatização da instituição e ao uso de mediação virtual, os entrevistados em sua totalidade informaram preferir a atuação presencial, e só três deles se disseram confortáveis com uma possível atuação virtual.

Após o período da realização das primeiras entrevistas, realizamos entrevistas de retorno, que tiveram o objetivo de compreender se haviam ocorrido mudanças na percepção dos estudantes sobre o que vinham vivendo. Diferentemente das primeiras entrevistas, onde muitos mostravam mais empolgação do que receio, temos que destacar o desânimo e a exaustão desses participantes quando estes tratam das atividades remotas a que foram expostos, tanto na atuação das atividades da Casa da Ciência como em sua graduação. Ainda que as falas mostrassem otimismo na reabertura da Casa da Ciência que aconteceria em breve, o cansaço dos entrevistados foi muito evidente.

Todos os entrevistados apontam que houve mudanças significativas quanto às suas vidas pessoais e acadêmicas. Algumas muito positivas, como por exemplo, a aprovação em concurso público e ingresso na pós-graduação, mas também algumas negativas, como problemas de saúde próprios ou de familiares, trazendo novamente dados sobre problemas psicológicos como ansiedade e estresse.

Por fim, a partir dos resultados obtidos e das análises realizadas, acreditamos que nossa pesquisa traz dados importantes não somente sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na vida dos mediadores que atuam na Casa da Ciência da UFRJ, mas também faz um registro importante da história e estrutura da mediação nessa instituição.

Consideramos que nosso estudo traz informações de grande valia na percepção de que as ações do museu de ciência, extremamente envolvidas com a mediação humana, necessitam de uma grande e complexa rede de manutenção de suas atividades, que envolve recursos financeiros, estruturais e humanos. Além disso, apresentamos como a atuação no museu de ciência pode se configurar como ferramenta de extrema importância no desenvolvimento de habilidades nos graduandos, sendo parte intrínseca de sua formação tanto profissional como cidadã.

Esperamos que estes dados possam auxiliar na contribuição para o aprimoramento da prática de ações de divulgação científica nos centros e museus de ciência, buscando trazer mais visibilidade à atividade do mediador e aos impactos positivos que essa atuação traz à vida acadêmica pessoal e profissional desses indivíduos, mesmo durante um período de reclusão social em decorrência de uma pandemia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, A. C. S; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 2, p. 469-489, maio-ago. 2010.

ALMEIDA, C. A. F. Os Museus e o projeto republicano brasileiro. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 5, suplemento, p. 60-79, 2012.

ALMEIDA, C.; BRITO, F.; FERREIRA, J. R.; MASSARANI, L.; AMORIM, L. (Org.). Centros e Museus de Ciência do Brasil. Rio de Janeiro: **Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência**. v. 1., 312p, 2015.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2008.

ALMEIDA, M. A. Informação, tecnologia e mediações culturais. **Perspectiva em Ciência Informação**. vol. 14, n.spe, 2009, p.184 - 200. Disponível em:<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/907/618>> Acesso em: 05 dez 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIA. **Associação brasileira de centros e Museus de Ciência** (Internet). Disponível em: <<http://www.abcmc.org.br/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DE BOTAFOGO (AMAB). **História do bairro**. (Internet). Disponível em: <<https://www.amabotafogo.org.br/historia-do-bairro>>. Acesso em: 13 maio. 2021.

AZEVEDO, M. R. P. M. **Mediação cultural na contemporaneidade**: os Museus. Dissertação (Mestrado em Museologia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.

BONATTO, M. P. O.; MENDES, I. A.; SEIBEL, M. I. Ação mediada em Museus de Ciências: o caso do Museu da Vida. In: MASSARANI, L. RODARI, P., MERZAGORA, M (org.) **Diálogos & Ciência**: mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

BRASIL. **Resultados da pesquisa desafios Covid ICOM**. Disponível em [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120\\_Tomara\\_ICOM\\_Sumario\\_Executivo\\_FINAL.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_Sumario_Executivo_FINAL.pdf). Acesso em 24 dez.2020.

BRASIL. **Congresso Nacional. Lei n.º 1.310 de 15 de janeiro de 1951**. Cria o Conselho Nacional de Pesquisas, dá outras providências[1951A]. Disponível

em:<[https://www.planalto.gov.br /civil03/leis/1950-1969/11310.htm](https://www.planalto.gov.br/civil03/leis/1950-1969/11310.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 29.741 de 11 de julho de 1951**. Institui uma Comissão para promover a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. [1951B]. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29741-11-julho-1951-336144-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BRASIL. **OMS Classifica coronavírus como pandemia**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Mediadores de centros e Museus de Ciências: um estudo sobre quem são estes atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. **Journal of Science Communication**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2015.

CARLÉTTI, C. **Mediadores de centros e Museus de Ciências brasileiros**: quem são esses atores-chave na mediação entre a ciência e o público? Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) – PGEBS/IOC, Rio de Janeiro, 2016.

CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Explainers of Science centers and museums: a study on these stakeholders in the mediation between science and the public in Brazil. **Journal of Science Communication**, v. 14, n. 02, 2015.

CAVALCANTI, A. B. Hydroxychloroquine with or without Azithromycin in Mild-to-Moderate Covid-19. **New England Journal of medicine**, v. 383, n. 21, p. 2041–2052, 2020.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In GOUVÊA, G. MARANDINO, M; LEAL, M. C. (orgs). **Educação e museu**: a construção social do caráter educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, p. 83-106, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Quadro de Áreas do conhecimento**. Disponível em: <[cnpq.br/documents/10157/186158/Quadro de Áreas do Conhecimento.pdf](http://cnpq.br/documents/10157/186158/Quadro de Áreas do Conhecimento.pdf)> Acessado em: 17 de março de 2019.

COELHO, T. **O que é ação cultural?** Brasiliense, 1989.

CONSTANTIN, A. C. C. O Espaço Ciência Viva: uma retrospectiva histórica. In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E.; SILVA, D.M.; MASCARENHAS, S. (Org.). **Educação para a ciência**: curso para treinamento em centros e Museus de Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 579-582, 2001.

COSTA, A. G. Os explicadores devem explicar? In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência**: mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 31-37, 2007.

COSTA, T. F. **Capacitação de monitores voluntários da Diversão Consciência e Arte – DICA**. Monografia (Licenciatura em Física). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2009. Gomes e Cazelli (2016).

COUNTS, C. “We Are Truly Getting Through This Together”. **Informal Learning Review**. A Publication of Informal Learning Experiences. ILR Special Issue. 2020.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Revista virtual Prisma de Ciências da Informação e Comunicação [online]**, n. 4, jun., 2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/645/pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

DECATUR, R. “Reimagining”. **Informal Learning Review**. A Publication of Informal Learning Experiences. ILR Special Issue 2020.

ESPAÇO CIÊNCIA. **Governo do Estado de Pernambuco** (Internet). Disponível em: <<http://www.espacociencia.pe.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

ESTAÇÃO CIÊNCIA. **Universidade de São Paulo** (Internet), 2016. Disponível em: <<http://www.eciencia.usp.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

FERREIRA, J. R. **Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil (2003-2012)**. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas-Biofísica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

FERREIRA, T.; BONFÁ, M.; LIBRELON, R.; JACOBUCCI, D.; MARTINS, S. **Formação de monitores do museu de ciências da DICA: preparo além da prática**. XI Encontro de Pesquisa em Ensino de Física. Curitiba, Paraná, Brasil. p. 21-24, outubro 2008.

FLETCHER, A.; LEE, M. J. (2012). Current social media uses and evaluations in American museums. **Museum Management and Curatorship**, 27 (5), pp. 505-521.

FRIEDMAN, A. J. The extraordinary growth of the science-technology museum. **Curator**, v. 1, p. 63 -75, 2007.

FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Quadro de áreas de conhecimento/avaliação**. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos\\_diversos\\_2017/QuadroAreasConhecimento\\_072012\\_atualizada\\_2017\\_v2.pdf](http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/QuadroAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf)> Acessado em: 17 de mar. de 2021.

GASPAR, A. **Museus e Centros de Ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico**. Tese (Doutorado em Educação). USP, São Paulo. 1993.

GIGLIO, R.; FERRARO, J. L. S. Formação de mediadores em museu de ciências e tecnologia. In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 6º, 2015, Canoas. **Anais eletrônicos do 6º SBECE/3ª.SIECE**. Canoas: UFRGS, 2015. Disponível em: <[http://www.sbece.com.br/site/anais\\_complementares](http://www.sbece.com.br/site/anais_complementares)>. Acesso em: 8 jan. 2021.

GRUZMAN, C.; SIQUEIRA, V. H. F. de. O papel educacional do museu de ciências: desafios e transformações conceituais. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**, v.6, n.2, p. 402423, 2007. Disponível em <[http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen6/ART10\\_Vol6\\_N2.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen6/ART10_Vol6_N2.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2016.

HASÖKSÜZ, M.; KILIÇ, S.; SARAÇ, F. Coronavírus e SARS-CoV-2. **Revista Turca de Ciências Médicas**, v. 50, n. SI-1, p. 549-556, 2020.

HAMBURGER, E. W. A popularização da ciência no Brasil. In: CRESTANA et al. (Orgs.). **Educação para a ciência: curso para treinamento em Centros e Museus de Ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 31-40, 2001 (SILVA, 2005).

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM BRASIL). “**Report: Museums, museum professionals and COVID-19**”. Paris: International Council of Museums, 26 maio 2020. Disponível em: <<https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/05/Report-Museums-and-COVID-19.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2020.

JBRJ. **Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro** (Internet). Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

JOHNSON, C. Capacitação de mediadores em centros de ciências: reflexões sobre o Techniquet. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 31-37, 2007.

LIMA, O. M. L.; CORDEIRO, N. T. Os impactos ocasionados pela Pandemia Covid-19 no Bem-estar Psicológico de Profissionais de Saúde e Professores. *Id on Line Rev.Mult. Psic.*, vol.15, n.56, p. 525-540, 2021.

LIMA, V.M.; PEREIRA, K.F. Processo de formação dos monitores do Museu de Anatomia Humana e Comparativa. **Itinerarius Reflectionis**, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20370/19200>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

LOPES, M. M. **Museu: Uma Perspectiva de Educação em Geologia**. Campinas: Tese (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP. São Paulo, 1988.

LOPES, M. M. Por que história nos Museus de Ciências? **Museu: lugar do Público**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 199-210, 2009.

SILY, P. R. M. **Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MARANDINO, M. **Educação em Museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geenf/FEUSP, v. 1, p. 48, 2008.

MARTIN, M.S.; TAMEZ, M. ‘Explainers —New energy for the museum’. **JCOM** 7 (4), C08. 2008.

MARTINS, L. **A constituição da educação em Museus:** o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre Museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo, 390 p., 2011.

MASSARANI, L., BAUER, M.W.; AMORIM, L. ‘Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova “onda” no jornalismo científico no Brasil?’ **Comunicação & Sociedade**, v. 35, n.1, p. 111–129, 2013.

MASSARANI, L.; FERREIRA, J.B.; BRITO, F. **Centros e Museus de Ciência do Brasil**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências: UFRJ. FCC. Casa de Ciência: Fiocruz. Museu da Vida, 2005.

MASSARANI, L.; FERREIRA, J.B.; BRITO, F.; AMORIM, L.; ALMEIDA, C. **Centros e Museus de Ciência do Brasil 2015**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências: UFRJ. FCC. Casa de Ciência: Fiocruz. Museu da Vida, 2015.

MATSUURA, O. T. Teatro cósmico: mediação em planetários. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência:** mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 75-79, 2007.

MCMANUS, P. Topics in museums and science education. **Studies in Science Education**, v. 20, p.157-182, 1992.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. **Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações** (Internet). Disponível em: <<http://www.mcti.gov.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MITJÀ, O. et al. A Cluster-Randomized Trial of Hydroxychloroquine for Prevention of Covid-19. **New England Journal of medicine**, v. 384, n. 5, p. 417–427, 2021.

MUSEU DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul** (Internet). Disponível em: <<http://www.pucrs.br/mct/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MENGA, L.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. (Internet). São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MORA, M. C. S. Diversos enfoques sobre as visitas guiadas nos Museus de Ciência. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência:** mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 22-27, 2007.

MORAES, R.; BERTOLETTI, J. J.; BERTOLETTI, A. C.; ALMEIDA, L. S. Mediação em Museus e Centros de Ciências: O caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 55-66, 2007.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. M. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. VII (3):627-651, nov.2000 fev.2001. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702001000600004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000600004)>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MÖRSH, C. **Numa encruzilhada de quatro discursos. Mediação e educação na documenta 12: entre Afirmação, Reprodução, Desconstrução e Transformação**. Periódico Permanente, n. 6, São Paulo, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao--reproducao-desconstrucao-e-transformacao-2>>. Acesso em: 12 dez 2021.

MPEG. **Museu Paraense Emílio Goeldi** (Internet). Disponível em: <<http://www.museu-goeldi.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MUSEU DA VIDA, **Plano museológico do Museu da Vida**. Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2017. Acessado em: [http://www.museudavida.fiocruz.br/images/educacao/planomuseologico\\_maio\\_museudavida\\_2018.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/images/educacao/planomuseologico_maio_museudavida_2018.pdf), em 23 jan.2021.

PADILLA, J. **Conceptos de museos y centros interactivos**. In: CRESTANA et al. (Orgs.). Educação para a ciência: curso para treinamento em centros e Museus de Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 113-142, 2001.

PAULA, L. M. (2017). **Para além do apertar botões: A função social dos Museus participativos de ciências**. (Tese de doutorado). Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde. Rio de Janeiro.

PAULINY, E. **Esboço histórico da Academia Brasileira de Ciências**. Brasília: CNPq. 1981. Novo estatuto <http://www.abcmc.org.br/publique1/cgi/cgilua.exe/> >Disponível em: <http://www.abcmc.org.br/publique1/cgi/cgilua.exe/?sys/start.htm?infoid=63&sid=54&user=structureeditor> Sobre < a >. Acesso em 21 nov 2021

PAVÃO, A. C.; LEITÃO, A. Hands-on? Minds-on? Hearts-on? Social-on? Explainers-on! MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 75-80, 2007.

RABAAN, A. A., et al. SARS-CoV-2, SARS-CoV e MERS-COV: uma visão comparativa. **Infez Med.**, v. 28, n. 2, p. 174-184, 2020.

RIBEIRO, M. G.; FRUCCHI, G. Mediação – a linguagem humana dos Museus. MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 67-73, 2007.

RODARI, P.; MATHIEU, A.; XANTHOUDAKI, M. The professionalization of the explainers: a european perspective. In: BUCCHI, M.; TRENCH, B. (Eds.). **12th International Conference on Public Communication of Science and Technology - PCST**. Florença: Observa Science in Society, p. 244-249, 2012.

RODARI, P.; MERZAGORA, M.; CONTI, F.; MANZOLI, F. 'Beautiful Guides — The role of professional explainers and young scientists in Science and society dialogue'. 9th **International Conference on Public Communication of Science and Technology (PCST-9)**. Seoul, Korea, 17–20 de maio de 2006.

\_\_\_\_\_; MERZAGORA, M. Mediadores em museus e centros de ciência: status, papéis e treinamento. Uma visão geral europeia. MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 8-20, 2007.

RUBINI, G.; CAMANHO, S. S.; BAZIN, M.; KURTENBACH, E.; COUTINHO-SILVA, R. A maneira de receber o público no Espaço Ciência Viva. In: MASSARANI, L.; ALMEIDA, C. (Orgs.). **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros de Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, p. 55-59, 2008.

SALADINO, A; MUNIZ, T. **No meio do caminho tinha um vírus**: reflexões sobre os impactos do COVID-19 sobre o patrimônio cultural. Disponível em: <<https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8510-no-meio-do-caminho-tinha-um-virus-reflexoes-sobre-os-impactos-do-covid-19-sobre-o-patrimonio-cultural.html>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SANJAD, N. R. **A coruja de Minerva**: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866- 1907. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 439p. Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2005.

SANJAD, N. R. **Nos jardins de São José: uma história do Jardim Botânico do Grão Pará, 1796-1873**. Dissertação (Mestrado em Geociências). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SCHENKEL, C. Em quarentena: apontamentos sobre educação em Museus em tempos de pandemia. **Porto Arte Revista de Artes Visuais**, v.25, n.43, 4 jun. 2020.

SOUZA, M. **Jovens e Museus de Ciências**: atuar como mediador no Museu da Vida pode influenciar sua formação pessoal e profissional? 2019, 135 p. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociência e Saúde) -Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro 2019.

TRAN, L. U. The professionalization of educators in science museums and centers. **Journal of Science Communication**, v.7, n.4, 2008. Disponível em: <<http://jcom.sissa.it/archive/04/04/C040401/jcom0404%282005%29C01.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

UNESCO. **Unesco Report: Museums around the World in the Face of COVID-19**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2020.

Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530>>. Acesso em: 30 maio 2020.

UNESCO: **Pandemia pode levar a fechamento de 13% dos Museus do mundo/ONUnews**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713972>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SCHENKEL, C. Em quarentena: apontamentos sobre educação em museus em tempos de pandemia. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, [S. l.], v. 25, n. 43, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/108108>>.

VALENTE, M. E. **Educação em museu: o público de hoje no museu de ontem**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1995, 208 p.

VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

WAGENSBERG, J. Princípios fundamentais da museologia científica moderna. In: MASSARANI, L. M.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. C. (Orgs.). **Terra incógnita: a interface entre a ciência e público**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: Fiocruz, p. 133-138, 2005B.

WAGENSBERG, J. The “total” museum, a tool for social change. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (supplement), p. 309-21, 2005A.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Repurposed antiviral drugs for COVID-19 – interim WHO SOLIDARITY trial results. **N Engl J Med.**, v. 384, p. 497–511, 2021.

XANTHOUDAKI, M. “Bird of another feather”: re-envisioning professional development for museum learning experts. **Journal of Science Communication**, v. 15, n. 4, 2016. Disponível em: <[http://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM\\_1504\\_2016\\_C03.pdf](http://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1504_2016_C03.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ZANA, B. History of the museums, the mediators and scientific education. **Journal of Science Communication**, v.4, n.4, 2005. Disponível em: <<http://jcom.sissa.it/archive/04/04/C040401/C040402/jcom0404%282005%29C02.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I - Roteiro da entrevista com os mediadores

Data da entrevista: \_\_/\_\_/\_\_

Número da entrevista:

### Características pessoais

01. Nome:
02. Idade:
03. Sexo:
04. Lugar de nascimento:
05. Lugar de residência:
06. Grau de escolaridade:
07. Já fez curso superior? Se sim, qual? Em que universidade?
08. Se está cursando algum curso, dizer qual, em que instituição é e em que período está?
09. Já trabalhou em outras atividades? Se sim, quais?
10. Já foi monitor ou bolsista de iniciação científica? Se sim, qual era o tema do seu trabalho?
11. Já trabalhou com ensino de algum modo? Se sim, dê exemplos?
12. Você ajuda financeiramente em casa, a pandemia influenciou na vida econômica de sua família?
13. Como a pandemia impactou sua vida pessoal?

### Vivências sobre a mediação em Museus.

14. Como soube da oportunidade de trabalhar como mediador?
15. Como você se interessou por ser mediador nesta instituição?
16. Já foi mediador de outro museu? Se sim, qual ou quais?
17. Há quanto tempo é bolsista ou voluntário no museu ou Centro de Ciência?
18. Especifique o(s) nome(s) da exposição(ões) ou módulo(s) que atuou ou atua no museu ou Centro de Ciência?
19. Qual a influência da mediação em seu cotidiano da graduação?
20. O que mais gosta no trabalho como mediador?
21. Qual a influência da mediação em seu cotidiano da graduação?

**Expectativas quanto ao trabalho de mediação no mundo pós pandemia.**

22. Por ser mediador de Museus de Ciência você acha que a pandemia influenciou na sua visão de mundo, de alguma maneira? Se sim como?
23. Você teve a oportunidade de atuar como mediador durante a pandemia do novo Corona vírus? Se sim, como foi essa experiência?
24. Você acha que os Museus vão continuar a serem visitados no futuro?
25. A pandemia mudou o seu ponto de vista com relação ao seu trabalho como mediador?
26. O que será diferente no seu ponto de vista nos Museus e Centros de Ciência e Tecnologia?
27. Quais são suas expectativas sobre o trabalho de mediação em um mundo pós pandemia? Quais seriam suas sugestões para adaptá-lo ao “novo normal”?
28. Você acha viável uma mediação online? Se sim, se sentiria à vontade para fazer este tipo de trabalho?
29. Acha que a instituição está preparada para tal informatização?
30. Você pretende continuar atuando como mediador na pós pandemia?

## APÊNDICE II – Termo de consentimento livre e esclarecido para os mediadores

a) CONVITE: O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa “Os mediadores da casa da ciência UFRJ e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)” sob responsabilidade da pesquisadora responsável Isabela Cabral Félix de Sousa e pesquisadora Aline Maria Andrade de Oliveira da Fundação Oswaldo Cruz.

b) JUSTIFICATIVA: Esta pesquisa busca elucidar os principais desafios que os mediadores de Museus e centro de ciência vivenciaram com o isolamento social aplicado como medida sanitária para contenção de contágio da COVID-19 e quais são os desafios e perspectivas para aplicação da mediação em Museus em mundo pós pandemia com a aplicação do distanciamento social.

c) OBJETIVOS: Os objetivos desta pesquisa são, identificar os desafios vivenciados pelos mediadores da Casa da ciência da UFRJ durante a aplicação do isolamento social, quais foram os impactos da pandemia em sua vida cotidiana e acadêmica e as suas implicações e perspectivas com relação ao trabalho de mediador nas ações museológicas nos pós pandemia.

d) PROCEDIMENTOS: Para participar voluntariamente desta pesquisa, apenas precisa comparecer a 1 encontro virtual ou físico, para ser entrevistado(a) e responder algumas perguntas sobre suas experiências e impactos na pandemia em sua vida acadêmica e cotidiana. Esta entrevista será gravada em vídeo e áudio, a partir da sua autorização ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta entrevista ocorrerá no horário que estiver disponível, com duração aproximada de 1 hora, no local aonde for mais acessível e confortável para o(a) senhor(a).

e) POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS: Esta pesquisa foi planejada para garantir que não causará riscos à sua saúde física e mental, não sendo provável, também, que cause desconforto emocional. Se o(a) senhor(a) se sentir desconfortável em responder alguma pergunta durante a entrevista, tem a liberdade de não a responder ou interromper a sua participação na pesquisa em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Caso sint

rubrica pesquisador
rubrica participante

algum desconforto psicológico, as pesquisadoras comprometem-se em orientá-lo(a) e a conversar sobre o mesmo.

f) **BENEFÍCIOS:** Sua colaboração voluntária em relatar suas experiências durante a pandemia como mediador(a) nesta instituição pode contribuir para o aprimoramento do processo de reestruturação de apoio e incentivo a mediação em Museus de Ciência e tecnologia envolvidos, presando para que esta prática continue ativa nestas instituições e dando a devida importância a esta função de mediador que ainda é pouco difundida no Brasil.

g) **ESCLARECIMENTOS:** Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou queira se informar mais sobre a pesquisa e as pesquisadoras, o(a) senhor(a) pode procurar as pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira para explicar qualquer dúvida.

h) **LIBERDADE:** Nesta entrevista, está garantido o respeito a sua rotina, o sigilo e anonimato das suas informações fornecidas para esta pesquisa. O(a) senhor(a) também tem o direito de recusar participar do estudo ou retirar seu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo ao seu trabalho como pesquisador(a) e orientador(a).

i) **SEM GASTOS E REMUNERAÇÃO:** A participação do(a) senhor(a) foi planejada para não ter nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada a sua participação nesta pesquisa.

j) **SIGILO E PRIVACIDADE:** As suas informações serão gravadas em vídeo e áudio, durante a entrevista, mas apenas as pesquisadoras desta pesquisa terão acesso tendo em vista realizar os objetivos desta pesquisa. O (a) senhor(a) tem a garantia do sigilo e da confidencialidade dos seus dados.

k) **DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS:** Os resultados desta pesquisa serão divulgados em uma dissertação de Mestrado, seminários, artigos e pôsteres. Seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificá-lo(a) está mantido em sigilo.

rubrica pesquisador

rubrica participante

l) DÚVIDAS: Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas sobre a pesquisa, pode entrar em contato com as pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira, pelo endereço do Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Av. Brasil, 4.365 – Manginhos – EPSJV, 3º andar, sala 308 – Rio de Janeiro-RJ. Também pode entrar em contato com as pesquisadoras pelo telefone (21) 3865-9740 / (21) 9701-77030; e-mail [isabela.felix@fiocruz.br](mailto:isabela.felix@fiocruz.br) e [aline.oliveira@ioc.fiocruz.br](mailto:aline.oliveira@ioc.fiocruz.br). Caso se considere prejudicado(a) na sua dignidade e autonomia, também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz/Instituto Oswaldo Cruz (CEP Fiocruz/IOC) localizado na Av. Brasil, 4.036 – Campus Expansão – 7º andar, sala 705 – Rio de Janeiro-RJ. Também pode consultar o Comitê pelo e-mail: [cepfiocruz@ioc.fiocruz.br](mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br) e telefone: (21) 3882-9011.

m) QUERO PARTICIPAR. O QUE DEVO FAZER? Se concorda em participar da pesquisa, de acordo com as exigências e orientações acima, assine seu nome completo nos locais indicados abaixo. O(a) senhor(a) também deve rubricar seu nome neste Termo em todas as páginas e assinar seu nome nos locais assinalados. Este Termo também será rubricado e assinado pela pesquisadora responsável em duas Vias de igual teor. Uma Via ficará com o senhor(a) e outra com a pesquisadora. Desde já, agradeço o seu consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter sido suficientemente informado pelas pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira sobre a “Os mediadores da casa da ciência UFRJ e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)”. Declaro que estou ciente dos propósitos desta pesquisa, de como será minha participação, dos procedimentos decorrentes desta pesquisa e da isenção de despesas, das garantias de sigilo e do anonimato de todos os meus dados e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e que os dados obtidos nesta investigação sejam utilizados em anonimato para fins científicos, divulgação em eventos e publicações. Também autorizo a gravação em vídeo e áudio de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Recebi uma Via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, li e concordo em participar da pesquisa.

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

Nome do(a) voluntário(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ (nome da pesquisadora responsável)

declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste(a) voluntário(a) para a sua participação neste estudo.

Nome do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

**(Dados da Pesquisadora Principal)**

*Isabela Cabral Félix de Sousa*

*Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

*Av. Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV - 3º andar – sala 308*

*Telefone: (21) 3865-9740*

*e-mail: [isabela.felix@fiocruz.br](mailto:isabela.felix@fiocruz.br)*

**(Dados da Pesquisadora)**

*Aline Maria Andrade de Oliveira*

*Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

*Av. Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV - 3º andar – sala 308*

*Celular. :(21) 97599-9015*

*Telefone: (21) 3865-9740*

*e-mail: [aline.oliveira@ioc.fiocruz.br](mailto:aline.oliveira@ioc.fiocruz.br)*

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

*(Dados do CEP-IOC – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos)*

**Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz  
/Instituto Oswaldo Cruz  
– CEP Fiocruz/IOC)**

*Av. Brasil, 4036 – Campus Expansão - 7º andar - sala 705*

*Telefone: (21) 3882-9011*

*E-mail: [cepfiocruz@ioc.fiocruz.br](mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br)*

<b>rubrica</b>	<b>rubrica</b>
<b>participante</b>	<b>pesquisador</b>

### APÊNDICE III - Roteiro da entrevista com as servidoras

Data da entrevista: \_\_/\_\_/\_\_

Número da entrevista: \_\_\_\_\_

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo
4. Grau de escolaridade:
5. Qual a sua formação ou formações?
6. Qual é o seu cargo na Casa da Ciência? E há quanto tempo?
7. Você pode me descrever quais são as atividades realizadas na Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)? Qual (is) atividade(s) destas você atua ou já trabalhou?
8. Quantos são os trabalhadores da Casa da Ciência? Em que funções eles atuam?
9. Qual o número atual total de bolsistas e voluntários na Casa da Ciência? Qual era o número total de bolsistas e voluntários na Casa da Ciência antes da Pandemia
10. Você poderia relatar como se deu o início das atividades de mediação na Casa da Ciência, e como elas eram pensadas? Elas se modificaram de lá para cá ou não?
11. Poderia me explicar como é (são) realizada (s) a mediação nas exposições?
12. Existem ou não treinamentos ou capacitações para os mediadores? Se sim como são feitos, com que frequência(s) e qual o total ou totais de carga horária? E se são feitos, quais são os objetivos dos mesmos? Eles são obrigatórios ou não?
13. Qual é a importância da mediação nos trabalhos da Casa da Ciência?
14. Você acha que a Pandemia de SARS-CoV-2 vai influenciar no modo como os mediadores atuam quando voltarem os trabalhos presenciais? É possível que haja trabalhos híbridos?
15. Qual o impacto mais significativo que a pandemia causou na Casa da Ciência na sua visão?
16. Como acha que a Casa da Ciência está lidando com a informatização causada pela pandemia?
17. Como tem sido implementado o financiamento dos mediadores durante a Pandemia?

## **APÊNDICE IV – Termo de consentimento livre e esclarecido para as servidoras entrevistadas**

a) CONVITE: O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa “Os mediadores da casa da ciência UFRJ e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)” sob responsabilidade da pesquisadora responsável Isabela Cabral Félix de Sousa e pesquisadora Aline Maria Andrade de Oliveira da Fundação Oswaldo Cruz.

b) JUSTIFICATIVA: Esta pesquisa busca elucidar os principais desafios que os mediadores de Museus e centro de ciência vivenciaram com o isolamento social aplicado como medida sanitária para contenção de contágio da COVID-19 e quais são os desafios e perspectivas para aplicação da mediação em Museus em mundo pós pandemia com a aplicação do distanciamento social.

c) OBJETIVOS: Os objetivos desta pesquisa são, identificar os desafios vivenciados pelos mediadores da Casa da ciência da UFRJ durante a aplicação do isolamento social, quais foram os impactos da pandemia em sua vida cotidiana e acadêmica e as suas implicações e perspectivas com relação ao trabalho de mediador nas ações museológicas nos pós pandemia.

d) PROCEDIMENTOS: Para participar voluntariamente desta pesquisa, apenas precisa comparecer a 1 encontro virtual ou físico, para ser entrevistado(a) e responder algumas perguntas sobre suas experiências como servidor(a) na Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta entrevista será gravada em vídeo e áudio, a partir da sua autorização ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta entrevista ocorrerá no horário que estiver disponível, com duração aproximada de 1 hora, no local aonde for mais acessível e confortável para o(a) senhor(a).

e) POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS: Esta pesquisa foi planejada para garantir que não causará riscos à sua saúde física e mental, não sendo provável, também, que cause desconforto emocional. Se o(a) senhor(a) se sentir desconfortável em responder alguma pergunta durante a entrevista, tem a liberdade de não a responder ou interromper a sua participação na pesquisa em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Caso sinta algum desconforto psicológico, as pesquisadoras comprometem-se em orientá-lo(a) e a conversar sobre o mesmo.

f) **BENEFÍCIOS:** Sua colaboração voluntária em relatar suas experiências como servidor nesta instituição pode contribuir para esclarecimento de fatos relativos ao início dos trabalhos com mediadores na instituição, do processo de reestruturação de apoio e incentivo a mediação em Museus de Ciência e tecnologia envolvidos, presando para que esta prática continue ativa nestas instituições e dando a devida importância a esta função de mediador que ainda é pouco difundida no Brasil.

g) **ESCLARECIMENTOS:** Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou queira se informar mais sobre a pesquisa e as pesquisadoras, o(a) senhor(a) pode procurar as pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira para explicar qualquer dúvida.

h) **LIBERDADE:** Nesta entrevista, está garantido o respeito a sua rotina, o sigilo e anonimato das suas informações fornecidas para esta pesquisa. O(a) senhor(a) também tem o direito de recusar participar do estudo ou retirar seu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo ao seu trabalho como pesquisador(a) e orientador(a).

i) **SEM GASTOS E REMUNERAÇÃO:** A participação do(a) senhor(a) foi planejada para não ter nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada a sua participação nesta pesquisa.

j) **SIGILO E PRIVACIDADE:** As suas informações serão gravadas em vídeo e áudio, durante a entrevista, mas apenas as pesquisadoras desta pesquisa terão acesso tendo em vista realizar os objetivos desta pesquisa. O (a) senhor(a) tem a garantia do sigilo e da confidencialidade dos seus dados.

k) **DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS:** Os resultados desta pesquisa serão divulgados em uma dissertação de Mestrado, seminários, artigos e pôsteres. Seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificá-lo(a) está mantido em sigilo.

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

l) DÚVIDAS: Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas sobre a pesquisa, pode entrar em contato com as pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira, pelo endereço do Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Av. Brasil, 4.365 – Manguinhos – EPSJV, 3º andar, sala 308 – Rio de Janeiro-RJ. Também pode entrar em contato com as pesquisadoras pelo telefone (21) 3865-9740 / (21) 9701-77030; e-mail [isabela.felix@fiocruz.br](mailto:isabela.felix@fiocruz.br) e [aline.oliveira@ioc.fiocruz.br](mailto:aline.oliveira@ioc.fiocruz.br). Caso se considere prejudicado(a) na sua dignidade e autonomia, também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz/Instituto Oswaldo Cruz (CEP Fiocruz/IOC) localizado na Av. Brasil, 4.036 – Campus Expansão – 7º andar, sala 705 – Rio de Janeiro-RJ. Também pode consultar o Comitê pelo e-mail: [cepfiocruz@ioc.fiocruz.br](mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br) e telefone: (21) 3882-9011.

m) QUERO PARTICIPAR. O QUE DEVO FAZER? Se concorda em participar da pesquisa, de acordo com as exigências e orientações acima, assine seu nome completo nos locais indicados abaixo. O(a) senhor(a) também deve rubricar seu nome neste Termo em todas as páginas e assinar seu nome nos locais assinalados. Este Termo também será rubricado e assinado pela pesquisadora responsável em duas Vias de igual teor. Uma Via ficará com o senhor(a) e outra com a pesquisadora. Desde já, agradeço o seu consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter sido suficientemente informado pelas pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira sobre a “Os mediadores da casa da ciência UFRJ e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)”. Declaro que estou ciente dos propósitos desta pesquisa, de como será minha participação, dos procedimentos decorrentes desta pesquisa e da isenção de despesas, das garantias de sigilo e do anonimato de todos os meus dados e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e que os dados obtidos nesta investigação sejam utilizados em anonimato para fins científicos, divulgação em eventos e publicações. Também autorizo a gravação em vídeo e áudio de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Recebi uma Via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, li e concordo em participar da pesquisa.

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

Nome do(a) voluntário(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ (nome da pesquisadora responsável)  
declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e  
Esclarecido deste(a) voluntário(a) para a sua participação neste estudo.

Nome do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

**(Dados da Pesquisadora Principal)**

*Isabela Cabral Félix de Sousa*

*Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola  
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

*Av. Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV - 3º andar – sala 308*

*Telefone: (21) 3865-9740*

*e-mail: [isabela.felix@fiocruz.br](mailto:isabela.felix@fiocruz.br)*

**(Dados da Pesquisadora)**

*Aline Maria Andrade de Oliveira*

*Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola  
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

*Av. Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV - 3º andar – sala 308*

*Celular. :(21) 97599-9015*

*Telefone: (21) 3865-9740*

*e-mail: [aline.oliveira@ioc.fiocruz.br](mailto:aline.oliveira@ioc.fiocruz.br)*

**(Dados do CEP-IOC – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos)**

**Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz  
/Instituto Oswaldo Cruz  
– CEP Fiocruz/IOC)**

rubrica pesquisador	
rubrica participante	

*Av. Brasil, 4036 – Campus Expansão - 7º andar - sala 705*

*Telefone: (21) 3882-9011*

*E-mail: [cepfiocruz@ioc.fiocruz.br](mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br)*

## **APÊNDICE V - Roteiro da entrevista de retorno com os mediadores**

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Número da entrevista anterior:

1: Na sua perspectiva, algo mudou em relação à sua vida como mediador desde que fizemos a entrevista?

2: E quanto a sua vida acadêmica e pessoal, algo mudou desde que fizemos a entrevista?

3. E de algum colega seu mediador você soube de mudanças em alguns destes três aspectos (atividade profissional de mediador, vida acadêmica e vida pessoal)?

## APÊNDICE VI – TCLE da entrevista de retorno com os mediadores

a) CONVITE: O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa “Os mediadores da casa da ciência UFRJ e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)” sob responsabilidade da pesquisadora responsável Isabela Cabral Félix de Sousa e pesquisadora Aline Maria Andrade de Oliveira da Fundação Oswaldo Cruz.

b) JUSTIFICATIVA: Esta pesquisa busca elucidar os principais desafios que os mediadores de Museus e centro de ciência vivenciaram com o isolamento social aplicado como medida

sanitária para contenção de contágio da COVID-19 e quais são os desafios e perspectivas para aplicação da mediação em Museus em mundo pós pandemia com a aplicação do distanciamento social.

c) OBJETIVOS: Os objetivos desta pesquisa são, identificar os desafios vivenciados pelos mediadores da Casa da ciência da UFRJ durante a aplicação do isolamento social, quais foram os impactos da pandemia em sua vida cotidiana e acadêmica e as suas implicações e perspectivas com relação ao trabalho de mediador nas ações museológicas nos pós pandemia.

d) PROCEDIMENTOS: Para participar voluntariamente desta pesquisa, apenas precisa comparecer a 1 encontro virtual ou físico, para ser entrevistado(a) e responder algumas perguntas sobre suas experiências e impactos na pandemia em sua vida acadêmica e cotidiana. Esta entrevista será gravada em vídeo e áudio, a partir da sua autorização ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta entrevista ocorrerá no horário que estiver disponível, com duração aproximada de 1 hora, no local aonde for mais acessível e confortável para o(a) senhor(a).

e) POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS: Esta pesquisa foi planejada para garantir que não causará riscos à sua saúde física e mental, não sendo provável, também, que cause desconforto emocional. Se o(a) senhor(a) se sentir desconfortável em responder alguma pergunta durante a entrevista, tem a liberdade de não a responder ou interromper a sua participação na pesquisa em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Caso sinta algum

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

desconforto psicológico, as pesquisadoras comprometem-se em orientá-lo(a) e a conversar sobre o mesmo.

f) **BENEFÍCIOS:** Sua colaboração voluntária em relatar suas experiências durante a pandemia como mediador(a) nesta instituição pode contribuir para o aprimoramento do processo de reestruturação de apoio e incentivo a mediação em Museus de Ciência e tecnologia envolvidos, presando para que esta prática continue ativa nestas instituições e dando a devida importância a esta função de mediador que ainda é pouco difundida no Brasil.

g) **ESCLARECIMENTOS:** Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou queira se informar mais sobre a pesquisa e as pesquisadoras, o(a) senhor(a) pode procurar as pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira para explicar qualquer dúvida.

h) **LIBERDADE:** Nesta entrevista, está garantido o respeito a sua rotina, o sigilo e anonimato das suas informações fornecidas para esta pesquisa. O(a) senhor(a) também tem o direito de recusar participar do estudo ou retirar seu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo ao seu trabalho como pesquisador(a) e orientador(a).

i) **SEM GASTOS E REMUNERAÇÃO:** A participação do(a) senhor(a) foi planejada para não ter nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada a sua participação nesta pesquisa.

j) **SIGILO E PRIVACIDADE:** As suas informações serão gravadas em vídeo e áudio, durante a entrevista, mas apenas as pesquisadoras desta pesquisa terão acesso tendo em vista realizar os objetivos desta pesquisa. O (a) senhor(a) tem a garantia do sigilo e da confidencialidade dos seus dados.

k) **DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS:** Os resultados desta pesquisa serão divulgados em uma dissertação de Mestrado, seminários, artigos e pôsteres. Seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificá-lo(a) está mantido em sigilo.

rubrica pesquisador	
rubrica participante	

l) DÚVIDAS: Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas sobre a pesquisa, pode entrar em contato com as pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira, pelo endereço do Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Av. Brasil, 4.365 – Manguinhos – EPSJV, 3º andar, sala 308 – Rio de Janeiro-RJ. Também pode entrar em contato com as pesquisadoras pelo telefone (21) 3865-9740 / (21) 9701-77030; e-mail [isabela.felix@fiocruz.br](mailto:isabela.felix@fiocruz.br) e [aline.oliveira@ioc.fiocruz.br](mailto:aline.oliveira@ioc.fiocruz.br). Caso se considere prejudicado(a) na sua dignidade e autonomia, também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz/Instituto Oswaldo Cruz (CEP Fiocruz/IOC) localizado na Av. Brasil, 4.036 – Campus Expansão – 7º andar, sala 705 – Rio de Janeiro-RJ. Também pode consultar o Comitê pelo e-mail: [cepfiocruz@ioc.fiocruz.br](mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br) e telefone: (21) 3882-9011.

m) QUERO PARTICIPAR. O QUE DEVO FAZER? Se concorda em participar da pesquisa, de acordo com as exigências e orientações acima, assine seu nome completo nos locais indicados abaixo. O(a) senhor(a) também deve rubricar seu nome neste Termo em todas as páginas e assinar seu nome nos locais assinalados. Este Termo também será rubricado e assinado pela pesquisadora responsável em duas Vias de igual teor. Uma Via ficará com o senhor(a) e outra com a pesquisadora. Desde já, agradeço o seu consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter sido suficientemente informado pelas pesquisadoras Isabela Cabral Félix de Sousa e Aline Maria Andrade de Oliveira sobre a “Os mediadores da casa da ciência UFRJ e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2)”. Declaro que estou ciente dos propósitos desta pesquisa, de como será minha participação, dos procedimentos decorrentes desta pesquisa e da isenção de despesas, das garantias de sigilo e do anonimato de todos os meus dados e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e que os dados obtidos nesta investigação sejam utilizados em anonimato para fins científicos, divulgação em eventos e publicações. Também autorizo a gravação em vídeo e áudio de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Recebi uma Via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, li e concordo em participar da pesquisa.

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

Nome do(a) voluntário(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ (nome da pesquisadora responsável)  
declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre  
Esclarecido deste(a) voluntário(a) para a sua participação neste estudo.

Nome do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

**(Dados da Pesquisadora Principal)**

*Isabela Cabral Félix de Sousa*

*Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola*

*Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

*Av. Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV - 3º andar – sala 308*

*Telefone: (21) 3865-9740*

*e-mail: [isabela.felix@fiocruz.br](mailto:isabela.felix@fiocruz.br)*

**(Dados da Pesquisadora)**

*Aline Maria Andrade de Oliveira*

*Laboratório de Iniciação Científica da Educação Básica – Lic-Provoc Fiocruz/Escola*

*Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

*Av. Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV - 3º andar – sala 308*

*Celular. :(21) 97599-9015*

*Telefone: (21) 3865-9740*

*e-mail: [aline.oliveira@ioc.fiocruz.br](mailto:aline.oliveira@ioc.fiocruz.br)*

**(Dados do CEP-IOC – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos)**

**Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz**

**/Instituto Oswaldo Cruz**

**– CEP Fiocruz/IOC)**

rubrica	pesquisador
rubrica	participante

*Av. Brasil, 4036 – Campus Expansão - 7º andar - sala 705*

*Telefone: (21) 3882-9011E-mail: [cepfiocruz@ioc.fiocruz.br](mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br)*